

pela sorte, que a vidente esteve algum dia encerrada como louca, e que todas as incríveis curas de Lourdes, julgadas sobrenaturaes por homens de sciencia e pessoas competentes, eram falsas no todo ou em parte.

Ninguem acceitou, como cumpria, este desafio; e as mentiras ousadas continuaram a correr.

A simples consideração d'estes factos podia bastar para convencer os mais refractarios de que as affirmações emittidas em taes circumstancias, por observadores destituídos de toda a lealdade, não podiam ser fructos de estudos scientificos bem guiados pelas regras mais elementares.

Tinhamos pois o direito de recusar fé a esses estudos, considerando-os como imaginarios e arbitrarios: demais a mais sendo dado que mesmo os seus auctores não lhes ligam grande importancia. Mas sejamos generosos. Concedamos que todas essas mesquinhas divagações sobre os factos de Lourdes, em nome da sciencia medica, são a pura e verdadeira expressão da convicção mais intima, e que assentam n'um consciencioso exame, que apresentam todo o rigor scientifico e são obra de pessoas competentes, leaes e animadas da mais completa boa fé.

Todavia, as objecções formuladas em nome da sciencia medica contra os acontecimentos de Lourdes ganharão assim mais credito?

As visões de Bernardette serão simples hallucinações? e as curas miraculosamente realisadas pelas aguas da gruta de Massabielle serão apenas illusões de cerebros doentios, ou suggestões actuando em cabeças neuropathas? De certo não!

(Continúa).



Congresso nacional de tuberculose em Coimbra

ESTATISTICA IMPORTANTE

Em uma das sessões do Congresso nacional de tuberculose, que, como já dissemos, se realisou em Coimbra de 24 a 27 de março, o illustre professor da Universidade sr. Dr. Augusto Rocha apresentou um diagramma da mortalidade da tuberculose em Lisboa, nos ultimos annos, comparada com a mortalidade produzida por outras doenças. A estatistica é deveras assustadora, e vê-se por ella quanto é indispensavel combater a implacavel doença por todos os meios que a sciencia aconselha, especialmente por uma vigilancia constante sobre a hygiene publica.

Esta estatistica, como a de todos os grandes centros onde ella se fizesse, prova a dolorosissima verdade d'estas palavras do sabio congressista hespanhol sr. D. Antonio Espina y Capo: «A setima parte da humanidade morre de tuberculose. Sommadadas as mortes produzidas pela diphteria, febre typhoide, variola, escarlatina, sarampo, cholera, e, n'uma palavra, pelas enfermidades mais mortiferas, não dão uma cifra tão aterradora como a que por si só produz a tuberculose, não só na raça humana, mas ainda na dos animaes mais uteis, já para a nossa alimentação, já para nos ajudarem ao trabalho. — A tuberculose reina por tal forma no mundo, que em algumas regiões da França a sua mortalidade sobe

a 22 por cento. É uma enfermidade de tal importancia que dizima as populações, e que ha de acabar com a raça humana, se não se tomarem medidas efficazes e se não se empregarem remedios urgentes para a combater.»

Na impossibilidade de reproduzirmos o diagramma, publicamos em seguida, por algarismos, a seguinte

Estadística da mortalidade da tuberculose comparada com a de outras doenças infecciosas em Lisboa

Mezes	Sarampo	Variola	Diphtheria	Febre typhoide	Tuberculose	
1887	Janeiro	—	—	—	—	
	Fevereiro	3	7	9	2	108
	Março	6	41	6	5	110
	Abril	5	15	3	11	110
	Maió	7	20	10	7	119
	Junho	4	23	1	8	129
	Julho	8	40	1	9	122
	Agosto	2	41	4	10	133
	Setembro	13	38	4	5	129
	Outubro	3	64	5	14	123
	Novembro	9	25	2	13	111
	Dezembro	6	129	6	7	119
<i>Somma</i>	66	413	51	91	1:313	
1888	Janeiro	0	84	9	18	118
	Fevereiro	0	56	4	19	133
	Março	6	56	5	9	129
	Abril	5	37	4	8	125
	Maió	10	17	5	6	118
	Junho	20	8	4	10	129
	Julho	15	44	3	8	142
	Agosto	14	25	6	12	126
	Setembro	11	13	2	7	134
	Outubro	15	7	5	11	150
	Novembro	3	2	1	7	117
	Dezembro	5	7	3	18	123
<i>Somma</i>	104	326	51	133	1:544	

Mezes	Sarampo	Variola	Difteria	Febre typhoide	Tuberculose	
1889	Janeiro	10	6	5	10	117
	Fevereiro	20	17	3	5	128
	Março	24	15	5	17	130
	Abril	35	14	5	10	138
	Maio	25	25	14	3	137
	Junho	19	15	5	7	123
	Julho	9	10	9	4	124
	Agosto	5	11	6	8	111
	Setembro	10	7	3	6	112
	Outubro	4	12	7	11	137
	Novembro	3	11	8	12	115
	Dezembro	0	19	10	5	143
<i>Somma</i>	<u>164</u>	<u>162</u>	<u>80</u>	<u>98</u>	<u>1:515</u>	
1890	Janeiro	3	17	12	11	197
	Fevereiro	14	21	12	3	146
	Março	17	36	13	4	151
	Abril	15	23	15	5	156
	Maio	8	16	12	5	121
	Junho	8	12	8	6	118
	Julho	7	23	5	8	122
	Agosto	1	32	6	0	118
	Setembro	0	36	5	11	113
	Outubro	3	51	10	16	143
	Novembro	4	81	6	21	121
	Dezembro	1	111	6	1	123
<i>Somma</i>	<u>81</u>	<u>459</u>	<u>110</u>	<u>91</u>	<u>1:629</u>	
1891	Janeiro	0	86	14	7	119
	Fevereiro	1	52	5	6	122
	Março	2	37	8	7	138
	Abril	1	19	8	7	161
	Maio	0	17	6	10	138
	Junho	6	17	4	5	125
	Julho	2	13	7	6	137
	Agosto	2	4	3	7	128
	Setembro	1	9	6	7	110
	Outubro	1	6	4	13	104
	Novembro	3	4	1	10	92
	Dezembro	1	3	6	11	103
<i>Somma</i>	<u>20</u>	<u>267</u>	<u>72</u>	<u>96</u>	<u>1:477</u>	

Mezes	Sarampo	Variola	Diphtheria	Febre typhoide	Tuberculose	
1892	Janeiro	0	3	7	11	121
	Fevereiro	0	1	5	6	99
	Março	1	1	5	2	94
	Abril	0	0	7	8	104
	Maió	3	1	3	20	124
	Junho	9	1	2	9	99
	Julho	10	0	5	12	143
	Agosto	16	1	1	1	125
	Setembro	16	2	3	12	122
	Outubro	12	0	6	15	132
	Novembro	5	0	0	16	105
Dezembro	6	0	10	15	108	
<i>Somma</i>	78	10	54	127	1:376	
1893	Janeiro	11	0	12	10	112
	Fevereiro	13	2	6	9	118
	Março	16	1	5	4	101
	Abril	13	2	6	14	108
	Maió	2	2	5	10	112
	Junho	3	3	7	14	93
	Julho	3	11	3	16	133
	Agosto	3	14	5	24	119
	Setembro	1	1	4	16	130
	Outubro	1	4	4	28	113
	Novembro	2	8	2	15	120
	Dezembro	0	6	4	8	106
<i>Somma</i>	68	54	63	168	1:365	
1894	Janeiro	0	11	7	11	111
	Fevereiro	0	14	7	12	99
	Março	1	10	6	13	142
	Abril	1	6	6	5	124
	Maió	—	8	3	8	142
	Junho	—	8	3	5	110
	Julho	—	7	7	6	112
	Agosto	—	11	2	12	83
	Setembro	—	12	5	13	116
	Outubro	—	20	3	13	110
	Novembro	—	5	9	13	114
	Dezembro	—	7	7	11	113
<i>Somma</i>	2	119	65	122	1:376	
1895	Janeiro	—	3	9	8	110

Nada mais eloquente que os algarismos d'esta estatistica. No periodo que ella abrange, desde 1 de fevereiro de 1887 a 31 de janeiro de 1895, a tuberculose fez em Lisboa 11:705 victimas, isto é, mais do triplo dos obitos produzidos em igual espaço de tempo pelas doenças infecciosas do sarampo, variola, diphteria e febre typhoide, que victimaram 3:885 pessoas.

A mortalidade da tuberculose conserva-se em todos os mezes superior á das outras doenças consideradas na estatistica, à excepção do mez de dezembro de 1887, em que foi excedida pela mortalidade da variola, em virtude de um recrudescimento extraordinario d'esta epidemia.

É tambem digno de notar-se que a mortalidade da tuberculose foi sempre augmentando desde 1887 até attingir o maximo de 1:629 obitos em 1890. Nos ultimos mezes d'este anno começa a decrescer sensivelmente, facto que, como observou o sr. Dr. Augusto Rocha, coincide com a realisação de varios melhoramentos que beneficiaram as condições da hygiene publica em Lisboa. Tambem não deve julgar-se estranho a esse decrescimento o facto de se retirarem da capital muitas pessoas, especialmente operarios, em virtude da crise economica. Seja como for, é certo que para esta mortalidade aterradora contribue muito o desprezo a que entre nós é votada a hygiene publica. Sobre tudo no que respeita aos matadouros de Lisboa, fizeram-se no congresso de tuberculose revelações que seriam incriveis, se não nol-as garantisse a probidade de homens de sciencia. E quando é monstruoso o que a este respeito se passa em Lisboa, que diríamos das terras de provincia onde as autoridades não exercem vigilancia absolutamente nenhuma?



Uma pagina brilhante na historia da Universidade de Coimbra

(Continuação da pag. 221)

JURAMENTO PRESTADO PELA FACULDADE DE MEDICINA SEGUNDO O SENTIDO DA FACULDADE DA S. THEOLOGIA

Eu Antonio de Abreu Bacellar, Dr. e Professor Primario da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu José de Amorim, Dr. e Professor de Vespera, da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Francisco, Dr. e Professor da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel dos Reis e Sousa, Dr. e Professor da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Antonio Duarte Ferreira, Dr. e Professor da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p. — Eu João Pessoa da Fonseca, Dr. e Professor da Faculdade de Medicina, juro o mesmo. A. m. p.

JURAMENTO DOS CONSULTORES E DEPUTADOS DO CONSELHO ACADEMICO

Eu Diogo de Mendonça Côrte Real, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Bacharel nos S. Canones e Deputado da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu José Corrêa, Mestre na Faculdade de Artes e Deputado da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Dias Ortigão, Bacharel na Faculdade de Medicina e Deputado da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Agostinho Gomes Guimarães, Mestre na Faculdade de Artes, Bacharel na Sacrosanta Theologia, Consultor da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Francisco Xavier de Mello, Dr. nos S. Canones e Consultor da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Lucas de Seabra e Silva, Collegial no Collegio Pontificio de S. Pedro, Dr. em Direito Civil e Consultor da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Moreira de Sousa, Mestre na Faculdade de Artes e Consultor da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Mendes de Carvalho, Dr. nos S. Canones e Conservador da Academia, juro o mesmo. A. m. p. — Eu Manuel Alvares Brandão, Bacharel nos S. Canones e Syndico da Academia, juro o mesmo. A. m. p.

Depois d'isto entenderam todos que se deviam dar graças a Deus summamente bom e todo poderoso por ter inspirado ao N. SS. Padre o Papa Clemente XI a publicação tão util como necessaria da Constituição, para esmagar o monstro da heresia, para conservar os costumes christãos na sua pureza, e que se devia pedir a Deus a incolumidade do mesmo SS. Padre; com esta intenção se dirigiram para a Real Capella e, cantado o Hymno *Te Deum*, dissolveu-se o claustro.

Eu Manuel de Abreu Bacellar, secretario d'esta principal Academia, dou fé de que tudo que acima se escreveu é a narração fiel do que se passou nos Claustros de 7 e 9 de Janeiro e 4 de Fevereiro do corrente anno, aos quaes assisti e tomei nota de tudo, e reconheci as assignaturas feitas pela propria mão. E em testemunho publico da verdade dei, assignei e sellei com o sello da Academia este documento. Coimbra, 6 de fevereiro de 1717.

(L. ✕ S.)

Manuel de Abreu Bacellar, Secretario da Academia.

O *Sensus* da faculdade de theologia ao qual, como vimos, adheriram todas as faculdades academicas e todos os Collegios theologicos de Coimbra, foi enviado ao Santo Padre Clemente XI por intermedio do então nosso embaixador em Roma, Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, 3.º Marquez de Fontes e 1.º de Abrantes ¹⁾. É muito curiosa a carta do nosso ministro em Roma ao Reitor da Universidade de Coimbra, Nuno da Silva Telles, dando-lhe conta da commissão de que fora encarregado. Devemos uma copia fiel d'essa carta inedita ao nosso presado amigo o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio José Teixeira, ornamento e gloria da nossa Universidade. É a seguinte, cuja orthographia conservamos :

« Roma 14 d'Abril de 1717.

« Meu Sr. quinta feira da semana passada resebi a de V. S.^a acompanhada das cartas para o Papa, e da Attestação dos actos que essa Universidade fez em demonstração do seu filial obsequio á Sée Appostolica, e depois de ler tudo com suma satisfação por ver o grande asserto com que V. S.^a soube dispor e concluir hũa acção, que no teatro do Universo darã que admirar a todos; logo no sabado fis tudo presente a S. Santidade.

« Tão longe estou de encarecer, que apennas poderei referir a V. S.^a o grande effeito de Consolação e jubilo, que no animo do Vigario de Cristo

¹⁾ Na *Gazeta de Lisboa* (27 de maio de 1717) lêmos: « Por cartas de Roma se tem noticia de haver apresentado a Sua Santidade o Marquez de Fontes, Embaixador d'este Reino, a declaração da Universidade de Coimbra sobre a Bulla *Unigenitus* e de havella Sua Santidade recebido com especiaes demonstrações de gosto, louvando muito o zelo, e piedosa resolução com que esta Universidade espontaneamente tomou o dito assento, admirando tambem o numero de Doutores, que nella assignaram, sendo que deixaram de o fazer muitos, que por ausentes não foram convocados, alem dos Doutores Canonistas, e das mais faculdades, de que não foram chamados mais que os Lentos, Deputados e Conselheiros. »

produzirão as expreções de V. S.^a, e de toda a Universidade; Leu tudo logo com grande attenção; arquiando de coando em coando as sobrance-lhas, e abaixando a cabeça, e no fim dobrando os papeis prorrompeu com admiração; dizendo estes sim, que são verdadeiros D. D., vencerão a todos! nenhũs se souberão explicar assim: que grandes homeãs! que erudição; que eloquencia, e que locução! Sr. Enbaixador hemos mister tempo para estudar as respostas que devemos dar, significando o nosso agradecimento em dous breves, que faremos, agora demos graças a Deus, que nos mandou esta grande Consolação, em tempo que tanto o auemos mister. Saiba que não só dous Bispos de novo aderirão Appellação ao futuro Concilio, mas athé os alfaiates e sapateiros de Paris appellarão.

« Logo na segunda feira mandou o Papa comunicar tudo aos Consultores do S. Officio que uniformemente forão de parecer, que S. Santidade mandasse logo estampar a declaração da Universidade na melhor officina de Roma, para a destinguir das demais, aminham a comunicarã a Congregação do S. Officio em sua prezença.

« Esta he a cincerã rellação do feito e dito nesta materia, a qual não necessita de ser infetada para parecer bem; por minha conta fica aver, e remeter os breves a V. S.^a que espero conseguirã por elles contoda a Universidade nova e perpetua gloria, etc. »

Eis os dous Breves a que esta carta allude:

CLEMENTE XI, PAPA

AO AMADO FILHO NUNO DA SILVA TELLES, REITOR DA ACADEMIA CONIMBRICENSE

Amado filho, saude e benção apostolica. Não da humildade do nosso entendimento, mas da altissima sabedoria e sciencia que la do ceu illumina, e cujo auxilio desde ha muito não cessamos de implorar com instantes e ininterrompidas orações, é que proveio a Constituição Apostolica que ha pouco publicámos, na qual se condemnam as depravadas affirmações contidas n'um livro d'um auctor assás conhecido, e nitidamente se declara a todos os fieis o sentimento da Egreja Catholica, para que não succeda que, imbuidos d'aquelles erros, se desviem do caminho da verdade. Pelas vossas cartas do 5.º dos Idos de Fevereiro proximo passado soubemos com satisfação que foi grande o applauso e a alegria com a mesma Constituição ahi foi recebida, edificante o enthusiasmo e consentimento com que essa insigne Academia Conimbricense prometteu com juramento a obediencia que lhe é devida. Nem outra cousa era de esperar d'uma Academia em que a Fé orthodoxa sempre teve firme sustentaculo e grande gloria, e esta Santa Sé Apostolica uma singular e inviolavel obdiencia.

Augmenta alem d'isso em nós a excellencia e o merito do tão preclaro facto, a circumstancia de ter succedido sendo vós Reitor da mesma academia e como que o seu inspirador, que bem conhecemos nós a vossa piedade realçada pela nobreza do sangue, pela erudição e filial reverencia par

com a Sancta Igreja romana. Por onde bem podeis entender quão elevado é o conceito em que vos temos, e melhor o intendereis, amado filho, quando se nos proporcionar occasião de vos mostrar o nosso animo agradecido. Entretanto, em penhor do nosso affecto, vos concedemos com todo o amor a benção apostolica. Dado em Roma, junto de Santa Maria Maior, sob o annel do Pescador, aos 10 de maio de 1717, anno XVII do nosso Pontificado.

Jo ; Christovão, Arcebispo Amasense.

CLEMENTE XI, PAPA

AOS AMADOS FILHOS, REITOR, DOUTORES E PROFESSORES
DA ACADEMIA CONIMBRICENSE

Amados filhos, saude e benção apostolica. O conceito por igual justo e levantado que formamos da vossa singular piedade e entranhada dedicação para connosco e para com a Sé Apostolica, bem como da eximia pericia das leis divinas e humanas, que originou o grande nome d'essa academia em todo o mundo, facilmente nos persuadiu que não só devieis abraçar com animo submisso a doutrina da nossa Constituição Apostolica *Unigenitus Dei Filius* e que depois de maduro exame e de por muito tempo termos implorado o auxilio divino intendemos dever publicar, mas tambem que tínhamos a esperar de vós algum preclaro testemunho do vosso zelo mediante o qual todos com o vosso exemplo aprendessem a procurar a verdade da fé n'esta Cadeira em que ainda vive e á qual preside o B. Pedro, e a sugeitarem-se humildemente á auctoridade da Igreja. E que esse testimonho foi collectivamente prestado por vós deprehendemo-lo já das vossas cartas, cheias de filial devoção e obediencia, já das Actas publicas da mesma academia, summamente gratas para nós e altamente dignas do vosso nome. Julgamos por isso que nunca será assás louvada a vossa virtude e o illustre proposito de seguir constantemente os vestigios dos vossos maiores nos quaes sempre resplandeceu uma grande e inalteravel reverencia para com esta Santa Sé. Continuae, pois, amados filhos, no caminho encetado, e desterrados do seio da vossa academia essas novidades peregrinas e profanas, adheri firmemente aos dogmas e instituições da Pedra inviolavel sobre a qual Jesus Christo edificou a sua Igreja, e esperae de nós, sempre que haja occasião, todos os testimonhos não só da nossa singular estima, como tambem de paternal benevolencia, por que muito vos amamos no Senhor. Entretanto, como penhor de felicidade, vos concedemos com amor a benção apostolica. Dado em Roma, junto de Santa Maria Maior, sob o annel do Pescador, aos 10 de maio de 1717, anno XVII do nosso Pontificado.

Jo ; Christovão, Arcebispo Amasense.

DR. SILVA RAMOS.

A ANTIGA ESCOLA
DE
PHILOSOPHIA CONIMBRICENSE

I

A Universidade de Coimbra antes da vinda dos Jesuitas — Movimento philosophico na Europa — Escolasticismo e aristotelismo — Predecessores dos Jesuitas na Escola Conimbricense.

(Continuação de pag. 169)

As relações de Portugal com o movimento scientifico do estrangeiro não se estabeleciam apenas por intermedio dos estudantes portuguezes que iam frequentar as mais afamadas universidades da Europa, mas egualmente pela influencia directa de professores estrangeiros que vinham estabelecer-se no reino e tomar a direcção dos estudos a convite dos nossos monarchas.

Na verdade tudo nos leva a crer, e assim o affirma um grande numero dos nossos escriptores antigos, que não havendo em Portugal, nos primeiros tempos da existencia da Universidade, professores bastantes para todas as cadeiras que logo se estabeleceram, D. Diniz chamasse professores de universidades estrangeiras. Assim o diz, por exemplo, o chronista dos eremitas de Santo Agostinho, que depois de affirmar que muitos d'esses professores pertenciam á sua Ordem, cita os nomes de alguns d'elles, nacionaes e estran-

geiros, entre os quaes Mestre Gerardo, italiano, que foi lente de prima de Theologia; Mestre Martinho, francez, que foi lente de canones; Mestre André Ursino, italiano, que foi professor de Escripura sagrada, etc. O chronista declara que, á falta de noticias e documentos que deviam existir na universidade e que se perderam de certo nas successivas mudanças que ella soffreu, recorreu ao cartorio do convento de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa, onde encontrára elementos que o esclareceram. ¹⁾

Leitão Ferreira não liga credito a estas informações. Em primeiro lugar porque, dizendo o chronista em questão, que do convento dos eremitas de Santo Agostinho de Lisboa sahiu um grande numero de lentes e reitores da universidade, não parece crível que durante os dezesete ou dezoito annos que as escolas estiveram em Lisboa o mencionado convento fosse tão fertil em produzir lentes e reitores. Depois, se no convento da Graça havia tantas pessoas habilitadas, como sustenta o chronista que D. Diniz se viu obrigado a chamar tantos professores estrangeiros por não os ter em Portugal?. É certo, diz ainda Leitão Ferreira, que entre nós havia doutores graduados em universidades estrangeiras, principalmente em Bolonha e em Paris, e n'elles podiam ser providas as cadeiras. ²⁾

Estas considerações poderão demonstrar que o chronista dos eremitas de Santo Agostinho sacrificou um pouco a verdade ao bom nome da sua Ordem, affirmando que ella forneceu á universidade grande numero de lentes e reitores; mas o que de certo não provam é que do estrangeiro não fossem chamados professores para a Universidade nascente. Alem de que todos os antigos escriptores affirmam este facto, seria facil de o conjecturar, desde que se considerasse a difficuldade de prover todas as cadeiras que desde o principio foram estabelecidas por D. Diniz. Apesar da obscuridade em que

¹⁾ Fr. Antonio da Purificação, *Chronica da Ordem dos eremitas de S. Agostinho*, P. II, liv. VII, tit. I, § III, fol. 213 e 214 (ed. de 1656).

²⁾ Francisco Leitão Ferreira, *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra*, pag. 69 e seg.

esta epoca se acha envolvida, não só ha fortes razões para suppôr que desde o principio foram chamados professores estrangeiros, mas que o continuaram a ser por muito tempo, de tal sorte que uma das causas por que D. Fernando mudou a universidade de Coimbra para Lisboa, foi a preferencia que os professores estrangeiros mostravam por esta ultima cidade, e a repugnancia que sentiam pela primeira. Ora, se no tempo de D. Fernando, em que a universidade contava quasi um seculo de existencia, não havia professores portuguezes bastantes para o ensino, com mais razão os não haveria no tempo de D. Diniz, e mais natural era ainda que n'essa epoca se recorresse ao estrangeiro. ¹⁾

A questão é interessante considerada sob varios aspectos, porque não só nos elucida sobre o movimento scientifico em Portugal, n'aquella epoca, mas ainda, fornecendo-nos dados para avaliar as relações intimas da nossa universidade com os estabelecimentos congeneres do estrangeiro, pode desfazer os preconceitos de muita gente, que pretende que os nossos sabios de ha tres, quatro ou seis seculos, se transportassem para fóra do seu tempo e fizessem sciencia como se vivessem em pleno seculo XIX. Na verdade, desde que os portuguezes iam estudar e ensinar ao estrangeiro, como os sabios estrangeiros vinham ensinar em Portugal; e desde que, como anteriormente vimos, a philosophia escolastica peripatetica dominava em todas as escolas da Europa ao declinar da idade media, essa philosophia necessariamente seria professada em Portugal. Mas não era só a orientação scientifica que os portuguezes de então procuravam nas mais afamadas

¹⁾ Vid. a noticia que sobre a fundação da Universidade precede os *Estatutos de 1597*, approvados por D. João IV em 1653 e publicados em 1654, pag. 4; *Elucidario de Viterbo*, na advertencia preliminar, pag. xiv (ed. de 1778); Padre Francisco da Fonseca, *Evora gloriosa*, n. 722, pag. 416; J. J. Rodrigues de Brito, *Memorias politicas*, vol. II, pag. 78; Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia*, dialogo V, cap. III; Fr. Manuel dos Santos, *Alcobaça illustrada*, pag. 109; Rebello da Silva, *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, vol. V, pag. 221.

Para corroborar esta opinião que é a de muitos e acreditados escriptores, recordaremos ainda, que estava tanto no espirito d'aquelle tempo chamar professores estrangeiros para dirigirem a educação em Portugal, que o proprio D. Diniz foi educado por um francez, Aymeric d'Ebrard, descendente de uma nobre familia de Cahors e que veio a ser bispo de Coimbra.

universidades estrangeiras, pois é sabido que a universidade de Coimbra foi modelada pela de Bolonha ainda nos pormenores mais insignificantes. ¹⁾ E conseguiram os nossos professores fazer alguma cousa de notavel dentro do terreno em que se encontraram? Conseguiram, e tanto que a philosophia conimbricense alcançou uma reputação extraordinaria em todo o mundo culto.

Já anteriormente observámos que, se a philosophia conimbricense attingiu o seu maior esplendor com a vinda dos jesuitas para Coimbra, todavia houve alguns homens que os precederam e que muito se distinguiram pelos seus trabalhos. Agora diremos tambem, que mesmo na epoca em que os jesuitas tiveram o predominio nas escolas, alguns homens floresceram que não pertenciam á Companhia. D'elles nos occuparemos mais tarde, e agora vamos dar noticia de alguns philosophos portuguezes anteriores aos jesuitas.

Um dos mais notaveis foi Pedro Hispano, a quem já tivemos occasião de nos referir. Foi papa com o nome de João XXI, e muito distincto entre os sabios do seu tempo, como philosopho e como medico. ²⁾ Mas a sua obra capital são as *Summulae Logicales*, que lhe deram uma grande reputação nas escolas da idade media, como um dos homens mais notaveis d'aquella epoca, não só em Portugal mas em toda a Europa.

« O livro de Pedro Hispano — diz o illustre professor sr. Dr. Lopes Praça ³⁾ — não se recommenda pela originalidade das doutrinas: a palavra *Summula*, como diz Versorio, pode significar, por analogia, uma aggregação de muitos tractados ou capitulos particulares; ou, por outras palavras, *Summula*, diz ainda Versorio, é um compendio, que comprehende breve e geralmente o que se encontra em especial e com diffusão em outros tractados. O proprio titulo, por tanto, não deixa nenhum logar, absolutamente, a encarecidas

¹⁾ J. M. de Abreu, *Memorias historicas da Universidade de Coimbra*, publicadas no *Instituto*, vol. 1, pag. 309 e seg.

²⁾ Veja-se esta *Revista*, pag. 168.

³⁾ *Historia da Philosophia em Portugal*, pag. 34.

novidades. As *Summulas de Logica* de Pedro Hispano não passam de um Compendio abreviado de outros mais extensos. »

As *Summulæ Logicales* dividem-se em doze tractados, que expõem as doutrinas philosophicas mais em voga n'aquelle tempo, tendo principalmente em consideração as obras de Aristoteles, Boecio e Porphyrio. Pedro Hispano, como todos os philosophos escolasticos, deu uma grande importancia á dialectica, considerando-a como a primeira das sciencias na ordem da aquisição dos conhecimentos. Eis como elle define a dialectica: « a arte das artes, a sciencia das sciencias, indicando o caminho para o principio de todos os methodos. » Segundo Versorio, a palavra methodo significa aqui o mesmo que sciencia.

A gloria de Pedro Hispano consiste em adequar ao uso das escolas as extensas obras dos philosophos mais conceituados no seu tempo, o que representa um serviço importante.

(*Continúa*).

FORTUNATO DE ALMEIDA.



BIBLIOGRAPHIA

Cæremoniæ Missarum solemnium et Pontificalium, aliæque functiones ecclesiasticæ illustratæ opera Georgii Schober, Congregationis SS. Redemptoris sacerdotis ¹⁾ — Do benemerito e bem conhecido editor catholico da Allemanha sr. Frederico Pustet recebemos e muito agradecemos a esplendida edição d'este novo cerimonial ecclesiastico. Tem o grande merecimento de indicar os decretos da Congregação dos Ritos em que se fundam as diversas disposições liturgicas, pelo que o recommendamos muito a todos os sacerdotes e muito particularmente aos parochos e mestres de ceremonias.

De Libris prohibitis Commentarii, Auctore Agustino Arndt, S. J. Berolinenci, SS. Canonum in Collegio Maximo Cracoviensi professore. ²⁾ — Este erudito commentario do eminente professor de Direito Canonico, P.^o Arndt, é de summa necessidade para se conhecer a antiquissima disciplina da Egreja sobre os livros contrarios á fé e a moral, muito principalmente desde o concilio de Trento até nós. Resolvem-se n'elle importantes duvidas sobre a leitura de livros prohibidos, e julgamol-o de grande utilidade para os confessores.

¹⁾ Ratisbonæ Neo Eboraci et Cincinnati, sumptibus, chartis et typis Friderici Pustet S. Sedis Apost. et S. Rit. Congr. Typogr., 1894.

²⁾ Do mesmo editor, 1895.



SANTO ANTONIO DE LISBOA

Segundo um quadro de Murillo — Desenho de A. A. Gonçalves

UM SABIO PORTUGUEZ

NO SECULO XIII

O grande thaumaturgo portuguez Santo Antonio, objecto das mais fervorosas devoções do nosso povo, alem de ser um varão insigne pelas suas virtudes, distinguiu-se tambem pela sua sabedoria. Ensinou theologia em Verceil, Bolonha, Montpellier, Limoges e Padua; e era tão profundo o conhecimento que tinha dos livros sagrados, que, prégando em Roma em 1227, isto é, aos trinta e dois annos de idade, o papa Gregorio IX, que o ouviu, disse para algumas pessoas que estavam presentes: «Verdadeiramente, este varão de Deus é arca viva do Sagrado Testamento!»

Os seus *Sermões* e a sua *Concordancia moral da Biblia* attestam ainda hoje o seu profundo saber. Uma vez, em Forli, assistia Santo Antonio a ordenação de alguns religiosos. Era costume que, antes da ordenação, um prégador fallasse em presença dos ordenandos; mas o prégador não compareceu, e Antonio foi escolhido para o substituir, ao que accedeu em obediencia ao provincial Graciano.

«Graciano, diz um biographo do Santo, não pensava que Antonio soubesse uma palavra de Escriptura Sagrada, nem que elle jamais tivesse lido outra cousa senão o seu breviario. Entretanto alguma esperança tinha de que elle se sahisse regularmente, porque, em rarissimas circumstancias, ouvira-o expôr a sua opinião em bons termos quando a isso era obri-

gado. Cousa notavel! este grande homem, a quem a memoria fazia as vezes de bibliotheca e que possuia maravilhosos dotes para expôr a theologia mystica, passava entre os seus irmãos por um religioso que sabia melhor lavar os utensilios da cosinha que desenvolver os mysterios da Escripura. Elle mesmo pedira ao seu superior que lhe concedesse o favor de deixar lavar a louça da cosinha e varrer todos os dias as cellas de seus irmãos, confessando que não servia para outra cousa, ao passo que era na realidade um vaso de eleição ornado dos mais ricos dons do Espirito Santo. Por consequente lavava todos os dias com profunda humildade os objectos da cosinha, e punha em arrumação as cellas de seus irmãos, dando assim um raro exemplo de humildade e desprezo de si proprio.

« Não é assim que fazem a maior parte dos homens, que querem ser mestres antes de serem bons discipulos, e que não receiam ingerir-se no ministerio da predica, quando não são capazes de o desempenhar. Antonio, pelo contrario, embora consummado nas divinas Escripturas, preferia viver no meio de simples leigos, ignorantes e grosseiros, a tomar logar entre os sabios e doutores do seu seculo; sentia mais felicidade nos serviços abjectos de uma cosinha, que nas funcções magestosas do ensino evangelico.» ¹⁾

Santo Antonio começou a ensinar por determinação de S. Francisco d'Assis, em cuja ordem professára. Os annalistas d'aquelle tempo conservaram a memoria dos triumphos que alcançou o grande santo portuguez. Um ²⁾ diz que elle « professou a theologia em Tolosa, Bolonha e Padua, com real superioridade.» Outro ³⁾ é mais explicito: « Ensinou, diz elle, a theologia em Tolosa, Bolonha e Padua, e as suas sabias lições tornaram-se logo celebres. Attrahiram-lhe illustres discipulos que lhe perpetuaram a memoria depois da morte.»

Observaremos de passagem, que na verdade deviam ser bem notaveis as lições de Santo Antonio, para se tornarem

¹⁾ *Vita anonyma*, cap. vi.

²⁾ Hermann Scheydell.

³⁾ João Rithémo.

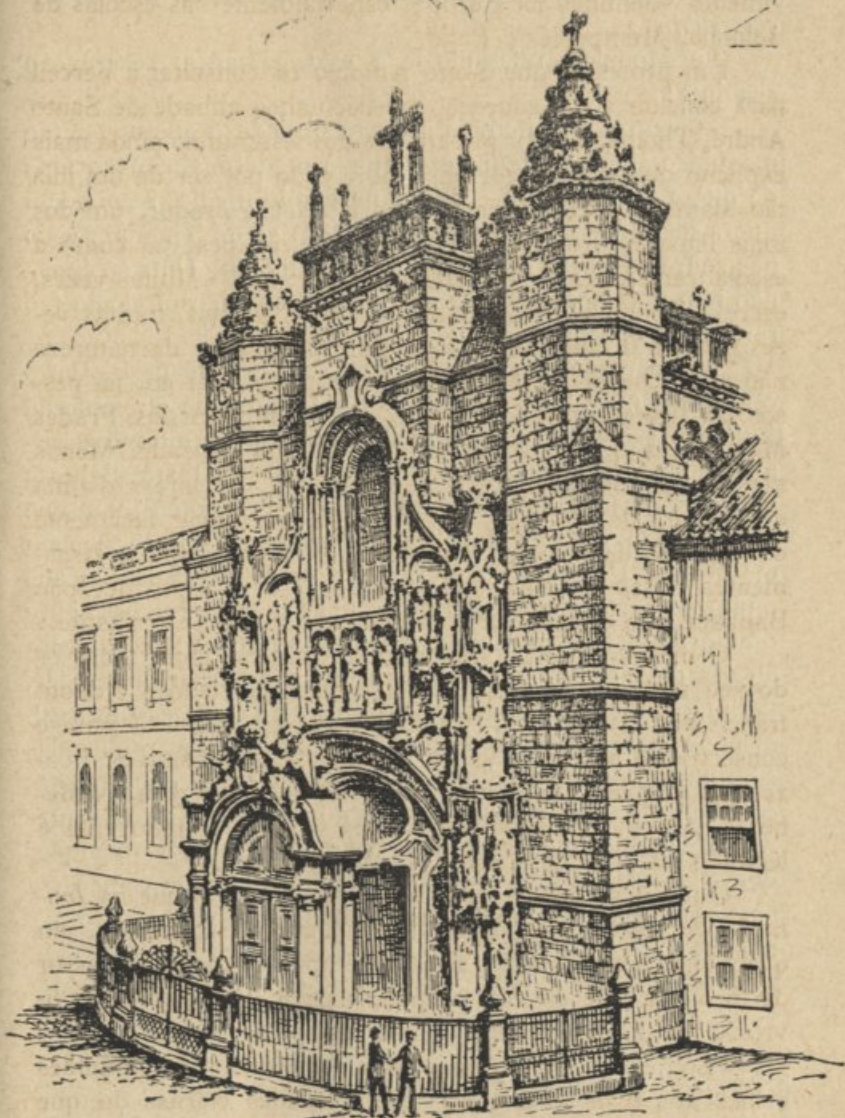
celebres n'um tempo em que era relativamente grande o movimento scientifico na Europa, especialmente nas escolas de Bolonha, Montpellier e Paris.

Um professor que Santo Antonio foi consultar a Verceil para concluir a sua educação intellectual, o abbade de Santo André, Thomaz Gallo, prestou-lhe um testemunho ainda mais explicito que os antecedentes, sobre tudo por ser de um juiz tão afamado e competente como o celebre orador, um dos mais illustres professores da theologia mystica, tal como a escola franciscana a comprehendeu e praticou. « Muitas vezes, escreve Thomaz Gallo, citado pelos Bollandistas, muitas vezes penetra o amor onde a sciencia das cousas da natureza não pode chegar... Isto mesmo o experimentei eu, na pessoa do bemaventurado fr. Antonio, da Ordem dos Frades Menores, a quem me ligava uma estreita amizade. Menos versado que outros nas letras profanas, a sua pureza d'alma e a ternura do seu coração fizeram-lhe investigar facilmente os segredos da theologia mystica, e n'ella se inspirou largamente. Posso até dizer d'elle o que está escripto de João Baptista, isto é, que era uma lampada ardente e brilhante.»

O mesmo ardor, o maior n'esta materia entre todos os do seu tempo, não hesita em conceder ao piedoso e douto franciscano o titulo de « Pae da sciencia mystica ». A phrase conservou-se nas tradições da Ordem, e, enquanto S. Boaventura adquiriu a gloria do maior theologo dos Frades Menores, Antonio conserva na liturgia o titulo commovente e legitimo de « pae da sciencia, *pater scientiae*. »

Outro testemunho ainda mais glorioso é o que na *Imitação de Christo* se presta a um illustre desconhecido, em quem alguns bons criticos reconheceram o primeiro professor de theologia que ensinou na familia de S. Francisco. No livro XLIII d'esse mysterioso livro lê-se o seguinte:

« Sou eu que, n'um instante, elevo os espiritos humildes e lhes dou mais intelligencia das verdades eternas do que teriam adquirido nas escolas em dez annos. Ensino sem ruido de palavras, sem fausto de honras e sem contrariedades de argumentos. *Houve um homem que, amando-me muito, pene-*



FACHADA DA EGREJA DE SANTA CRUZ

Desenho de A. A. Gonçalves

trou as cousas celestes; fallava d'ellas maravilhosamente. Conseguiu mais abandonando tudo que entregando-se a investigações subtis.»

Le Monnier, referindo-se a esta passagem, escreve o seguinte:

«Quem é esse homem a quem o piedoso auctor fez tão magnifico elogio? Alguns escriptores modernos, convencidos de que a *Imitação* foi escripta na edade media, respondem que a identidade d'essas palavras com as de Thomaz Gallo não soffre hesitação alguma: é Santo Antonio. Uma só época não tem dois homens a quem podesse convir um elogio tão raro e tão concorde.

«Esta razão tem por si mesma um grande peso. Parecerá ainda mais bem fundada, se notarmos que o auctor da *Imitação* escreveu por certo sob o imperio de uma viva admiração por S. Francisco. Introduz no seu texto algumas maximas d'este santo; faz para elle excepção ao costume que tem de não nomear aquelles de quem faz citações, nem mesmo os Padres da Igreja, nem os Evangelistas; segue muito de perto a sua doutrina e até as suas expressões sobre o amor, sobre Jesus Christo crucificado, sobre a verdadeira alegria do espirito. Tal conhecimento, ou, para melhor dizer, tal intimidade, só poude ter origem, se a *Imitação* foi realmente escripta no seculo XIII, em conferencias prolongadas com um fervoroso discipulo do Santo. E onde collocar essas conferencias mais verosimilmente do que em Verceil, entre Santo Antonio, ainda joven, e o immortal auctor, qualquer que seja o seu nome, sem duvida ainda longe de começar a sua obra, mas já muito encaminhado nas veredas do Senhor?» ¹⁾

F.

¹⁾ *Histoire de Saint François d'Assisse*, t. II, pag. 69.

AS NOSSAS GRAVURAS

Solemnizando o setimo centenario do nascimento de Santo Antonio, que vae celebrar-se este anno, e no intuito de sermos agradaveis aos nossos leitores, publicamos tres magnificas gravuras no presente numero da *Revista Contemporanea*. Os desenhos são do talentoso artista e habil professor sr. Antonio Augusto Gonçalves, cujos trabalhos lhe valeram ha muito uma grande e justissima reputação. As gravuras foram executadas no *atelier photochimigraphico* do sr. Emil Yoch, intelligente professor da escola industrial Brotero, d'esta cidade.

A primeira gravura representa Santo Antonio segundo o conhecido e magistral quadro de Murillo, em que o grande thaumaturgo portuguez é representado com o Menino Jesus nos braços. O desenho da nossa gravura é copia fidelissima de uma esplendida gravura que ultimamente appareceu n'uma publicação franceza, reproduzindo o celebre quadro do immortal artista.

A segunda gravura representa a frontaria da igreja de Santa Cruz, d'esta cidade. Como é sabido, este monumento está intimamente ligado com a historia de Santo Antonio, pois foi ao mosteiro de Santa Cruz que elle se dirigiu, pouco depois de ter entrado para o convento de S. Vicente, de Lisboa.

O mosteiro já não existe, e na igreja, que é um dos mais bellos e grandiosos monumentos de Portugal, nada ha talvez do tempo do Santo.

Acêrca d'este magnifico templo escreve o erudito investigador sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro :

« Lança o frontispicio da egreja de Sancta Cruz para a *Praça 8 de Maio*, d'antes denominada *Praça de Samsão*.

Basta um simples volver d'olhos para se conhecer que esta fachada é obra manuelina. No tempo de D. Manuel foi derrubada a velha egreja de D. Affonso Henriques, e substituida pela que actualmente existe, sendo prior-mór do mosteiro D. Pedro Gavião, bispo da Guarda. São d'este prelado os brazões de armas, que se vêem no alto do frontispicio, compostos de cinco *gaviões* em aspa.

.....
 « Para estas obras mandou el-rei D. Manuel vir de França artistas de merecimento, como foram mestre Nicoláo, João de Ruão, Jacques Loguim e Filippe Uduarte.

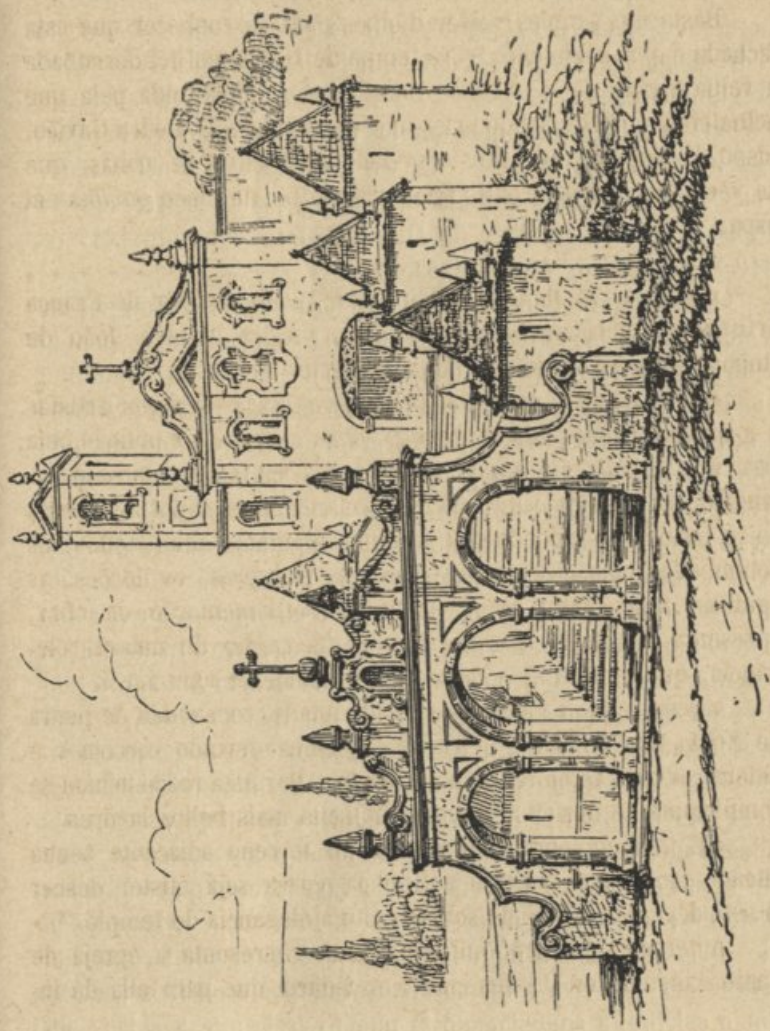
« Bastaria para grangear celebre reputação a estes artistas o magnifico frontispicio do templo, obra em verdade notavel pela sua traça e pelo mimo dos formosos lavores que o adornam. A janella com seus festões vasados, os pilares guarnecidos de nichos, cujas peanhas e baldaquinos são delicadamente rendilhados, os columnellos com elegantes capiteis, as nervuras, os florões, as agulhas, tudo emfim que constitue a ornamentação da obra, apresenta um gosto apuradissimo e um cunho de notavel elegancia, que tornam esta fachada extremamente apreciavel.

« Pena é que a parte mais ornamentada, construida de pedra de Ançã, muito branda e friavel, se tenha deixado carcomer e deteriorar pela acção roedora do tempo. Por esta razão acham-se completamente desfeitos muitos dos seus mais bellos lavores.

« É tambem para lastimar que o terreno adjacente tenha alteado tanto, que para se entrar na egreja seja mister descer já sete degrãos. Com isto soffre muito a elegancia do templo. ¹⁾ »

A terceira gravura que publicamos representa a egreja de Santo Antonio dos Olivaes com a escadaria que para ella dá in-

¹⁾ « De uma descripção do mosteiro, feita em 1540, consta que a este tempo o adro da egreja ficava sobranceiro ao largo de Samsão, d'onde se subiam para elle quatro degraus. Esta descripção foi escripta em italiano pelo prior de S. Vicente de Lisboa D. Francisco de Mendanha para ser enviada ao summo pontifice Paulo III, que, ouvindo fallar das grandezas do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, mostrara desejos de ter conhecimento do edificio. Foi traduzida depois em portuguez pelo conego D. Verissimo, e acha-se impressa na *Chronica dos Conegos Regrantes.* »



ESCADARIA E FACHADA DA EGREJA DE SANTO ANTONIO DOS OLIVAEIS

Desenho de A. A. Gonçalves

gresso. Tudo o que aqui poderíamos dizer acêrca d'este edificio e da sua relação com a vida de Santo Antonio, encontra-se no interessantissimo livro *Guia historico do viajante em Coimbra*, do sr. dr. Mendes de Castro. Pedimos, pois, licença para transcrever o seguinte trecho :

« O primitivo convento, um dos primeiros que teve em Portugal a Ordem dos Menores, tinha a invocação de Sancto Antão, e originou-se de uma ermida dedicada áquelle sancto, que a rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, doou em 1217 ou 1218 aos religiosos franciscanos. ¹⁾

« Pouco depois de fundado o pobre hospicio alli vieram pousar os cinco frades menores, fr. Otho e seus companheiros, quando se dirigiam a Marrocos; e quando depois de terem colhido a palma do martyrio, foram conduzidos os seus restos gloriosos ao convento de Sancta Cruz, inspiraram em Sancto Antonio, que nelle residia, um tal desejo de imitar o valor d'aquelles martyres pela fé de Christo, que o fez abandonar a real mansão dos conegos regrantes, e acolher-se ao humilde conventinho dos Olivães, onde esperava encontrar mais facilmente os meios de conseguir o seu pio intento. Foi pois d'alli que sahio o sabio profundo, o theologo eminente, o grande prégador, o thaumaturgo do seu seculo. Eis por que o convento de Sancto Antonio é tido como um monumento memoravel; eis por que ao visitar-se não pode deixar de fazer sentir essa veneração, esse respeitoso acatamento que inspiram os logares onde assistiram homens illustres.

« Não é porem já o primitivo edificio que hoje vemos. Os frades franciscanos deixaram aquelle local pelos annos de 1247 pouco mais ou menos, e foram habitar no convento que se fundou juncto da ponte com a invocação de S. Francisco. Abandonada pelos filhos de Assis a morada dos Olivães, nem por isso deixou de ficar alli mui viva a memoria de Antonio, e os fieis concorriam a celebral-a annualmente ²⁾ numa egreja que a cidade alli edificou e numa cellinha terrea mui estreita e tida em grande

¹⁾ « *Chron. Seraf.* t. 1.º, liv. 2.º cap. 28. »

²⁾ « Acêrca de um *bodo* que se costumava fazer em Sancto Antonio veja-se um artigo do sr. Ayres de Campos a pag. 316 do vol. 11.º do *Instituto.* »

veneração por ser o local, segundo a fama antiga, em que o sancto habitara. ¹⁾

« No anno de 1539 se emprehendeu uma nova edificação. Ajudados por D. João III e por D. Alvaro da Costa fundaram alli os frades da Provincia da Piedade um novo convento, que depois pertenceu á da Soledade, que se separou d'aquella no anno de 1673. Por occasião d'esta nova fundação se reedificou a celebrada cellinha, transformando-se em casa de capitulo. ²⁾

« No anno de 1851, em a noite de 10 para 11 de novembro, ateou-se no convento um espantoso incendio que o devorou quasi todo, escapando apenas a egreja e sachristia e pouco mais. Digamos porem alguma cousa do que ficou. É bastante agradável a entrada do convento. Dá ingresso para elle uma comprida e larga escadaria que tem no fundo tres arcos e um em cada ilharga. Guarnece-na tambem em parte algumas capellinhas com os passos mais tocantes da paixão do Salvador. Ao cimo da escada fica a casa da entrada, e em frente um portico de feição antiga, de volta ogival, e que se conjectura ter sido aproveitado de alguma das anteriores edificações. De um e outro lado do portico se lê um elegante elogio a Sancto Antonio, que compoz e fez gravar o padre fr. Antonio de Serpa, bispo de Cochim ³⁾. Este portico dá entrada para a egreja, que não ficou intacta das chammas. Como porem os estragos foram de pouca monta, reparou-se facilmente. É lindissima a pequena sachristia. Tem vistosas pinturas a fresco, e é guarneceida de quadros que representam varias passagens da vida e milagres de Sancto Antonio. Ha alli tambem uma pintura que se indica como o verdadeiro retrato do sancto, tirado em Padua pouco antes da sua morte. Num retabulo que está na parte principal com um vistoso altar vê-se um quadro figurando o acto em que o sancto tomou o habito. É de Paschoal Parente. Existem tambem na sachristia alguns relicarios e a cabeça de Sancto Antão.

Retrocedendo ao zagão para onde se abre a porta da egreja

¹⁾ « *Chron. dos Men.* p. 1.º, liv. 6.º, cap. 30 ».

²⁾ « *Chron. dos Men.* p. 1.º, liv. 6.º, cap. 30 ».

³⁾ « Vide na *Revista Univ. Lisbon.* vol. 5.º, pag. 502 um artigo do sr. R. de Gusmão. Alli se encontram apreciaveis noticias da historia do convento.»

encontram-se alli mais duas: uma dá entrada para uma linda capella onde se venera a imagem da Senhora das Dores; outra dá communicacão para um extenso terrapleno arborizado e guarnecido de alegretes e assentos. Era alli onde antes do incendio se viam os claustros, officinas e a memoravel casa do capitulo, edificada, segundo a tradiçãõ, no local da antiga cella de Sancto Antonio, a qual foi tambem consumida pelas chammãs. A piedade porẽm apressou-se a reparar este mal, e presentemente vê-se no mesmo sitio outra capella modestamente construida. »



O novo Prefeito da Bibliotheca do Vaticano

Esta famosa Bibliotheca, talvez a mais antiga da Europa, e com certeza a mais rica pelas incalculaveis preciosidades litterarias que encerra, é um monumento a mais para attestar uma verdade que só a ignorancia da historia ou a má fé podem negar, a saber: que o Papado foi sempre o amigo e protector das lettras, das artes e da sciencia.

Esplendidas pinturas e objectos d'arte d'um valor incalculavel decoram a famosa bibliotheca vaticana, que contém 24:000 manuscritos, sendo 5:000 gregos, 16:000 latinos, 3:000 orientaes e 220:000 volumes impressos, alguns rarissimos e muitos verdadeiramente inapreciaveis. Entre os manuscritos ha alguns autographos de Dante, de Petrarcha, de Boccacio, de Virgilio e Terencio, que os antiquarios e eruditos visitantes da bibliotheca vaticana contemplam e admiram com inefavel goso e entusiasmo. O trabalho incansavel dos monges, que nas invasões dos barbaros salvaram as lettras e as sciencias, está representado brilhantemente na collecção de palimpsestos de Bobbio; a liberalidade dos soberanos na de Heidelberg e na da rainha Christina da Suecia; as collecções de Ottoboni e Caponi são presentes da aristocracia italiana.

Os apaixonados pelas litteraturas orientaes podem estudar estas opulentas litteraturas, como em nenhuma outra biliotheca, na vaticanense, que possui 900 manuscritos arabes, 65 persas, 64 turcos, 459 syriacos, 71 etyopicos, 79 coptos, 13 armenios, 24 sanskritos, 10 chins, 1 samaritano e 18 slavos.

Desde a mais remota antiguidade que a Egreja romana começou a reunir livros. Querem alguns que fosse o Pontifice Santo Hylario (467) o primeiro que formou uma bibliotheca em S. João de Latrão. A do Vaticano é obra de Nicolau V, a sua fabrica, de Sixto V, que de humilde frade franciscano foi providencialmente elevado á suprema dignidade apostolica. A respeito do immortal fundador da bibliotheca vaticanense, seja-nos permitido trasladar para aqui uma bella pagina do insuspeito historiador Macaulay, no discurso que pronunciou quando tomou posse do logar de Reitor da

Universidade de Glasgow. «N'esta conjunctura d'um tão grande interesse para as letras, occupa um logar eminente na Europa um homem cujo nome todo o amigo da sciencia deve pronunciar com respeito. A nossa justa adhesão á fé protestante, á qual a nossa patria deve tudo, não nos inhiibe de que paguemos o tributo que a justiça e a gratidão reclamam em prol do fundador da Universidade de Glasgow, o Papa Nicolau V, o maior entre os restauradores das lettras. Nasceu em berço humilde, mas o seu talento e a sua erudição deram-lhe bem depressa o conhecimento do grande. Estudou e viajou muito; visitou a Inglaterra que, sob o ponto de vista da riqueza e da civilisação, era para com a Toscana, seu paiz natal, o que hoje são os estabelecimentos mais longinquos da America para com a Inglaterra. Viveu com os principes de Florença (os Medicis), homens que nobilitaram o commercio, alliando-o á philosophia, á eloquencia e ao bello. Foi elle que, sob a protecção do magnifico conde de Medicis, creou a primeira bibliotheca da Europa. O nosso fundador elevou-se das mais humildes esferas do povo ás eminencias do throno. Mas sobre o solio nunca esqueceu os estudos, delicias da sua vida particular. Era elle o centro d'uma reunião illustre composta de sabios celebres da Grecia e de Italia, Theodoro Gaza, Jorge de Tribizona, Bessarion, Philelpho, Marcilio Ficini, Poggio Bracciolini. Fundou a bibliotheca do Vaticano, então e muito tempo depois a mais preciosa e a mais vasta collecção de livros que existia no mundo. Conservou com sollicitude os mais bellos thesouros intellectuaes que escaparam do naufragio bysantino. Encontrou em toda a parte collaboradores, nos bazares do longinquo Oriente ou nos mosteiros do Occidente, resgatando ou copiando pergaminhos roídos de vermes, sobre os quaes estavam traçadas palavras dignas da immortalidade. Sob a sua protecção prepararam-se traducções latinas muito accuradas, dos mais preciosos restos dos poetas e dos philosophos gregos. A historia deve-lhe grandes serviços. Ensinou a conhecer aos povos da Europa occidental dois grandes e incomparaveis modelos de composição historica, Herodoto e Thucydides. Taes eram os trabalhos de Nicolau V quando dirigiu a sua attenção para as necessidades intellectuaes do nosso paiz... Sanccionou o plano do estabelecimento d'uma Universidade em Glasgow e outorgou a este novo alcaçar da sciencia os mesmos privilegios que os que pertencem á Universidade de Bolonha.»

Os prefectos ou bibliothecarios da bibliotheca do Vaticano são sempre homens de grande merecimento litterario e alta reputação scientifica. N'estes ultimos tempos occuparam aquelle logar duas eminencias scientificas: o Cardial Pitra, monge benedictino e conhecido em todo o mundo sabio pelos seus valiosos trabalhos, especialmente historicos, e Mgr. Izidro Carini, paleographo de grande nomeada, ultimamente fallecido. Para substituir Mgr. Carini, nomeou Leão XIII o eminente jesuita allemão Padre Francisco Ehrle. É este humilde filho de Santo Ignacio quem actualmente representa, em Roma, a sciencia da Allemanha meridional, como, no tempo de Pio IX, a sciencia da Allemanha do norte fóra, na cidade eterna, repre-

sentada pelo Padre Theiner, tambem vantajosamente conhecido por todos que se dedicam a estudos historicos.

O eminente Padre Ehrle nasceu no Wuttemberg, em 1845. Quando a Companhia de Jesus era furiosamente perseguida na Allemanha entrou o então joven Ehrle para aquelle benemerito instituto, onde bem depressa manifestou os seus grandes recursos intellectuaes. Ha annos que trabalha na momentosa obra do catalogo da bibliotheca do Vaticano. Escreveu a *Historia Bibliothecæ Romanorum Pontificum, tum Bonifacianæ, tum Avinionensis*, e a *Bibliothecæ theologicæ et philosophicæ ecclesiasticæ selectæ*. O *Archivo para a historia e litteratura na edade media*, obra altamente encarecida pelos historiadores e archeologos, e que immortalizou o nome do sabio Padre Denfle, tece os mais levantados elogios áquella segunda obra do Padre Ehrle.

L. M.



A CRITICA D'UM SOCIALISTA

I

Do sr. Dr. Affonso Costa recebemos um exemplar da sua dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na faculdade de Direito, intitulada — *A Igreja e a questão social — Analyse critica da Encyclica Pontificia « De Conditione Opificum » de 15 de maio de 1891, com um appendice, contendo o texto latino e a versão portugueza da Encyclica.* » Agradecemos muito penhorado a gentileza da offerta, e grande prazer teriamos em felicitar o joven doutor, se o seu trabalho merecesse applauso pela elevação da idéa, imparcialidade da critica e correccção da fórma. Infelizmente, o sr. Dr. Affonso Costa privou-nos d'esse prazer. Paciencia.

O titulo da dissertação, a transcendencia e actualidade do assumpto sobre que versa e, por ultimo, o nome do auctor, academico laureado da nossa Universidade, despertou-nos um vivo interesse de ler attentamente o exemplar recebido. Uma critica á palavra augusta de Leão XIII, é lá cousa que se perca? Lemos, pois, o livro do sr. Dr. Affonso Costa. A pag. 208 o auctor resume a sua critica á immortal Encyclica *Rerum Novarum* n'estas palavras, que fielmente copiamos:

«... Inuteis, inopportunas, antiquadas e perigosas — as doutrinas; egoistas e muito retrogradados — os motivos; incorrecta — a fórma; não-cientifica — a ideia; tal é a encyclica de Leão XIII! Tal é o documento em que o chefe visível da Igreja catholica apontou á Humanidade os remedios para a

má organização da sociedade! Felizmente que no seio das populações miseráveis, entre os operarios soffredores, a encyclica foi recebida com indifferença, e os remedios nella aconselhados foram por toda a parte votados a um merecido esquecimento!»

Na mesma pagina escreveu o critico de Leão XIII:

« A redacção da encyclica não é accurada. De proposito ou involuntariamente escaparam n'ella contradicções... ».

Isto escreveu o sr. Dr. Affonso Costa; e não sabemos bem se para os selenitas, se para os habitantes d'este mundo sublunar. O critico de Leão XIII affirma gratuitamente, não apresenta uma unica razão plausivel das suas tão falsas como inconvenientes affirmacções, porque não merecem o nome de argumentos os logares communs contra a Egreja, mil vezes exhibidos e outras tantas victoriosamente refutados; os erros historicos e doutrinaes; os anachronismos, as contradicções e mais partes de igual quilate, de que a dissertação é farto repositorio e abundantissimo alfobre.

Todos sabem que as Encyclicas de Leão XIII, escriptas em primoroso latim, são notaveis pela belleza e elegancia da fórma, pela sublimidade e transcendencia da idéa, copia fiel da idéa christã. Reflecte-se n'aquellas Encyclicas a pura doutrina de Jesus com tanto brilho e esplendor, como na superficie de crystalino lago se reflecte a imagem do sol. Leão XIII é um classico latino; nos seus versos, escriptos n'esta formosissima lingua, em que o sr. Dr. Affonso Costa de certo é mestre consummado, parece que se ouvem os sons harmoniosos do cysne de Mantua; nas suas Encyclicas ha lampejos da eloquencia de Cicero, reverberos esplendidos d'aquelles que bem escreveram a lingua do Lacio. São perolas litterarias de primeiro quilate. Mas o sr. Dr. Affonso Costa diz que « a redacção da Encyclica não é accurada » que é « incorrecta — a fórma. »! Ora pois.

Tem, demais, a Encyclica propositadas ou involuntarias contradicções. E indica uma, que não o é, e de que a seu tempo fallaremos. Houve e ha ainda quem se obstina em affirmar a existencia de contradicções no proprio Evangelho,

e ainda entre o Evangelho e a sciencia. Todavia, os que estudaram e estudam a fundo o Evangelho, os sabios verdadeiramente dignos d'este nome, os que não julgam da doutrina de Jesus pelo que d'ella disseram Drapper, Renan, Edgard Quinet e outros *sabios, theologos e criticos* de equal jaez, vêem no Evangelho a verdade revelada, que não se contradiz nem é possível contradizer-se, e entre o Evangelho e os *factos* scientificos a mais intima e admiravel harmonia. Olhe o sr. Dr. Affonso Costa se logra ser o primeiro feliz mortal que demonstre o contrario.

Todos sabem ainda que a famosa Encyclica de Leão XIII, tão desastradamente criticada pelo sr. Dr. Affonso Costa, inspirou obras magistraes sobre a momentosa questão social em todos os centros scientificos do velho e novo mundo; que foi saudada por eminentes sociologistas como aurora sorridente de dias prosperos para o pobre proletariado; que mereceu rasgados elogios não já de catholicos, mas de homens reconhecidamente hostís á Egreja; que, n'uma palavra, foi e é tida pelos que não tratam levianamente, infantilmente, assumptos graves que demandam estudo aturado e experiencia, como destinada a operar uma transformação salutar nas desditosas classes trabalhadoras, ora reduzidas a triste condição, precisamente por causa das doutrinas que o sr. Dr. Affonso Costa e os da sua escola tão sem piedade propalam. Porque é um crime de lesa sociedade tentar solver sem o Evangelho e contra o Evangelho a questão social. O sr. Dr. Affonso Costa, — é triste dizel-o, mas é a pura verdade — não entendeu a Encyclica, não a estudou nos seus illustres commentadores, não soube ser superior a certos preconceitos de escola, nem elevar-se ás regiões serenas da verdade e da justiça; e, quando se mette nos dominios da historia, especialmente do christianismo e do Papado, da exegese biblica e da critica, dá exuberantes provas de incompetencia para a remontada obra que emprehendeu. Tudo isto se mostrará.

Ora quem se julga com direito de publicamente dizer o que até hoje ninguem disse, isto é, que a Encyclica de Leão XIII sobre a condição dos operarios é *incorrecta, não accu-*

rada na fórma; que é *anti-scientífica na idéa, contradictoria* e outras cousas assim, tem obrigação de não fazer casa com telhados de vidro. E então pergunta-se: É correcta e accurada na fórma a dissertação do sr. Dr. Affonso Costa? É científica na idéa? Não tem contradicções? Resolve melhor o problema social do que o resolveu o grande Pontifice que é uma gloria da Igreja, um benemerito da humanidade, um sabio e um litterato de primeira plana?

Da resposta a esta ultima pergunta está encarregado o nosso bom amigo e querido companheiro de redacção sr. Fortunato de Almeida. Por hoje tentaremos responder, com a dissertação do critico de Leão XIII, á primeira e terceira pergunta.

As edições officiaes dos escriptos do sabio Pontifice são irreprehensíveis sob qualquer aspecto que se considerem. Têm accurada revisão typographica, são isentas de erros orthographicos, puras e nitidas na dicção de modo que o pensamento se vê atravez d'ellas, como atravez de limpido crystal se vêem os objectos. Os periodos são bem urdidos, elegantes e harmoniosos, não tresandam a barbarismos e por elles deslisa magestosa a idéa, sempre levantada, a irradiar luz, a derramar perfumes, porque a idéa das Encyclicas de Leão XIII é aquella mesma que, partindo de Deus, verdade summa e summa belleza, illumina e perfuma o universo. E a dissertação do sr. Dr. Affonso Costa? Na revisão e na orthographia deixa muito a desejar. Tem periodos de 23 linhas, parenthesis de 5 que tornam o sentido obscuro; neologismos desnecessarios e não auctorisados; gallicismos intoleraveis ¹⁾ e versões do francez e até do latim que deixam a lingua de Fr. Luiz de Sousa e Vieira muito mal parada ²⁾.

¹⁾ Parece impossivel que o auctor ou revisor da imprensa da Universidade deixasse passar erros como estes: *tradicção* (sempre que se fala de tradição) *cathecismo*, *systema*, *Thucidedes* e outros que seria fastidioso indicar. Os gallicismos pullulam, taes como *implicar* na significação de envolver, *massacrados*, *devotadissimos*, *constatar*, sem fallar nos de construcção, que se encontram, a bem dizer, em cada pagina. Neologismos desnecessarios e não auctorisados, a cada passo.

²⁾ Dou exemplos apenas. A paginas 155 lemos: «Nenhuma duvida com effeito, — diz por sua parte Anatole; — o socialismo foi formalmente e nominativa-

Não falariamos n'estas minudencias, tendo, de mais a mais, cousas importantes que tratar, se o sr. Dr. Affonso Costa não levasse a sua critica apaixonada e injusta a ponto de dizer, entre linhas, que Leão XIII nem sequer sabe escrever com pureza e correcção! É uma accusação que, até hoje, repetimos, ninguem fez ao sabio e doutissimo Papa. Debaixo d'este ponto de vista o trabalho do critico é originalissimo. E diga agora a critica imparcial, se quem escreve um livro incorrectissimo, obscuro e pouco portuguez, em geral, na forma, tem direito e auctoridade para accusar quem quer que seja, de incorrecto e descurado nos escriptos que publica.

Não nota, nem podia notar o nosso critico, uma só contradicção real na Encyclica de Leão XIII. E quantas na dissertação do sr. Dr. Affonso Costa? A contar principalmente da 2.^a grande divisão, as contradicções pullulam e fervilham que não sabe a gente a quaes deve dar preferencia. Respiguemos algumas.

mente reprovado pelo Papa Leão XIII.» Ora, o texto francez de *Anatole Leroy-Beaulieu* é o seguinte: «Aucun doute, en effet: le socialisme a été formellement et nominativement reprouvé par le Pape Léon XIII...» Ninguem chamará a isto versão genuinamente portugueza e clara. *Nominativamente* é adverbio que não existe na nossa lingua. E a proposito: onde seria que o sr. Dr. Affonso Costa encontrou a Encyclica de 15 de maio de 1891 expedida por Leão XIII aos seus subordinados, Patriarchas, *Primados*, Arcebispos e Bispos catholicos? (pag. 131).

Do latim traduz para portuguez d'este modo. A pag. 128 lê-se: «Ora, no concilio do Vaticano que declarou Pio IX e os seus successores infalliveis, elaborou-se, sendo approvada quasi por unanimidade, uma *Constituição dogmatica da fé christã*, em que se lêem estas phrases insuspeitas: «*tendo sido rejeitada a auctoridade da Igreja* e submettidas ao juizo particular as cousas da religião, levantaram-se muitas seitas, que, pelas suas disputas, contribuíram para *riscar de muitos espiritos toda a crença em Jesus Christo*, e as Escripturas Sagradas começaram a considerar-se como fábulas e mythos. *O christianismo foi abandonado e o reinado da razão, como lhe chamam*, foi posto em seu lugar.» Ora notemos: 1.^o Não ha tal *Constituição da fé christã* elaborada pelo Concilio do Vaticano. Ha, sim, uma *Constituição dogmatica da fé catholica*. Sabe-se que, rigorosamente, *fé christã* o mesmo é que *fé catholica*; mas diga-se o que o Concilio do Vaticano disse; 2.^o essa constituição foi votada por unanimidade e não quasi por unanimidade. O texto latino resa assim: «Itaque ipsa sacra Biblia, quæ antea christiane doctrinæ unicis fons et iudex asserebantur, jam non pro divinis haberi, imo mythicis commentis accenseri cœperunt.

«Tum nata est et late nimis per orbem vagata illa rationalismi seu naturalismi doctrina, quæ religioni christiane utpote super naturali instituto per omnia adversans, summo studio molitur, ut Christo, qui solus Dominus et Salvator noster est, a mentibus humanis, a vita et moribus populorum excluso, meræ quod vocant rationis vel naturæ regnum stabiliatur.» O sr. Dr. Affonso Costa traduziu como viram. Provavelmente citou *ao acaso* como costuma. A paginas 109, depois de

A pag. 102 escreve o sr. Dr. Affonso Costa : « Mas a historia mostra (*havemos de ver isso*) que tudo quanto J. Christo prégou era já da philosophia e da moral antigas : . . . » E logo na pagina immediata : « Depois, as idéas de Jesus, que pouco tinham de originaes (e como haviam de ter, se elle proprio declarou, ácerca da lei mosaica, que não vinha destruir, mas apenas modificar, . . . ⁴) » Mais abaixo : « Alem de que, as almas simples abriram-se depressa ao calor da nova religião (*a de J. Christo*) . . . » Então em que ficamos ? Se tudo quanto Jesus prégou era já da philosophia e da moral antigas, como tinham *algo de originaes* as suas idéas e como era *nova* a sua religião ?

A pag. 105 lê-se : « O character anti-social do christianismo resulta, primordialmente, da eliminacão de toda a ideia de progresso e civilisação . . . » E a pag. 120 e 121 diz : « E assim foram praticadas e seguidas, na capital do mundo christão e no orbe catholico, as doutrinas de amor, paz, protecção aos

pôr nos labios de respeitabilissimos Padres e Doutores da Egreja umas palavras que a seu tempo analysaremos, diz, em nota, o sr. Dr. Affonso Costa : « Cito ao acaso. » É de primeira ordem.

E já agora mais um documento da proibidade litteraria e fidelidade com que o sr. Dr. Affonso Costa cita e traduz documentos que devera consultar nas proprias fontes e traduzir fielmente. A pag. 158 cita « as seguintes palavras do Concilio do Vaticano », diz elle :

« Nós ensinamos que os pastores e os fieis, cada um e todos, quaesquer que sejam o seu rito e a sua posição, lhe estão submettidos pelo dever da subordinação hierarchica e d'uma verdadeira obediencia, não só nas cousas que respeitam á fé e aos costumes, mas tambem n'aquellas que pertencem á disciplina e ao governo da Egreja espalhada por todo o universo. » E em nota cita o cap. III da Constituição *Pastor aeternus*, proclamada no Concilio do Vaticano. Consultando este cap. III vê-se que o sr. Dr. ou não consultou a Constituição, ou, se a consultou, não a soube traduzir, porque o que lá está, no logar citado, é o seguinte « Docemus proinde et declaramus, Ecclesiam Romanam disponente Domino super omnes alias ordinariae potestatis obtinere principatum, et hanc Romani Pontificis jurisdictionis potestatem, que vere episcopalis est, immediatam esse : erga quam cujuscumque ritus et dignitatis pastores atque fideles, tam seorsum singuli quam simul omnes, officio hierarchicae subordinationis, veraeque obedienciae obstringuntur, non solum in rebus, quae ad fidem et mores, sed etiam in iis, quae ad disciplinam et regimen Ecclesiae per totum orbem diffusae pertinent ; . . . » Compare-se, e ver-se-ha que a versão do sr. Dr. é, alem de infiel, incorrecta, não accurada, contraria á grammatica e obscura.

⁴) Não declarou tal. Allude-se aqui ao cap. V, v. 17 do Evangelho de S. Matheus, onde o Salvador diz : *Nolite putare quoniam veni solvere legem, aut prophetas : non veni solvere sed adimplere*. Ora, *adimplere* nunca significou modificar. De maneira que o sr. Dr. Affonso Costa ou não leu o texto, ou, se o leu, não o soube traduzir.

pequenos e destruição de privilegios, que ensinára ás gentes aquelle homem humilde e bom que tinha andado pela Galiléa prégando o Evangelho...

Logo em seguida afirma que: «socialmente, a Egreja christã não só fez desaparecer ou transformar as communi-dades formadas ao calor das palavras egualitarias de Christo, destruindo assim por diversos meios, nem sempre compati-veis com a sua posição moral na terra, os progressos que do Evangelho podiam esperar-se...» De maneira que o caract-er do christianismo é anti-social, e todavia as doutrinas de Jesus são de amor, de paz e de protecção aos pequenos! O christianismo eliminou toda a idéa de progresso e civilisa-ção, e apesar d'isso a Egreja destruiu por todos os meios os progressos que do Evangelho podiam esperar-se! Que harmonias e que bellezas! Mas ha mais. A pag. 123, o critico das *contradições* de Leão XIII não duvida afirmar, depois de ter dito que o character do christianismo é anti-social, que «a reacção catholica conservou as instituições per-niciosas contra que o seu legitimo fundador tinha erguido tantos clamores...»

Na mesma pagina 123 o sr. Dr. Affonso Costa, perfi-lhando e applaudindo as palavras de Guilherme de Greef, pronunciadas perante os professores da faculdade de Direito da Universidade de Bruxellas, diz com elle: «O christia-nismo, ou antes, o catholicismo, que foi a sua realisação pra-tica e social...» Mas na pagina 156 escreve: «O papa não quer por forma alguma que o catholicismo seja socialista.

«Nem poderia conseguir que o fosse: digamol-o por uma vez bem claro e alto. Não é uma questão de palavras: é uma questão de doutrinas diametralmente oppostas e de processos absolutamente contrarios.» Quer dizer: as dou-trinas e os processos catholicos são diametralmente oppostos e absolutamente contrarios aos processos e doutrinas socia-listas. Muito bem. No entanto, a pag. 105, depois de dizer que «havia nas palavras egualitarias e semi-communistas de Jesus, um fundo de verdade...» conclue, appellando para o testemunho da historia, que se não fossem taes e taes circum-

stancias, « já estariámos usufruindo ha muitos seculos o verdadeiro socialismo, universalmente espalhado com a religião christã. »

Comparemos agora : o catholicismo é a realisação prática e social do christianismo (pag. 123); entre o catholicismo e o socialismo ha opposição absoluta de doutrinas e processos (pag. 156); o christianismo é egualitario, communista e socialista (pag. 104 e 105).

A pag. 107, o critico de Leão XIII diz : « Jesus morreu. A obra por elle construida subsistiu inalteravel nos seus diversos fundamentos em quanto a influencia dominadora de S. Paulo não se manifestou. » Que obra? A sua doutrina ou a sua Igreja, certamente. Pois a pag. 113 e 114 diz o mesmo critico : « Já S. Paulo se esforçou por dar á igreja incipiente uma cohesão que amparasse a sua fraqueza... Por outro lado, ameaçou com terriveis castigos aquelles que pretendessem arredar-se do gremio do christianismo. » Assim, pois, a influencia dominadora de S. Paulo deu em terra com a obra de Jesus, apesar de que o mesmo S. Paulo envidou os seus esforços para dar á Igreja incipiente uma cohesão que amparasse a sua fraqueza, e ameaçou com terriveis castigos os que pretendessem arredar-se do gremio do christianismo.

A pag. 112, depois de afirmar que antes da Encyclica houve, alem dos primitivos SS. Padres da Igreja catholica, muitos e notaveis socialistas catholicos ¹⁾, conclue : « Esses homens, sim, eram socialistas. Nenhuns outros de renome verdadeiramente socialista poderam, depois d'isso, erguer-se d'entre as doutrinas sociaes do christianismo continuado pela igreja de Roma, e afirmar vivamente as suas individualidades. » É claro, em face d'estas palavras, que a Igreja de Roma, de que o Papa é chefe supremo, continúa o christianismo, egualitario, semi-communista e socialista como o critico escreveu. Pois não obstante tudo isto a Igreja de Roma não quer, nem á mão de Deus Padre, ser socialista; e ainda

¹⁾ Cita o sr. Dr. A. Costa — Bossuet, Bourdaloue, Ketteler, Manning, que foram tão socialistas como mahometanos. Mas a analyse dos erros historicos e doutrinaes fica para outros artigos.

mesmo que quizesse nunca poderia lograr o seu intento, como o sr. Dr. Affonso Costa declara a pag. 156. Para que não reste a minima duvida, consigna o critico a pag. 154 «que o papa não é socialista, nem o seria mesmo no caso de o ter positivamente affirmado.» Mas é o chefe da Egreja de Roma, continuadora do christianismo socialista (pag. 112).

A pag. 107 dá o critico mais uma *razão* do character anti-social da doutrina de Jesus, e é esta: «representa um retrocesso no campo moral e do aperfeiçoamento, quando manda desprezar a belleza e a sociedade...» Vem depois S. Paulo, aquelle mesmo que deu em pantana, graças á sua influencia dominadora, com a obra de Jesus (pag. 107), e, «longe de attenuar, fez prevalecer o desprezo pela vida humana, pelas obrigações sociaes, pela belleza e pela arte... (pag. 113).» Assim, pois, a doutrina de Jesus por um lado, e S. Paulo por outro, declararam guerra de exterminio á belleza e á arte. Mas a pag. 122 a grimpa dá uma volta de sul a norte. Perfilhando as palavras de Drapper, «bellas na forma e ardentes na ideia», repete com o pobre *sabio* americano: «Quando olhamos para as magnificas cathedraes, para esses milagres de architectura, que podemos contemplar ainda e que são os unicos verdadeiros milagres do christianismo catholico...» Conclusão: Jesus proscreeu a belleza e a arte, S. Paulo declarou-lhes guerra de morte; mas apezar d'isso o christianismo produz milagres de belleza e arte!

Quem assim se contradiz tem, por ventura, auctoridade para accusar de contradictorios os escriptos de quem quer que seja? Seria engraçado, se não fôra triste, vêr um joven, ainda ha pouco sahido dos bancos das escolas, arvorar-se em censor, injusto e apaixonado, d'um ancião cuja fronte encanecida pelos annos e pelos trabalhos o mundo contempla aureolada pelo duplo diadema de Pontífice supremo e sabio eminente.

II

Não queremos demorar por mais tempo a analyse dos erros relativos ao christianismo, á Egreja e á historia, de que

ha larga messe na dissertação do sr. Dr. Affonso Costa, e por isso vamos terminar o capitulo das contradicções que embellezam em pasmosa fartura, as anemicas folhas d'aquelle trabalho infeliz.

A pag. 189, tractando *dos remedios puramente religiosos da questão social*, apresentados pelo grande Pontifice, escreve o critico: «Era de esperar que, ao menos n'esta parte, Leão XIII fosse bem explicito...

«Ainda aqui, o dizer pontificio é vago, cheio de hesitações etc...» Isto, e outras expressões analogas que se encontram na dissertação, quer dizer: «Na encyclica de Leão XIII nada ha bem explicito: tudo é vago e cheio de hesitações.» Ouviram? Pois logo no capitulo preliminar (pag. 9), depois de transcrever umas palavras da mesma Encyclica, *nada explicita, vaga e cheia de hesitações*, escreve o sr. Dr.: «Essas palavras são bem eloquentes: a alta significação da posição actual da Igreja em relação ao operariado (*que elegancia* no dizer do critico que accusa Leão XIII de incorrecto e não accurado na phrase!) não fica por ellas definida; mas resulta bem nitida a momentosa importancia da questão social.» De maneira que um documento pontificio, onde nada é bem explicito e tudo vago e cheio de hesitações, diz com eloquencia e fala de modo que d'elle resulta nitidamente a momentosa importancia da questão social. E para que ninguem duvide de que o sr. Affonso Costa falou com consciencia quando affirmou que na Encyclica tudo é vago e cheio de hesitações, escreve a pag. 175: «Quer ler desprevenidamente a encyclica, cuidará mesmo que o papa, n'essa parte final do seu trabalho, se deixou dominar um pouco pelo desejo de crear uma situação mais desafogada ao operariado. Fala com tal calor da sua (*corporações catholicas*) benefica influencia; applaude com tal significativo enthusiasmo os esforços d'alguns catholicos para as espalharem pelos diversos paizes; analysa com tal minuciosidade os principios geraes que devem presidir á sua organização; — que ninguem, ao examinar sem preconcebidas ideias o final da encyclica, poderá arrancar-se desde logo ao sentimento de irremovivel sympathia que as

phrases pontificias conseguem despertar.» Apesar d'isto na Encyclica nada é bem explicito, e tudo é vago e cheio de hesitações. Vamos indo.

A pag. 10, investigando a razão por que o Papa falou na sua immortal Encyclica de 15 de maio de 1891, escreve: «O papado não poderia furtar-se a essa meia demencia que atacava tudo e todos; mas, melhor que ninguem, comprehendeu, na forte penetração que usam ter os poderes enfraquecidos, que uma força incalculavel se estava erguendo e prodigiosamente multiplicando e que era preciso aproveitá-la ou arcar com ella. Foi por isso que falou.» Esta meia demencia era, segundo o critico, «a força que no socialismo vem já manifestando-se, por forma tal, que thronos, fortunas, garantias dadas pela *tradicção* (sic) poderios sancionados pela ignorancia, solios pontificios, apotheoses de occasião... julgaram durante os momentos do panico inconsciente, que iriam voar, feitos estilhas ao primeiro triumpho d'essa nova doutrina.» Esta era a semi-demencia. E deixando as *estilhas das apotheoses de occasião*, phrase d'uma elegancia indiscutivel, de que em vão procuraremos semelhante na incorrecta e não accurada linguagem de Leão XIII, vê-se que os motivos que determinaram a Encyclica não vieram de Roma (a não ser os solios pontificios que voariam, *feitos estilhas*, ao primeiro triumpho do socialismo), mas de fóra. No entanto, a pag. 150 diz: «Em resumo do que tenho exposto, pode affirmar-se que não houve forte influencia externa a pesar no animo do papa para que elle expedisse a encyclica de 1891. Esta encyclica estava desde o começo no plano do governo espirital de Leão XIII.» Já a pag. 146, falando dos motivos que determinaram a publicação d'aquella Encyclica, havia dito: «De fóra, pois, não partiu para Roma o impulso.» Fica a gente sem saber porque foi que o Papa falou da questão social.

A pag. 151 continua o critico: «Assim desvendados os motivos da encyclica (*e, por signal, com clareza e harmonia*), é evidente que a intervenção do papa na questão social não é legitima. Pouco importa que se trate de assim fazer subir a moralidade e que a igreja se julgue ainda hoje depositaria

da melhor moral — a moral christã. A sociedade tem o direito de perguntar o titulo com que qualquer se apresenta para intervir nas suas questões mais viciaes...» Affirma pois o critico que Leão XIII não tem direito de intervir nas questões sociaes. Mas a pag. 183, falando dos remedios que Leão XIII propõe para a solução do problema social, o sr. Dr. Affonso Costa, para mais firmar a coherencia das suas idéas e a auctoridade com que accusa o grande Pontífice de contradictorio, diz: «A sua (*de Leão XIII*) posição dava-lhe o direito, se não lhe dava tambem o dever, de claramente mostrar o que a religião poderia fornecer para a elaboração d'esse vasto edificio de reformas, planos, theorias e expedientes, destinados a pôr termo á desesperada situação actual.» Infere-se d'aqui: 1.º que a intervenção do Papa na questão social não é legitima; 2.º que o Papa tem o direito e o dever de intervir na mesmissima questão, fornecendo planos, theorias e expedientes, destinados a pôr termo á desesperada situação actual! Ganha um dôce quem fôr capaz de combinar isto. Notemos de passagem que o Sr. Dr. Affonso Costa, escrevendo a sua dissertação, affirma bem claramente o seu direito de intervir na questão social, direito que nega e simultaneamente concede ao Papa.

Vamos pôr ponto na serie interminavel de contradicções, nota caracteristica da dissertação do sr. Dr. Affonso Costa.

A pag. 204, falando dos *remedios humanos da questão social*, o critico diz: «Por tanto, conforme a doutrina christã de Leão XIII, o proletario deve trabalhar tanto tempo quanto o corpo lh'o consentir, e receber somente aquillo que strictamente bastar para elle e os seus se alimentarem sobriamente.» Temos, pois, que a doutrina christã é a doutrina de Leão XIII. Ora, para o critico, Jesus Christo foi «um socialista inconsciente» (pag. 103), a sua doutrina «egualitaria», o seu character «socialista» e até «comunista» (pag. 102 e segg.). Parece que sendo christã a doutrina do Papa, e sendo socialista o character do christianismo, o Papa devia ser socialista. Pois não, senhor, não é, affirma-o o sr. Dr., e d'esta vez com toda a razão. Leiam-se as pag. 153 e segg., e lá se verá que

o critico diz e repete, torna a dizer e a repetir, « que o papa não é socialista, nem o seria mesmo no caso de o ter positivamente affirmado (pag. 154) », não obstante ser socialista a doutrina christã, na opinião do critico, e ser christã a doutrina do Papa, ainda na opinião do mesmissimo critico.

Demonstrada assim a auctoridade e competencia com que o sr. Dr. se arvora em critico de Leão XIII, accusando a Encyclica de 15 de maio de 1891, de incorrecta, não accurada na forma e contradictoria, temos caminho aberto para a analyse dos erros graves em que o sr. Dr. incorreu, quando se metteu a falar do christianismo, da Igreja e da historia, pontos em que revela profundissima ignorancia.

Proval-o-hemos em artigos successivos.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.



OS MILAGRES DE LOURDES

E AS OBJECÇÕES DOS MEDICOS

Conferencia lida na Academia dos Arcades, em Roma,
em 20 de fevereiro de 1895, pelo Doutor José Lapponi,
medico particular de Sua Santidade Leão XIII

(Continuação de pag. 241)

III

É opportuno recordar que as *hallucinações* são phenomenos morbidos, que consistem em sensações não determinadas por uma impressão *actual* dos sentidos, mas creadas pela nossa imaginação com a recordação de sensações anteriores e apresentadas como realidade ao espirito do individuo. Ver um objecto que não existe, ouvir uma voz que não falla, sentir um cheiro imaginario, é ser victima de uma hallucinação. Poder-se-ia definir a hallucinação uma especie de sonho no estado de vigilia.

As *illusões*, pelo contrario, são phenomenos morbidos que consistem em sensações determinadas por uma impressão *actual*, realmente provocadas por um objecto externo em algum dos nossos orgãos, mas fatalmente percebidas e julgadas pelo cerebro. É victima de uma *illusão* aquelle que julga ouvir o sino da sua parochia a chamal-o ladrão; porque os sinos podem muito bem chamar a soccorro contra os ladrões, mas não chamam ladrão a ninguem. ¹⁾

¹⁾ O espirituoso escriptor Lasègue observou que a *illusão* está para a hallucinação como a maledicencia está para a calumnia. Como a maledicencia, a *illusão*

As *suggestões* são um phenomeno morbido que consiste em admittir ou inculcar aos outros uma idéa, uma resolução, uma convicção, que, por outro processo, nunca se conseguiria imprimir no cerebro.

Quando a uma pessoa, que offerece condições cerebraes proprias para essa influencia, se faz crer que ella é um cão e que por conseguinte deve ladrar, opera-se uma *suggestão*.

Quando, nas mesmas circumstancias, se leva uma pessoa a roubar, n'um momento dado, o lenço de um amigo, pratica-se uma *suggestão* que, se as condições forem favoraveis, produzirá o seu effeito.

Hoje toda a gente sabe que, em certos casos, o uso da *suggestão* influe na vontade de um individuo. Assim, até certo limite, pode exercer-se influencia mesmo nos phenomenos organico-animaes. Se a uma pessoa doentamente predisposta se ordenar que tenha uma hemorragia nasal em um certo momento, muitas vezes produzir-se-ha o facto com todo o rigor. E se, a uma pessoa que soffra de dores de cabeça neuropathicas, se ordenar por *suggestão* que não soffra de futuro d'esse mal, muitas vezes o individuo em questão ficará intimamente convencido de que está curado; e, suppondo que elle não se cure radicalmente, poderá sentir melhoras sensiveis de um mal até então rebelde a todo o expediente curativo.

Taes são os tres generos de phenomenos morbidos que se têm apresentado para explicar os maravilhosos acontecimentos de Lourdes e para explicar o milagre em nome das sciencias medicas.

IV

Mas os phenomenos morbidos teem as suas leis; e estas permitem-nos affirmar que nas maravilhas de Lourdes nunca ninguem pode encontrar *hallucinação*, nem *illusão*, nem *suggestão*.

As hallucinações, tendo sempre um objecto identico e que as suas victimas como taes não reconhecem ¹⁾, são proprias dos

assenta na verdade, mas desnaturada, alterada, desfigurada; a *hallucinação* pelo contrario, como a *calumnia*, inventa completamente e nada diz de verdadeiro.

¹⁾ *Exceptuando as doenças febris e algumas intoxicações.*

loucos e dos neuropathas: entre estes ultimos, os hystericos occupam o primeiro logar.

Mas Bernardette, que affirmou e sustentou até final a inteira e absoluta verdade das suas visões ¹⁾, não foi louca, nem neuropatha, nem hysteric.

Não foi louca. Sempre se lhe notou o mais perfeito equilibrio nas suas faculdades sensitivas, intellectuaes, appetitivas e affectivas; n'ella reinou sempre a mais perfeita regularidade no exercicio das diversas facultadês do espirito.

Não foi louca. Officiaes publicos que tinham interesse em fazê-la passar por tal, nunca puderam conseguir, mesmo dos medicos sem preconceito algum, encarregados do exame de Bernardette, nenhum attestado de loucura.

Não foi louca. As visões, n'ella, não foram como nos loucos e principalmente como nos loucos mysticos, segundo nol-o ensina a experiencia.

Não foi neuropatha: seus paes eram sãos e equilibrados, honestos, de bons costumes; ella propria, embora de uma constituição delicada, nunca soffreu nenhum ataque nervoso; o seu character não foi variavel, nem excentrico, e nunca presencou em outras pessoas phenomenos de neuropathia; de resto não pode admittir-se que uma pessoa seja neuropatha apenas durante 18 dias de toda a sua vida; que digo? Bernardette não o seria nem mesmo 18 horas, e ainda essas 18 horas eram separadas por intervallos longos e muito normaes, ás vezes de semanas.

Ainda menos foi hysteric. Esta doença não era hereditaria na sua familia, e nenhuma causa externa pode accidentalmente traduzir n'ella em acto uma casual predisposição hereditaria. Nem antes, nem depois das visões, se lhe notou algum d'esses factos organicos ou psychicos, que constituem o que se chama os *stigmates*, ou signaes da hysteria.

A narração que fez do facto, sempre ingenua e sincera, nunca mostrou essas alterações, essas mudanças, esses exageros que tantas vezes se encontram nos hystericos.

¹⁾ E que sem duvida não se encontrava n'um estado febril nem sob a influencia de alguma intoxicação.

Estabelecido isto, é claro que Bernardette não era um terreno preparado para essas allucinações tenazes e vivas a ponto de as confundir com a realidade.

Tambem não pode dizer-se que, na idade critica do seu desenvolvimento organico, ella estivesse temporariamente sujeita ás illusões: porque, quando essa idade de puberdade inclina alguém para as allucinações, estas são ordinariamente acompanhadas de uma longa serie de phenomenos nervosos com exacerbações periodicas, de que Bernardette foi sempre indemne.

A sciencia medica não tem, pois, o direito de dar ás suas visões o nome de allucinações; e prova-se de uma forma brilhante que realmente o não eram.

Porque, se fossem allucinações, apresentariam os caracteres distinctivos d'esses phenomenos morbidos, o que na verdade não succedeu.

(Continúa.)



À CRITICA D'UM SOCIALISTA

III

Consideremos a Encyclica de Leão XIII, de 15 de maio de 1891, não como um documento emanado da mais alta auctoridade doutrinal que existe sobre a terra, mas como um estudo scientifico elaborado por um theologo eminente — pois tambem pertence á theologia a analyse das questões sociaes — que estudou a fundo o grande problema social em si e nas suas intimas relações com o christianismo. Pergunta-se: terá o sr. Dr. A. Costa a necessaria competencia para criticar aquelle documento?

A leitura da dissertação responde: não. O pensamento predominante da Encyclica é este: « ha um meio unico de resolver satisfactoriamente a momentosa questão social: a acção benefica do christianismo, concretisado na Igreja catholica, secundada pela acção do Estado, que deve viver em intima harmonia com a Igreja » E o sabio Pontifice desdobra este pensamento, inunda-o da formosissima luz da evidencia, porque o demonstra com os principios christãos de que é depositario e interprete, com os factos incontestaveis da historia da Igreja, que ahi está a proclamar bem alto a verdade exposta na Encyclica. Para que o sr. Dr. A. Costa pudesse avaliar o valor scientifico da solução apresentada pelo Papa, — era de necessidade, pelo menos, que s. ex.^a tivesse ideas nitidas e exactas acerca da doutrina e espirito do christianismo, acerca da historia da Igreja e das suas instituições admi-

raveis. Ora, o sr. Dr. A. Costa, em vez de procurar a necessaria instrucção christã e historica em livros de illustres pensadores que passaram a vida — ás vezes longa — estudando e meditando a religião augusta de Jesus Christo, em si e no seu desenvolvimento maravilhoso atravez do tempo e do espaço, foi procural-a em homens que se chamaram Proudhon, Drapper, Edgar Quinet, Renan e outros que taes ¹⁾ Estes podiam ensinar-lhe uma chamada religião christã adulterada, uma historia falsa e adrede inventada para combater a fé e a Igreja, mas nunca a verdadeira religião christã e a verdadeira historia, que é a sua mais brilhante apologia.

Alem de que, a critica para que seja, como deve ser, imparcial, tem de conservar-se sempre nas regiões serenas da verdade e da justiça. Uma critica apaixonada é, necessariamente, falsa. E tal é a critica do sr. Dr. A. Costa. Em cada pagina da sua dissertação apparece, ora insinuando-se arditosamente, ora declarando-se sem reboço, a paixão sectaria, o preconceito e o erro contra a Igreja e o Papado, contra as instituições christãs e até contra o proprio Jesus Christo, apresentando-o como um « socialista inconsciente! » (pag. 103). Parece que o sr. Dr., dominado das ideas de Lange e Hartmann, aquelle semi-materialista apesar da sua confissão de espiritualista, e este pantheista da velha escola de Schelling, vê em tudo « o inconsciente », ainda mesmo n'Aquelle que ensinou ao mundo a doutrina mais santa e mais pura que os seculos nunca viram nem verão. Pois nós sentimos profundamente que o sr. Dr. A. Costa nem saiba distinguir entre o romance e a historia, entre a utopia e a realidade, entre a verdade e o erro, nem lograsse elevar-se acima de preconceitos, para assim criticar, serena e imparcialmente, ideas e factos.

Diz o sr. Dr. (pag. 28-30) que 1.º: « o christianismo espalhou-se rapidamente, como era natural succeder a uma doutrina que annunciava aos esmagados pelo soffrimento uma

¹⁾ Tambem consultou Anatole Leroy-Beaulieu a quem chama « catholico effervescentes », em portuguez tão puro como o catholicismo de Anatole.

libertação mais ou menos fugitiva e hypothetica, mas, por isso mesmo, mais querida aos olhos cheios de mysticismo dos povos de então...» D'onde se infere que a rapida propagação do christianismo é um facto natural e perfeitamente explicavel pelo character da mesma doutrina que annunciava e pelas circumstancias favoraveis do tempo em que appareceu. Drapper dizia o mesmo. 2.º Que a Igreja do christianismo nascente foi democratica; que S. Paulo e mais tarde Santo Agostinho fizeram com que ella mudasse successivamente de character « aristocratisando-se, theocratisando-se e impondo sob mil pretextos um novo dominio »; 3.º que, apesar d'isso « houve ainda algumas associações christãs communistas, que se espalharam pelo mundo, *prégando as sãs idéas* e sendo, por isso, perseguidas pela Igreja, que d'este modo ensaiava a forma futura do intolerantismo »; 4.º que d'entre essas seitas de *sãs idéas* cita: « o *millenium*, heresia com character socialista, que, baseando-se no *apocalypse*, attribuia para (*sic*) o anno mil a realisação de factos que trouxessem (*sic*) ao mundo a justiça, a fraternidade, a egualdade, a commum posse dos bens, etc.; o *Gnosticismo*, doutrina pouco perfeita...; os *Monicheus* (*sic*) muito mais puros... os primeiros a soltar as palavras Razão, Tolerancia, Humanidade, e os verdadeiros antepassados da Franc-Maçonaria...¹⁾ »; 5.º que « os albigenses e os communistas de Vand (*sic*) soffreram, pela sua persistencia nos bons principios do christianismo alliado ao socialismo, as mais terriveis perseguições de que fala a historia do papado e da feudalidade.»²⁾

Vejam o que ahi vae! E ainda está a sahir o funebre cortejo dos erros, simplesmente pasmosos, do sr. Dr.

É certo que o christianismo appareceu em momento opportuno e que algumas circumstancias favoraveis houve então para que rapidamente se propagasse; mas tambem é certo que enormes e humanamente invenciveis eram os ob-

¹⁾ O sr. Dr. escreve Papa e Igreja, por exemplo, com letra minuscula, e razão, tolerancia, humanidade, franc-maçonaria, revolução franceza... com letra maiuscula. Até n'isto a imparcialidade da sua critica!

²⁾ Gallicismo intoleravel.

staculos que se oppunham a que a nova doutrina d'um judeu crucificado, prégada por doze homens rudes, illiteratos e da infima classe do povo, lograsse, em breve espaço de tempo, conquistar o universo e estabelecer-se triumphante ainda nos grandes centros do saber e do poderio de então. E um d'esses obstaculos era precisamente a doutrina que Jesus Christo, e, depois d'elle os apóstolos, prégaram e confirmaram com prodigios estupendos.

Quem ousaria, por exemplo, falar de humildade, de pobreza, de mortificação, de desprezo dos bens terrenos, das honras e dignidades, de perdão das injurias, de amor aos inimigos, da egualdade entre os homens, da vida futura... no proprio coração da Roma pagã, dissoluta, sensual, cruel e despotica, como era a cidade dos Cesares' ahi pelo anno 42 era christã? Pois foi precisamente n'aquelle anno que um pobre pescador da Galilea elevado por Jesus Christo á mais alta dignidade e grandeza que existe sobre a terra, entrou na Babylonia do occidente e prégou aquellas doutrinas tão oppostas ás que dominavam na capital do ímperio romano. O resultado da empreza ahi está, escripto em caracteres indeleveis, nas paginas indestructiveis da historia. «A Roma de Horacio e Tibulo, das festas e espectaculos eternos, da civilisação e do requinte sensual, em cujo *Forum* ainda se não haviam apagado os ecos harmoniosos da voz de Cicero, escutou a palavra do pescador judeu, prendeu-se d'uma linguagem que se differença tanto da sua quanto a gelada Siberia se differença das risonhas plagas de Napoles. S. Pedro falava uma linguagem desconhecida, a da abnegação e humildade, e a Roma da soberba e do orgulho escutou-o e amou-o; falava uma linguagem contraria a todas as glorias e grandezas do mundo, e a Roma do fausto, da ostentação, da gloria marcial e das grandezas terrenas seguiu os seus ensinamentos. Quem poderá explicar humanamente este prodigio?

« Distinguem-se os grandes genios pela decisão e energia com que acommettem as mais gloriosas emprezas; Alexandre abalança-se sem vacilar á conquista da India; Julio Cesar passa sem temor o Rubicon; o primeiro Bonaparte arroja-se

sobre os povos com audacia incrível; mas o que são todas estas empresas comparadas com a de S. Pedro? Sem soldados, sem dinheiro, sem recursos humanos, desprezando-os todos, desafiando as iras dos Cesares, derruba os altares da idolatria, arrebatou o poder aos senhores do mundo, estabelece nos degraus do throno, o mais despotico da terra um poder libertador por excellencia, superior a todo o poder, e protesta vivamente contra toda a tyrannia... 4)». Aos proselytos da nova doutrina o que offerece o Apostolo? Perseguições, trabalhos, talvez a morte no meio de tormentos, que eram estas as recompensas terrenas da *loucura da cruz*. O que succedeu em Roma, succedeu em toda a parte onde se ouviu a voz dos apostolos. E em toda a parte dominavam as idéas de Roma, capital d'um imperio que se estendia do Norte ao Meio Dia, desde a muralha de Antonino e da Dacia até ao Atlantico e o tropico, de leste a oeste, desde o oceano até ao Euphrates. Ha de o sr. Dr. Affonso Costa calcar todas as regras da critica para demonstrar naturalmente este facto, unico na historia da humanidade.

Concebe-se e explica-se facilmente que o islamismo e, depois d'elle, o protestantismo, se propagassem rapidamente *n'uma parte* do mundo. Seitas eram estas cujas doutrinas li-songeavam os sentidos e davam pasto abundante a todas as ruins paixões. O christianismo não. D'uma intransigencia implacavel para com as paixões, em guerra aberta com as exigencias desordenadas dos sentidos, austero nos seus preceitos moraes a ponto de condemnar os proprios pensamentos opostos á justiça e á moralidade, offerecendo aos que o quizerem abraçar, não as commodidades terrenas, mas os premios *invisiveis* d'uma vida *invisivel*, como podia elle subjugar tão rapidamente, como subjugou, o universo conhecido? *Naturalmente*, responde a critica do sr. Dr. A. Costa. É pasmoso! Tão desatinada é a critica racionalista, que prefere o absurdo, a confessar a intervenção sobrenatural de Deus em factos positivos e reaes, que é impossivel explicar naturalmente.

4) Urbano Ferreirôa — *Leon XIII y la situacion del Pontificado*.

Não sabemos, nem o crítico o diz, qual a « libertação mais ou menos hypothetica », que o christianismo offerecia « aos esmagados pelo soffrimento ». O que, sim, sabemos é que as promessas do christianismo são positivas, cathgoricas e claras, e tanto, que milhões de fieis deram a sua vida, no meio de inauditos soffrimentos, só para lograrem a libertação que Jesus Christo offereceu aos esmagados pelo soffrimento. Bem se vê que o sr. Dr. estudou o espirito do Evangelho em qualquer Drapper ou Renan.

Suppõe o critico que « S. Paulo e, mais tarde Santo Agostinho », transformaram o character da Egreja primitiva, o que é doutrinalmente absurdo e historicamente falso. A Egreja é immutavel, como christianismo de que é depositaria e interprete. O seu governo, a sua organização intima, substancial, o seu character, tudo foi determinado pelo proprio Jesus Christo, e tudo subsiste inalteravel. A Egreja de S. Paulo e de Santo Agostinho é a mesmissima Egreja primitiva. E ficamos por aqui, visto como o sr. Dr. Affonso Costa affirma gratuitamente o contrario, e com um entono que está mesmo a provocar um sorriso de compaixão. Aquella aristocracia e theocracia, que o apostolo das gentes e o immortal bispo de Hippona introduziram na Egreja, é uma das muitas phantasias que Renan metteu no cerebro exaltado do sr. Dr. E outra phantasia aquelle « novo dominio » que a Egreja impoz, « sob mil pretextos. » É effectivamente a Egreja rainha e soberana da humanidade redimida; mas essa realeza e soberania recebeu-a de Jesus Christo, em nome do Christo a exerce e ha de exercer até ao fim dos tempos. Não era pois *novo* nem imposto *sob mil pretextos* o dominio que S. Paulo e, com elle Santo Agostinho e todos os apologistas christãos, reivindicavam para a Egreja. E veja o critico se póde mostrar com factos o contrario.

Chama o sr. Dr. A. Costa « associações de sãs idéas », e, por isso perseguidas pela Egreja, ao *millenium*, ao *gnosticismo* e *manicheismo*!

O *millenium* não foi, rigorosamente falando, uma heresia, mas um erro que veiu aggravar enormemente as calamidades

que pesaram sobre a primeira metade da idade media. Affirmava esse erro, fundando-se na falsa interpretação do Evangelho, que no anno mil da Incarnação de Christo acabaria o mundo e pereceria toda a raça humana. Conjurado o phantasma pavoroso do *millenium* restabeleceu-se a paz e a ordem social profundamente abaladas e surgiram as cathedraes. Grande serviço prestou, pois, a intolerancia da Egreja ao bem social e ás artes combatendo aquelle erro, que o critico tão mal conhece, porque lhe chama « heresia de sãos principios », como quem diz: *papel pardo côr de rosa*.

Quanto ao *gnosticismo*, doutrina pouco perfeita, mas ainda assim *de sãs idéas*, segundo a logica do sr. Dr. — de tão puro quilate como o portuguez em que escreveu a sua dissertação — fique sabendo que é um dos erros mais monstruosos de que a historia dos desvarios do espirito humano nos dá notícia. Recommendamos ao sr. Dr. que, se quizer conhecer, melhor do que conhece, a *doutrina sã* da gnose, leia a *Histoire critique du guosticisme*, de Matter (Paris, 1828). Em que eram os manicheus mais puros do que os gnosticos? Em ensinarem o dualismo, o pantheismo e a metempsychose? Em darem nova forma aos erros da gnose, amalgamando as theorias dualistas da Asia com as idéas religiosas do antigo parsismo? O que a historia diz é que o manicheismo foi uma seita abominavel e como tal perseguida com leis severas, não só pelos imperadores christãos, mas até pelo proprio Diocleciano. O sr. Dr. intende que os manicheus professavam idéas sãs, ainda mais puras que as da gnose, e sympathisa com elles, porque foram, diz, os primeiros que soltaram as palavras razão, tolerancia, liberdade, e os verdadeiros antepassados da franc-maçõnaria. Ficamos sabendo: antes dos manicheus « *razão, tolerancia, liberdade* » eram palavras que ninguem ousou soltar. Estavam *in petto*, mas apparecerem em plena luz de publicidade... isso só depois que se exhibiram os taes verdadeiros antepassados da maçõnaria, a qual, a julgar pelos seus ascendentes, é tão exécravel como elles.

Chega a causar assombro que, n'este periodo em que estamos de pleno esplendor de estudos historicos, graças ao

impulso que lhes deu o eminente Pontifice Leão XIII, se escreva que os albigenses e os communistas de Vand (será Vaux?) «pela sua persistencia nos bons principios do christianismo alliado ao socialismo, soffreram as mais terriveis perseguições de que fala a historia do papado e da feudalidade.» Palavriado e mais nada. Os bons principios do christianismo em que os albigenses persistiram eram estes: o dualismo gnostico e manicheu, a negação dos dogmas da Trindade, da Incarnação, da Redempção, da existencia d'uma Igreja visivel, dos sacramentos, quer dizer, a negação de todo o Christianismo. E era tão cruel o fanatismo albigense que os paes albigenses recusavam alimentos e remedios aos filhos, quando enfermos; os filhos procediam do mesmo modo para com os paes quando estes cahiam doentes. Christãos não eram, evidentemente, os albigenses, mas eram socialistas *inconscientes*, diz o sr. Dr. O que fariam elles se fossem socialistas *conscientes*!...

Foi com effeito instituida a Inquisição para combater a cruel e sanguinaria heresia albigense. E já que tocamos este ponto vem muito a proposito citar umas palavras do sr. Dr. A. Costa, que se lêem a pag. 117 da sua Dissertação. Fornecem mais um argumento para demonstrar a profunda sciencia historica do nosso critico. Dando largas á sua má vontade contra o catholicismo, diz: «Por outra parte, já mais proximo a nós, encontrariamos o conflicto sobre a natureza da alma, levantado e briosamente proseguido, primeiro só na Hespanha, e depois tambem na Italia, por Averróes, e veriamos como a inquisição, *instituida graças a S. Domingos e Santo Ignacio*, perseguiu cruelmente os seus (*dé quem?*) partidarios¹⁾». Vê-se, ou adivinha-se facilmente, que aquelle Santo Ignacio é o illustre fundador da Companhia de Jesus. Ora, este santo (que tem homonymos tambem canonisados) viveu ahi pelo seculo XVI. S. Domingos de Gusmão viveu no seculo XIII. Como é que Santo Ignacio de Loyola se pode imparceirar

¹⁾ A seu tempo fallaremos do tal conflicto sobre a natureza da alma, que o critico enguliu tal como Drapper o cosinhou.

com S. Domingos, tres seculos antes de nascer, para instituirem ambos a Inquisição, cousa é que só a historia e a chronologia do sr. Dr. A. Costa nos podem explicar. Não ha, porém, motivo para estranhar o anachronismo do critico. Quem se propõe defender em theses publicas que o Papa deve ser eleito pelo Concilio ecumenico, sabendo todos que não ha, nem pôde haver concilio ecumenico sem Papa ¹⁾ não é muito que nos apresente S. Domingos, morto em 1221, a collaborar com Santo Ignacio de Loyola, fallecido em 1556, no estabelecimento da Inquisição.

Depois da enfiada de calumnias contra o christianismo, a Egreja e a historia, que o sr. Dr. escreveu desde pag. 27 a pag. 30 da sua Dissertação, conclue: « Tal é a obra socialista que n'este primeiro periodo (*de socialismo inconsciente*) effectuou a doutrina de Christo, não, porém, o catholicismo ». Não esqueçamos que o critico, com aquella consequencia de idéas que já lhe conhecemos, chama ao catholicismo (pag. 123) « realisação pratica e social do christianismo ». Na conclusão acima transcripta ha um erro grave, e uma grande verdade. O erro está em affirmar que o socialismo dos gnosticos, manicheus, albigenses e outros *ejusdem furfuris* é obra do christianismo. A verdade está em dizer que a obra dos taes socialistas *inconscientes* não é obra do catholicismo.

Não é, effectivamente. Porque a obra do catholicismo, « realisação pratica e social » da doutrina de Christo, foi sempre, é ainda e ha de ser até á consummação dos tempos, uma obra de paz, de ordem, de progresso, de civilisação e

¹⁾ Na secção de direito ecclesiastico, o sr. Dr. A. Costa apresentou a seguinte these: « A eleição do Papa deve competir ao concilio ecumenico ». O concilio ecumenico, para que o seja, deve ser convocado pelo Papa, por elle presidido, ou pelos seus legados. etc., etc. Reuna o sr. Dr. todos os bispos do mundo catholico em assemblea; se lá não estiver o Papa ou quem o represente, a assemblea pôde ser o que quizer, menos um concilio ecumenico. O proprio Schenkl, para quem o sr. Dr. appellou n'uma referencia que, no primeiro dia das suas conclusões magnas, fez aquella these, tentando justificar o que não tem justificação possivel, diz: « Mas o concilio geral, que realmente representa a Egreja universal, não é constituido, nem só pelos bispos sem o Pontifice, nem por este sem aquelles, mas pelos bispos junctos com o Pontifice como os membros com a cabeça. Não podendo por tanto fazer-se um concilio verdadeiramente ecumenico sem o Pontifice ou sem auctorisação d'elle... » (*Instituições de Direito Ecclesiastico*, pag. 351, nota †).

bem estar individual e colectivo, ao contrario da obra nefasta que o sr. Dr. tão desgraçadamente defende e propaga, porque é uma obra de retrocesso, de anarchia, de revolução anti-christã, e, por isso mesmo, anti-social.

Quando o sr. Dr. Fernandes Vaz, no seu bello argumento contra a Dissertação do critico, affirmou que a campanha de descredito movida pelos socialistas contra a Encyclica de Leão XIII, obedecia ao plano de inutilisar o mais terrivel inimigo do socialismo, e attenuar os maravilhosos effeitos que a palavra augusta do Chefe da christandade produziu no mundo operario, disse uma grande verdade. Com effeito, a Encyclica *Rerum novarum* foi um golpe formidavel que feriu no coração o monstro socialista. As invectivas contra o Papa são arrancos do monstro que se estorce nas vascas da morte. Succede ao socialismo o que tem succedido a todos os erros fulminados pela auctoridade doutrinal do Vigario de Jesus Christo. Dominaram por algum tempo esses erros, lograram mesmo uma especie de triumpho; mas, alfim, passaram, deixando na historia uma triste recordação e um exemplo salutar. Está para apparecer o primeiro erro que prevalecesse contra a Igreja. É que está escripto: *Passarão os ceus e a terra, a palavra de Deus nunca* ¹⁾. E a palavra do Papa é a palavra de Deus, sempre antiga e sempre nova, esclarecendo as intelligencias e guiando as sociedades na conquista do seu ideal.

Gloria ao Pontifice magnanimo que, fulminando o erro socialista, pondo a descoberto os seus ardís, arrancando-lhe a mascara com que encobre a sua apparente dedicação pela classe operaria e resolvendo com o Evangelho o problema social, prestou um relevantissimo serviço á humanidade e conquistou para o seu nome já glorioso mais um titulo de grandeza immorredoura.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.

¹⁾ Matth — xxiv — 35.

A QUESTÃO SOCIAL ¹⁾

As theorias collectivistas — Collectivismo industrial
— Karl Marx e Lassalle ²⁾

Benoit Malon, na obra intitulada *Socialismo integral*, define o collectivismo n'estes termos: « a inalienabilidade das forças productivas postas sob a tutela do Estado, confiando-as est'ultimo temporariamente e mediante certa renda aos grupos profissionais, e fazendo-se entre estes a repartição dos productos *pro-rata* do trabalho » ³⁾.

Estamos, pois, em presença de um systema que pretende transformar a propriedade individual em propriedade do Estado, que substitue a iniciativa particular pela acção e vigilancia de um poder central, absorvente, arbitro supremo de toda a fortuna dos cidadãos. Este systema representa a phase actual do socialismo.

Não quer isto dizer que o collectivismo tenha um cunho de originalidade frisante. Os seus principios e as suas con-

¹⁾ Este artigo é um capitulo do opusculo ultimamente publicado pelo auctor sob o titulo — *A questão social — Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa.*

²⁾ No rapido estudo que vamos fazer dos principios collectivistas desligamo'-nos completamente da dissertação do sr. Affonso Costa. Preferimos investigar e examinar livremente as theorias da escola adoptada por s. ex.^a, a ter de seguil-o passo a passo nas suas divagações. Parece-nos que d'este modo não seremos tão fastidioso.

³⁾ Eis as suas proprias palavras em francez: « l'inaliénabilité des forces productives mises sous la tutelle de l'État, ce dernier les confiant temporairement et moyennant redevance aux groupes professionnels, et dans ceux-ci la répartition des produits se faisant au prorata du travail ».

clussões pertencem ás velhas escolas economicas de Adam Smith, Ricardo, Bastiat, Turgot, de Tracy, etc.; mas Karl Marx, verdadeiro fundador do collectivismo, teve a habilitade de envolver os velhos principios n'uma fórma nova e revestiu-os de um certo apparatus scientifico, por vezes bem architectado embora assente em bases pouco solidas.

Karl Marx deveu á circumstancia de ser o fundador da *Internacional* toda a popularidade que alcançou entre os socialistas. O seu livro intitulado *O capital (Das Kapital)*, cheio de abstracções e formulas scientificas que exigem na leitura uma certa tensão de espirito, não era destinado a percorrer todas as fileiras da democracia socialista.

Não se julgue, porém, que são de um escrupuloso rigor os processos scientificos de Marx. « Como bem notou Cliffe Leslie — diz Laveleye ¹⁾ — o livro *Das Kapital* é um exemplo frisante do abuso do methodo deductivo, frequentemente empregado por muitos economistas. Parte de certos axiomas e de certas formulas que considera como rigorosamente verdadeiras. Deduz consequencias que ellas lhe parecem conter, e assim chega a conclusões que pretende serem tão irrefutaveis como as das sciencias exactas. Nada é mais enganador do que este methodo, que tem seduzido bons espiritos. Nas sciencias moraes e politicas, os termos nunca chegam a traduzir com precisão os infinitos matizes da realidade; só as mathematicas o conseguem, porque especulam exclusivamente sobre dados abstractos e rigorosamente determinados ».

Vejamos como os collectivistas, aproveitando algumas formulas da escola economica denominada classica, chegaram ás conclusões do seu systema, uns com bastante simplicidade, como Lassalle, Rodbertus e Marlo ¹⁾, outros atravez de longas digressões philosophicas.

Adam Smith escrevera: « O producto do trabalho constitue a recompensa natural ou o salario do trabalho. No estado primitivo que precede a appropriação das terras e a ac-

¹⁾ *Le socialisme contemporain*, pag. 22 e 23.

¹⁾ O seu verdadeiro nome era Winkelblech.

cumulação dos capitaes, todo o producto do trabalho pertence ao operario. Não ha proprietario nem patrão com quem tenha de dividir ».

Os socialistas interpretaram a seu modo este principio, e, caminhando de deducção em deducção, chegaram á conclusão extrema da «integralidade dos salarios». Se o trabalho é a unica fonte do valor, dizem elles, deve o operario gosar do producto integral do seu trabalho. Ora, na actual organização economica é exactamente o contrario que observamos. O operario trabalha um certo numero de horas em cada dia, recebe com o salario uma parte, relativamente pequena, do seu producto, e a parte restante é arrecadada pelo patrão.

O facto accusado pelos socialistas é verdadeiro, mas incompleto na sua exposição. O patrão não cede ao operario todo o producto do seu trabalho, porque n'esse caso não receberia o juro correspondente ao capital empregado, nem o premio do risco a que esse capital está sujeito, nem a justa recompensa da sua actividade. O capital que o patrão empregou na sua fabrica é um trabalho transformado, que ficaria sem recompensa, isto é, sem salario, no caso em que ao trabalhador fosse concedido o producto integral da sua fadiga.

N'este ponto surge a questão da origem do capital. Segundo Karl Marx, um homem que tem dinheiro e quer vir a ser capitalista, apresenta-se no mercado, compra materias primas, machinas e outros utensilios, e contracta operarios que, á força de trabalho, transformam as materias primas em productos. Estes são depois vendidos por maior preço que o da sua transformação, e assim realisou o empresario um lucro: tal é a origem do capital.

Laveleye expõe nos seguintes termos a theoria de Marx relativa ao modo como se produz o contraste da miseria e da opulencia entre o operario e o patrão:

« Para produzir os generos necessarios á existencia do operario e de sua familia durante um dia, não é necessario um dia inteiro de trabalho. Marx suppõe que bastam cinco ou seis horas. Portanto, se o operario trabalhasse por conta

propria, conseguiria em meio dia aquillo de que necessita, e no tempo restante descansaria ou entregar-se-ia a outras occupações; mas o escravo antigo, o servo da idade media, conquistando a liberdade na sociedade actual, não adquiriu ao mesmo tempo a propriedade. Por isso é forçado a pôr-se ao serviço d'aquelles que possuem a terra e os instrumentos de producção. Estes exigem-lhe naturalmente que trabalhe por conta d'elles durante doze ou mais horas por dia. Em seis horas o operario produz o equivalente da sua subsistencia; é o que Marx chama « o trabalho necessario »; durante as seis horas restantes produz valor a mais (*Mehrwert*), em proveito d'aquelles que o empregam »¹.

Ora o capitalista paga ao operario com o producto de seis horas, e embolsa o producto de outras seis, o que dá origem ao capital.

Accrescente-se agora — diz ainda Karl Marx — que o capitalista pôde ainda por varios meios augmentar o seu beneficio. Se elle tem um só operario, recebe, como vimos, o producto do trabalho de seis horas; mas se tem mais que um, o beneficio augmenta tantas vezes o producto de seis horas de trabalho quantos forem os operarios. E se, em vez de ser de doze horas, o dia normal de trabalho fôr de quinze, o augmento é ainda maior.

Ainda isto não é tudo: augmentando-se a productibilidade do trabalho por meio de machinas e methodos aperfeiçoados, o operario produziria em tres horas, por exemplo, o bastante para a sua sustentação; e então o capitalista embolsaria o producto de nove horas de trabalho, na hypothese de ser o dia normal de doze horas, e pagaria ao operario apenas com o producto de tres horas.

Taes são as theorias de Karl Marx, que teve o grande defeito de se conservar no campo das fórmulas theoricas, sem basear as suas deducções no exame rigoroso dos factos.

Em primeiro lugar, o beneficio recebido pelo capitalista não é gratuito, como já notámos, pois representa o salario

¹) *Le socialisme contemporain*, pag. 33.

— digamol-o assim — do trabalho transformado nas machinas e mais utensilios: estes objectos são realmente um trabalho transformado em capital.

Para que o operario recebesse o producto integral do seu trabalho, era necessario que cada productor fosse um capitalista, isto é, tornava-se necessario abstrahir dos capitaes apropriados e até da divisão do trabalho. Vejamos:

Se quizermos fazer de todo o productor um capitalista, é necessario ministrar-lhe materias primas, machinas e sub-sistencias. Como o productor não dispõe d'estes elementos, só os poderá adquirir por emprestimo ou ha de fornecer-lh'os a credito o fabricante. Começa aqui a lucta de interesses opostos, que os socialistas não podem supprimir por qualquer força de abstracção. A pessoa que cede taes objectos por emprestimo, ou o fabricante que os fornece a credito, ha de receber do pródigo total do trabalho do operario uma parte como interesse do adeantamento que fez. A isto respondem os socialistas com a chimera do credito gratuito, que nenhuma organização economica pode realizar, porque, assim como o rendimento é um facto natural, o interesse é um facto necessario ¹⁾.

Supponhamos que, no estado actual da divisão do trabalho, cada operario recebe integralmente o producto do seu esforço: conseguirá—diz Eichthal ²⁾—fragmentos de consumo, absolutamente insusceptiveis de utilizar-se, e por conseguinte sem valor: só a troca pode tornar utilisaveis esses objectos, completando-os uns aos outros. «Portanto, continúa o mesmo auctor, levanta-se immediatamente um conflicto entre aquelles que possuem essas utilidades isoladas para estabelecerem o preço da troca. Aquellas que estão mais proximas do acabamento que as ha de tornar proprias para o consumo immediato teem um mercado mais largo que as que precisam de longas operações complementares antes de corresponderem ás necessidades dos homens: o capitalista é precisamente aquelle que accumulou um certo numero d'esses objectos im-

¹⁾ Id., *ibid.*, pag. 39.

²⁾ *In verbo*—*Socialisme*—do *Nouveau Dictionnaire d'économie politique* de Léon Say, pag. 841 do tom. II.

mediatamente ou quasi immediatamente consumiveis e que procura vendel-os áquelles que os não possuem. Recolhe em troca os resultados parciaes da producção, e, aggregando-os, reconstitue o seu *stock* de objectos de consumo, para começar de novo e indefinidamente essa serie de operações. Só analysando n'estes termos o papel do trabalho e do capital, é que se chega a comprehender as suas funcções reciprocas».

Vê-se que é indestructivel e necessaria a idéa do capital nas relações economicas da sociedade.

Karl Marx quiz estabelecer a pretendida organização prática do collectivismo individual no principio de que o valor está sempre na razão do trabalho. Assim, para elle a hora de trabalho é a unidade de valor, que serve de base a todas as comparações relativas á desigualdade de lucros produzida pelo mecanismo da troca.

O erro é fundamental: com effeito, não só os factos provam que entre o valor e o tempo de trabalho ha muitas vezes grande desproporção, mas tambem é evidente que o valor depende de muitas outras circumstancias. Um cultivador que explora um terreno fertil recolhe no mesmo tempo e com menos trabalho mais productos do que outro que explora um terreno ingrato. A raridade e a utilidade são condições essenciaes do valor. Uma bilha de agua que, em circumstancias ordinarias, vale, por exemplo 10 réis, será de bom grado paga por 500 réis ou mais se fôr offerecida a um viajante que se encontre no meio de um deserto. O augmento do preço veio da raridade e da utilidade da agua n'uma circumstancia especial. Dois operarios trabalham com machinas de força desigual: se um, em certo tempo, produz um valor igual a 5, o outro, com o mesmo trabalho e no mesmo tempo, produz um valor igual a 10. Logo não ha proporção entre o valor e o tempo de trabalho.

Não queremos dar a esta rapida analyse das theorias collectivistas as proporções de um trabalho desenvolvido; todavia não nos dispensamos de referir ainda uma observação de Lassalle ácerca da origem do capital.

É verdade, diz Lassalle, que o capital é o trabalho transformado, mas o trabalho d'aquelles que não possuem o capital.

A situação em que actualmente se encontram as classes trabalhadoras em presença dos capitalistas vem de longe, do tempo em que a propriedade se accumulava nas mãos de poucos. Estes obrigavam directa ou indirectamente as outras classes a augmentar a sua fortuna e locupletavam-se á custa do trabalho alheio.

Ainda n'este caso os lucros do capitalista constituem uma retribuição dos seus cuidados, da sua direcção, e representam um premio do risco a que está sujeito; portanto são justos. Se os interesses do operario fossem eguaes aos do capitalista, quem indemnitaria este da ruina em que o lançasse um accidente qualquer? No caso de um desastre que arruinasse o capitalista, o operario ficaria sem o menor prejuizo, enquanto o seu patrão soffreria todas as consequencias fataes. N'estas condições ninguem se sujeitaria ás eventualidades de uma empreza, e por conseguinte paralyzar-se-ia a industria.

O assumpto é susceptivel de grande desenvolvimento, mas, repetimos, não é nosso proposito dar-lh'o aqui, porque é dispensavel ao fim que nos propozemos.

Karl Marx, enunciando os principios que acabamos de examinar, pretendia chegar á organização collectivista da propriedade industrial. As conclusões do seu systema foram claramente formuladas no congresso de Gotha, em 1875, no seguinte programma adoptado por grande maioria:

«O trabalho é a fonte de toda a riqueza e de toda a civilização. Como o trabalho geral productivo só é possivel pela sociedade, o producto total do trabalho pertence á sociedade, isto é, a todos os seus membros, com o mesmo direito, e a cada um segundo as suas necessidades racionaes, sendo todos obrigados a trabalhar.

«Na sociedade actual, os instrumentos do trabalho são monopolio da classe capitalista: a dependencia que d'ahi resulta para a classe operaria é a fonte da miseria e da servidão sob todas as suas fórmulas.

«A emancipação do trabalho exige que os instrumentos do trabalho se convertam em propriedade collectiva da sociedade, com regulamentação de todos os trabalhos pela so-

cidade, emprego de utilidade commum e justa repartição dos productos do trabalho.

«A emancipação do trabalho deve ser obra da classe operaria, em presença da qual as outras classes são apenas massas reaccionarios.»

Partindo d'estes principios, «o partido operario socialista allemão propõe-se como fim conseguir, por todos os meios legais (a palavra *legal* foi riscada do programma de 1880), fundar o Estado livre da sociedade socialista, destruir a lei de bronze do salario, supprimindo o salariado, pôr termo á exploração em todas as suas fórmas e abolir todas as desigualdades politicas e sociaes: reconhece o character internacional da questão do trabalho, e esforçar-se-ha por fazer da fraternidade dos homens uma realidade».

Como se vê, este programma é, da mesma forma que as theorias de Marx e Lassalle, uma série de formulas abstractas que em nada explicam a realidade das cousas. A parte prática da reorganização economica socialista, os principios organicos em que ella ha de assentar, não apparecem na litteratura collectivista.

«Os chefes do partido — diz Eichthal — conheceram o perigo, sob o ponto de vista da propaganda, de traçar com exactidão os pormenores de um edificio cujas diversas partes difficilmente podiam dispôr-se sem encontrar impossibilidades e monstruosidades, e preferiram conservar-se em formulas geraes mal definidas, ou em simples declarações revolucionarias, ou ainda limitar-se á organização das *grèves* e das associações de resistencia puramente industriaes, — a fornecer motivos de scisão a um partido unido nos seus protestos contra o capitalismo, mas facil de dividir-se contra si mesmo.»

Seja como fôr, segundo os principios collectivistas o Estado deve tomar posse dos instrumentos de producção, e substituir a iniciativa particular. Quanto são deploraveis e injustas as consequencias de semelhante organização mostra-o Leão XIII na sua memoravel encyclica, cujas doutrinas são verdadeiramente inabalaveis. Depois de sustentar o direito de propriedade, continúa o Pontifice:

«A força d'estes raciocinios é d'uma evidencia tal, que é permitido admirarmo'-nos como certos partidarios de velhas opiniões podem ainda contradizel-os, concedendo sem duvida ao homem particular o uso do solo e os fructos dos campos, mas recusando-lhe o direito de possuir, na qualidade de proprietario, esse solo em que edificou, essa porção de terra que cultivou. Não vêem, pois, que despojam assim esse homem do fructo do seu trabalho; porque afinal esse campo remexido com arte pela mão do cultivador mudou completamente de natureza: era selvagem, eil-o arroteado; de infecundo tornou-se fertil; o que o tornou melhor está inherente ao solo e confunde-se de tal fórma com elle, que em grande parte seria impossivel separal-o. Ora, a justiça soffreria que um estranho viesse então attribuir-se esta terra banhada pelo suor de quem a cultivou? Da mesma fórma que o effeito segue a causa, assim é justo que o fructo do trabalho pertença ao trabalhador. É pois com razão que a universalidade do genero humano, sem se deixar mover das opiniões contrarias d'um pequeno grupo, reconhece, considerando attentamente a natureza, que nas suas leis reside o primeiro fundamento da repartição dos bens e das propriedades particulares; foi com razão que o costume de todos os seculos sanccionou uma situação tão conforme á natureza do homem e á vida tranquilla e pacifica das sociedades.

.....
«Mas além da injustiça do seu systema, vêem-se bem todas as suas funestas consequencias: a perturbação em todas as classes da sociedade, uma odiosa e insupportavel servidão para todos os cidadãos, a porta aberta a todas as invejas, a todos os descontentamentos, a todas as discordias; o talento e a habilidade privados dos seus estímulos, e, como consequencia necessaria, as riquezas estancadas na sua fonte; emfim, em lugar d'essa egualdade tão sonhada, a egualdade na privação, na indigencia e na miseria.

«Por tudo o que acabamos de dizer, comprehende-se que a theoria *socialista* da propriedade collectiva deve repudiar-se absolutamente, como prejudicial aos proprios que se

quer socorrer, contraria aos direitos naturaes dos individuos, como desnaturando as forças do Estado e perturbando a tranquillidade publica. Fique pois bem assente, que o primeiro fundamento a estabelecer por todos aquelles que querem sinceramente o bem do povo, é a inviolabilidade da propriedade particular.»

O sr. dr. Affonso Costa de certo não se melindrará por lhe dizermos, que na sua dissertação nada ha que possa comparar-se, de longe ao menos, á eloquencia, á profunda sabedoria e ao espirito scientifico da encyclica sobre a condição dos operarios. Por isso não admira que s. ex.^a, reconhecendo porventura a sua incompetencia para discutir scientificamente a grande obra do Papa, se limitasse a considerações vagas e phraseado esteril, deixando perfeitamente de pé toda a doutrina de Leão XIII.

Terminando, não nos dispensamos de transcrever um trecho escripto por Emilio de Laveleye, depois de examinar as theorias de Karl Marx. Diz elle :

«Como o christianismo, considerado apenas sob o ponto de vista de uma fôrma social, é superior a todos estes sistemas, onde umas vezes falta a justa apreciação da realidade, outras vezes a verdadeira caridade! No Evangelho reina em toda a parte uma grande ternura pelos desherdados, ao mesmo tempo que um sentimento sublime de justiça social. A verdade essencial que resalta de todos os ensinamentos de Christo é que nenhum melhoramento é possível, se primeiro não se tiver tornado melhor o proprio homem. A renovação moral, eis a fonte de todo o progresso verdadeiro. Não é pela critica das doutrinas economicas, por mais subtil que seja, nem por uma nova fôrma de associação, seja o phalansterio ou a sociedade cooperativa, que hão de curar-se os males da sociedade actual»¹.

Qualquer dia vae o sr. Affonso Costa pregar uma decompostura em Laveleye por professar doutrinas tão *retrogradadas*.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

¹) *Le socialisme contemporain*, pag. 46.

ROMA E A RUSSIA ¹⁾



A morte de Alexandre III, seguida do advento d'um novo monarcha, attraheu sobre a Russia as attenções da Europa. É pois opportuno falar da Russia. E se muitos escriptores eminentes se dedicam actualmente a profundas considerações politicas relativas áquelle imperio e á paz européa, é por sem duvida permittido a outros occuparem-se sobre tudo da questão religiosa na Russia; questão capital para o futuro d'este imperio, e cheia de importancia ainda sob o ponto de vista da união das Igrejas. A união da Igreja russa com Roma, centro da orthodoxia catholica, não é impossivel; e, ainda que erichada de difficuldades, é talvez menos difficil do que geralmente se pensa. É o que nos encarregamos de demonstrar.

Partamos do verdadeiro ponto de partida. Jesus Christo fundou muitas Igrejas? Respondo com o symbolo de Nicea: « *Credo in UNAM, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam.* Creio na Igreja UNA, sancta, catholica e apostolica. » Eis as palavras que todos os christãos assim russos, gregos, syrios, etc., como catholicos romanos, pronunciam publicamente e solemnemente. Todos crêem na Igreja UNA; e a unidade é para os christãos do Oriente, como para os do Occidente, a primeira nota da verdadeira Igreja de Christo. Não ha, pois, mais do que uma Igreja de Jesus Christo; todos concordam n'este ponto. Resta saber qual é esta Igreja.

¹⁾ Este bello artigo foi primeiramente publicado na *Revue des Deux Mondes* e depois na excellent *Revue Bénédictine*, da Abbadia de Maredelessous.

Desde a epocha apostolica até ao seculo IX da nossa era, nunca tal questão foi proposta. « *Ubi Petrus, ibi Ecclesia*: Onde estiver Pedro ahí está a Igreja: » nestas palavras pode formular-se toda a tradição escripta, tanto do Oriente como do Occidente, desde os santos Evangelhos até ao quarto Concilio ecumenico, passando pelos Actos dos Apostolos, escriptos dos Padres apostolicos e pelos grandes doutores da Igreja. Escrever-se-hia um livro só com os testemunhos dos primeiros seculos sobre o Primado de Pedro e seus successores.

Pedro estabeleceu a sua séde definitiva em Roma, e como já no seu tempo a administração da Igreja catholica era difficil por causa da extensão d'aquelle e dos meios restrictos de communicação, estabeleceu dous patriarchados no Oriente: o de Antiochia, onde residira sete annos, para governar a Asia; e o de Alexandria, para onde mando o seu discipulo Marcos, a fim de governar a Africa. Estas duas sés patriarchaes do Oriente, que se mantinham em relações com Roma pelo Mediterraneo, eram como que succursaes da Sé Suprema, centro da Igreja ¹⁾. Ao passo que os dous patriarchados do Oriente eram então governados pelos seus patriarchas respectivos em nome do Soberano Pontifice, Vigario de Jesus Christo, — o Bispo de Roma, patriarcha do Occidente, governava directamente o seu proprio patriarchado.

Tal era a organização clara e nitida da Igreja universal, nos primeiros seculos da sua existencia. É isto um facto tão facil de demonstrar com textos, que se deve considerar como um ponto admittido por todo o homem serio, seja qual fôr a igreja actual a que pertença. Todos sabem egualmente qual a causa da separação religiosa do Oriente com o Occidente: foi a rivalidade que nasceu, desde o IV seculo, entre a antiga Roma, que Constantino cederá ao Papa, e Constantinopola, a nova Roma. Transferida de Roma para Constan-

¹⁾ Supponho admittido pelos nossos leitores que este facto é hoje historicamente demonstrado. Se, em logar d'um artigo, escrevessemos um livro, exporíamos as provas incontestaveis d'aquelle facto.

tinopola a séde do imperio, para logo surgiu a idéa de que a nova Roma havia herdado as prerogativas da antiga, tanto sob o ponto de vista ecclesiastico como civil. Byzancio, então simples bispado, foi elevado a patriarchado, e certos titulares começaram a tomar o titulo de *patriarchas ecumenicos* ou *universaes*, facto este contra o qual os Papas não cessaram nunca de protestar.

Bem depressa o imperio foi desdobrado; e assim como houve um imperio do Occidente e um imperio do Oriente, assim tambem se começou a dividir a igreja catholica em igreja do Occidente e igreja do Oriente. Viram-se desde então certos Patriarchas de Constantinopola tomarem a direcção da Igreja do Oriente em opposição á jurisdicção do Papa de Roma sobre a do Occidente.

Se a este dualismo sahido da politica dos imperadores, ajuntarmos a differença de liturgias, que se foi accentuando com o tempó, facilmente se comprehende a rivalidade e a opposição que se seguiram, e é para admirar que a união entre as duas Igrejas persistisse até ao seculo XI, pondo de parte algumas scisões momentaneas. Esta persistencia na união e o reconhecimento do primado da Sé de Pedro atravez de tantos seculos, apesar de tão poderosos motivos politicos e nacionaes de separação, é, em nosso juizo, um dos mais fortes argumentos historicos para demonstrar que a unidade da Igreja de Christo e a sua submissão integral ao successor de S. Pedro, eram principios profundamente enraizados n'aquella Igreja desde a sua origem, formando mesmo um dos pontos fundamentaes da tradição catholica.

Finalmente, depois de mais de dez sculos de união, a Igreja christã, catholica, orthodoxa, dividiu-se em dois trôços: a Igreja do Occidente e a do Oriente. Ambas continuaram, todavia, a professar, como antes, que a Igreja é una. Entretanto, havia duas. Qual d'ellas era a Igreja una, fundada por Jesus Christo e confessada por todos os christãos? Era aquella cujos patriarchas só remontavam ao tempo de Constantino e tinham até então reconhecido o primado do bispo de Roma, do Papa? Ou seria aquella cujos chefes remon-

tavam em linha directa e ininterrompida até S. Pedro, Vigário de Jesus Christo, ao qual fôra dito: « Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (não as minhas Igrejas), e as portas do inferno não prevalecerão contra ella »?

Os proprios gregos, durante seculos ainda, reconheceram indirectamente o primado da Sé de Roma, tratando constantemente com os Papas sobre a sua reconciliação. Por duas vezes, primeiramente em Lyon, em 1270, depois em Florença, em 1439, se reuniram solemnemente a Roma; e se d'ella se separaram de novo, foi isto devido a poderosas influencias e novas situações politicas. De resto, nunca foi publicado acto algum official da nova scisão, de maneira que a separação actual, desde a ruptura que se seguiu ao Concilio de Florença, é uma separação de facto e não de direito.

Não iremos mais longe. Diremos apenas ainda que a Igreja do Oriente se subdividiu mais tarde em muitas egrejas autocephalas, e que todas, ainda hoje, professam a *unidade* da Igreja de Jesus Christo. Qual é, pois, hoje, essa Igreja *una*, a unica verdadeira Igreja de Christo? Será esta a igreja do Phanar, a igreja russa, ou ainda a de Athenas, a da Servia, a da Bulgaria, ou outra? Se é uma d'estas, todas as demais estão evidentemente fóra do aprisco de Jesus Christo, pois que nós todos professamos que não ha mais do que uma verdadeira Igreja.

Mas voltemos á Russia. Esta grande e nobre nação slava foi conquistada á verdadeira fé orthodoxa e catholica por missionarios vindos de Constantinopola, mais d'um seculo antes da scisão definitiva d'aquelle patriarchado com a Sé Romana. Ella recebeu de Constantinopla, ainda catholica romana, a verdadeira fé com a liturgia grega. Por occasião d'essa deploravel scisão, Constantinopola tinha contra Roma as recordações accumuladas de septe a oito seculos de antagonismo e de rivalidade de raças. A Russia, pelo contrario, apenas sahida da barbarie, não tinha nenhum agravo contra Roma: foi arrastada na separação incóscientemente, para assim dizer.

Mais tarde, as cruzadas suscitaram novas inimizades entre os gregos e latinos; o estabelecimento do imperio latino de Constantinopola pelos cruzados, apesar da prohibição do Papa, não foi certamente o menor dos aggravos que depois impediram a reconciliação definitiva entre as duas Egrejas.

Os russos, pelo contrario, subjugados logo pelos mongoes, estiveram por algum tempo separados do mundo civilisado e não tiveram ingerencia alguma nas suas questões. No despertar da Russia como nação, mostrou-se christã fervorosa, catholica e orthoxa, como o fôra no tempo da sua união com Roma: a Russia tinha contra Roma, não aggravos, mas unicamente prejuizos seculares que os gregos lhe haviam inculcado.

Sucedeu, no seculo XV, o Concilio de Florença. A Russia adheriu á grande união que então se estabeleceu entre a Egreja do Oriente e a do Occidente, e foi o seu patriarcha Isidoro quem assignou a acta de união. Foi creado cardial e morreu em Roma depois de produzida uma nova e cruel separação, que nunca foi official. Depois d'um novo periodo de perturbações politicas, a Russia encontrou o seu organisador na pessoa de Pedro o Grande. Este grande imperador cuidou seriamente de unir a Egreja russa á Sé de Pedro, e sem duvida teria realisado o seu intento, e perseverado n'este primeiro pensamento, se o Papa lhe tivesse concedido o titulo de imperador que sollicitava. Mas a idéa d'um imperio christão unico estava muito arraigada na opinião publica d'aquelle tempo para que o Papa podesse obtemperar aos seus desejos. Foi então que a Egreja russa soffreu uma modificação importante na sua hierarchia e no seu governo. Pedro o Grande, que temia a influencia crescente do patriarcha de Moscou, deixou extinguir esta dignidade suprema, e o governo da Egreja passou desde então para o santo synodo, que não era, de direito, senão o conselho do patriarcha.

Ainda que a independencia da Egreja russa foi mantida, em principio, é incontestavel que aquella medida lhe foi prejudicial. O tzar rompeu o equilibrio, que, n'um estado christão bem organizado, onde a Egreja está unida ao Estado sem

lhe estar sujeita, deve existir entre o poder temporal e o espiritual. O tzar fez pender muito a balança para o seu lado e diminuiu sensivelmente, por isso, a influencia propria da Igreja que forma um contrapeso moral altamente salutar para a força puramente material.

Pedro o Grande commetteu a enorme falta de fundar uma Igreja do Estado. O seu povo era muito christão para admittir este principio indifferentemente. O povo sabia que a Igreja de Christo deve ser livre, que é somente então que ella póde ser o sustentaculo dos thronos christãos e a salvaguarda dos povos. Uma fracção consideravel de russos protestou: d'aqui nasceu o *Raskol* ou Scisma, que, ha dous seculos, dá serios cuidados ao governo. Porque a sua opposição religiosa depressa se transformou em opposição politica, sendo que, perante elles, a Igreja e o Estado formavam unicamente uma entidade. Os tzares haviam perdido esse apoio moral que uma Igreja livre dá a um governo christão; desde então acharam-se sós em face d'uma opposição de dia para dia crescente.

Se Pedro o Grande tivesse estendido a mão ao chefe da Igreja catholica, á qual o seu povo pertencera desde o tempo da sua conversão ao christianismo, teria concluido com o Papa uma concordata em que a Igreja teria consagrado os direitos do imperador como soberano christão, protector e filho dedicado d'aquella mesma Igreja. Nunca a Igreja recusou aos principes christãos uma legitima influencia na administração externa da Igreja nos seus respectivos paizes, e isto como testemunho do seu reconhecimento pela protecção que lhe dispensam. O que se fez durante toda a idade media no Occidente, far-se-hia em favor da Russia e ver-se-hia, para felicidade do povo russo, o tzar Pedro, outro Carlos Magno, trabalhar efficazmente no bem religioso e moral do seu povo, como no bem temporal, com o concurso do chefe da unica Igreja UNA, que remonta sem interrupção até Jesus Christo.

Se a unica Igreja UNA, mãe e mestra de todas as Igrejas, é verdadeiramente a Igreja romana, como nol-o prova a historia; se, por outra parte, *fôra da Igreja não ha*

salvação, como nol-o ensinam os Livros Santos e a tradição catholica pela voz dos Concilios e dos Doutores, — segue-se que a condição dos povos que se acham fóra da Igreja é profundamente desgraçada, ainda que esses povos conservem a verdadeira fé e o uso dos sacramentos.

No seio d'aquellas nações, poude a ignorancia salvar muitos individuos durante longos seculos. Graças á sua boa fé poderam fazer parte da alma da Igreja, se não da Igreja propriamente dita, e serão salvos. Mas hoje que a luz irradia por toda a parte, a ignorancia, n'esse ponto como n'outros, está infallivelmente condemnada a desaparecer. O conhecimento da situação real já fez nascer, nas classes instruidas das Igrejas orientaes, e principalmente na Russia, uma vaga inquietação, que, n'um certo numero, não tardou a transformar-se em desejo de reunião com o verdadeiro centro da Igreja.

Na Russia começa-se a comprehender que, se Roma em todos os tempos procurou approximar-se da nação russa, outr'ora sua filha, assim como de todas as Igrejas separadas do seu seio, foi por dever e não por ambição. Foi porque Jesus Christo disse a Pedro: « Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas ». Foi porque elle prometeu que chegará um dia em que só ha de haver um rebanho e um pastor. Finalmente, foi porque o successor de Pedro é responsavel perante Deus pela salvação de todos os homens, e não póde deixar de fazer ouvir a todos a sua voz para os encaminhar nas veredas da salvação.

Viu-se algum dia uma igreja nacional convidar as outras a entrarem para o seu seio? A Igreja russa, por exemplo, porque não chama para si a Igreja anglicana e mesmo a Igreja romana? Se ella é a Igreja UNA, estabelecida por Jesus Christo, é esse o seu dever. Porque o não tem ella feito, se não porque tem a consciencia de ser uma Igreja nacional, e não a Igreja universal ou catholica? A Igreja romana, pelo contrario, porque é a Igreja UNA e catholica, porque não é uma Igreja de Estado, chamou sempre a si todos os povos e espalhou-se pelo globo inteiro.

Quando o povo russo tiver comprehendido (e já começa a

comprehendê-lo), que a rivalidade e mais tarde a politica foram as unicas causas que o separaram da unidade catholica, ha de produzir-se no seu seio um movimento de regresso a essa unidade. Porque isso importa á salvação das almas, e não é uma simples questão de politica. Os russos, povo profundamente religioso, não hão de querer continuar separados do tronco da Igreja universal, d'onde a seiva da verdadeira doutrina e do zelo apostolico se diffundirá sempre pelos ramos de toda a arvore.

Depois dos principios vamos á questão pratica. Se não só é desejavel, mas tambem necessario, sob o ponto de vista da salvação das almas, ver todos os christãos unidos sob um mesmo chefe, vigario de Jesus Christo, devemos tambem procurar os meios praticos para o conseguir a despeito de todos os obstaculos.

Para unir a Roma as Igrejas dos ritos orientaes, é preciso salvaguardar antes de tudo a sua autonomia. Já dissemos que, desde a origem, os patriarchados orientaes gosaram d'essa autonomia, e Roma está firmemente resolvida a conservar-lhes esse privilegio. Nunca o Soberano Pontifice pensaria em administral-os, como fez no occidente desde as origens da Igreja. A Santa Sé, como provam muitos documentos, está disposta a accentuar o regimen dos privilegios para as Igrejas orientaes. Todas aquellas que regressarem á unidade serão conservadas nos seus ritos, na sua hierarchia, nos seus usos seculares. Apenas se lhes pedirá que reconheçam o supremo magisterio d'aquelle a quem Jesus Christo disse: « Apascenta as minhas ovelhas ».

Succede o mesmo com as Igrejas orientaes já unidas. Roma deixa-lhes não só os seus ritos e usos, mas a livre eleição dos seus bispos e dos seus patriarchas. O patriarcha é confirmado pelo Soberano Pontífice, e por elle todos os outros bispos estão ligados á sé de Pedro. A Santa Sé não esquecerá de futuro este principio.

Ora, pelo que respeita á Russia, em que bases poderia fazer-se a união?

A Russia não tem patriarcha. Na situação actual devia tratar-se, ou do restabelecimento de um patriarcha de Moscow, confirmado pela Santa Sé, ou do reconhecimento, pela Santa Sé Apostolica, do governo synodal da Egreja russa, o que não offereceria difficuldades radicaes. Este ultimo systema seria talvez até o mais pratico, porque permittia que não se alterasse a situação actual. Em vez do direito de confirmação do patriarcha, a Santa Sé poderia então reservar-se a confirmação dos membros do santo synodo, apresentados pelo imperador. O synodo ficaria assim em communhão com a sé apostolica, e isso bastaria para ligar a ella todas as sés episcopaes dependentes do santo synodo. Ficava constituída a unidade.

Objectar-se-ha talvez que o governo russo não quereria introduzir-se n'este caminho, que teria por effeito immediato dar mais liberdade á Egreja russa. Mas o governo não é contrario, em principio, á liberdade da Egreja russa. O procurador do santo synodo, o sr. Pobedonostzeff, não declarava ainda ha pouco nos jornaes que a Egreja russa não está sujeita ao Estado? E é verdade que, de direito, não o está.

Na realidade, a Egreja russa não gosa da sua plena liberdade, á qual tem direito, por direito divino. Mas o Estado, restituindo-lh'a, faria uma obra politica muito sabia: no interior acabaria com todo o pretexto do *raskol*, emquanto que no exterior conciliaria as sympathias do mundo catholico. A reconciliação com Roma restabeleceria na Russia o equilibrio desfeito por Pedro o Grande.

Essa reconciliação está na natureza das cousas, e não é preciso ser grande propheta para predizer que ella se fará um dia. Quando? Muito breve? Não. Mas talvez mais cedo que muitos pensavam até hoje. Porque parecia levantar-se uma barreira impenetravel entre a Russia e nós. As circumstancias actuaes são favoraveis aos primeiros passos para a união. Serei muito avançado dizendo que esses primeiros passos já estão dados? Recordemos os notaveis progressos realisados nas relações diplomaticas entre Roma e S. Peters-

burgo, durante o reinado do saudoso monarcha ultimamente fallecido.

Não é um segundo indicio a união dos corações entre russos e francezes? E, passando a uma ordem de idéas menos geral, mas não menos característica, não vimos nós, n'estes ultimos tempos, primeiro o padre Vannutelli, depois o padre Tondini, finalmente um bispo francez, Mgr. Jourdan de la Passardière, circularem livremente em toda a Russia e demorarem-se lá, terem as melhores relações com os personagens ecclesiasticos e civis mais em evidencia, fallarem da união sem espantarem ninguem? A nosso ver, são estes signaes precursores de uma união futura, tão desejavel para a Russia como para a Egreja romana.

Mas á frente das circumstancias favoraveis á união, devem collocar-se evidentemente as disposições tão largas e conciliadoras do grande pontifice que actualmente governa a Egreja. A Russia está certa de que encontra em Leão XIII a maior condescendencia. E se o presente a não tranquillissasse sufficientemente a respeito do futuro, não lhe ensinaria a historia quanto os papas foram sempre escrupulosos em observar as clausulas das concordatas assignadas por seus predecessores?

Mas, dirá talvez alguém, admitindo mesmo que o governo russo visse com bons olhos a perspectiva de uma união com a sé apostolica, como se havia de levar toda a Egreja russa a admittir essa união, cheia como está na sua maioria de preconceitos seculares contra Roma?

Seria este o caso de recordar as palavras de Jesus Christo: « O que parece impossivel aos homens é possivel a Deus » Elle tem nas suas mãos misericordiosas e omnipotentes os corações d'aquelles que governam os povos; e não nos aproximaremos nós do momento em que, melhor esclarecidos sobre a historia completa da Egreja, os homens eminentes que dirigem a politica russa se disponham a permittir aos vassallos russos, desejosos de viverem sob a jurisdicção suprema da Sé apostolica, que reconheçam abertamente o

governo espiritual do papa, conservando a sua liturgia propria? Muitos fieis, sacerdotes e até mesmo alguns bispos pronunciar-se iam immediatamente pela união com Roma, se soubessem que o governo lhes não punha obstaculo. Haveria assim a possibilidade de se realizar um movimento nacional catholico. Se, pouco a pouco, fazendo-se a luz, dissipando-se os preconceitos, uma parte consideravel da Egreja russa se pronunciasse pela união, o governo veria n'isso um indicio sufficiente para intervir, e poderia então regular definitivamente a situação por meio de uma concordata com Roma.

Mas a confiança é uma questão previa a toda a união. Os russos querem conservar a autonomia da sua Egreja e a integridade da sua liturgia. A tolerancia governamental de que acabamos de fallar faria ver aos russos, que os catholicos de liturgia russa conservavam autonomia e liturgia, como aquelles que ainda não estivessem unidos a Roma.

Objectar-se-á talvez que a Egreja romana procurou, no passado, latinisar em alguns pontos a liturgia greco-slava dos Uniatas. A isso responderei que a Egreja tem unidade de doutrinas, mas pode variar nos seus meios de acção, segundo o tempo e as circumnstances. Hoje está esclarecido esse ponto, e a santa Egreja romana renunciou a toda a latinisação das liturgias orientaes.

O novo tsar Nicolau II acaba de inaugurar o seu reinado com palavras de paz e fé profunda. Oxalá que esse Deus em quem elle crê e sinceramente quer servir, possa illuminar a sua intelligencia e mover o seu coração! Oxalá que elle seja outro Vladimiro, e que por elle o povo russo, tão religioso, tão crente, seja reconduzido ao verdadeiro pastor das almas, para que o resto do seu rebanho se edifique e robusteça na fé!

DOM GÉRARD VAN CALOEN.

BIBLIOGRAPHIA

Da acreditadissima livraria de M. Frederico Pustet, a primeira da Allemanha catholica e uma das primeiras do mundo, recebemos os seguintes volumes :

Fontes juris ecclesiastici novissimi. Decreta et canones sacrosanti œcumenici Concilii Vaticani, una cum selectis Constitutionibus Pontificiis aliisque documentis ecclesiasticis. *Edidit atque illustravit Philippus Schneider SS. Theol. Doctor, Professor juris Canonici in lyceo regio Ratisbonensi.*

Rituale Romanum Pauli V Pontificis Maximi jussu editum et Benedicto XIV. Auctum et castigatum cui novissima accedit benedictionum et instructionum appendix *Editio quarta post typicam.*

Horæ diurnæ Breviarii Romani ex Decreto SS. Concilii Tridentini Restituti S. Pii V Pontificis Maximi jussu editi, Clementis VIII. Urbanis VI et Leonis XIII auctoritate recogniti. *Editio quarta post typicam.*

O primeiro, alem dos documentos indicados no titulo geral, traz preciosas notas de grande luz para a historia do Concilio do Vaticano, para a intelligencia da famosa Constituição *Apostolicæ Sedis*, de Pio IX, e das faculdades extraordinarias concedidas pela Santa Sé aos bispos. Termina esta excellente obra, que julgamos de grande utilidade para os theologos e confesores, com a *Instrucção annotada*, da S. Congregação da Propaganda, de 9 de maio de 1877, acerca das dispensas matrimoniaes.

O *Ritual Romano*, bem como as *Horas diurnas* são duas edições esplendidas, que muito recommendamos aos nossos respeitaveis assignantes sacerdotes e parochos. O *Ritual* traz a formula de todas as benções da Igreja e o modo de admittir irmãos em todas as confrarias e pias associações approvadas pela Santa Sé Apostolica. As *Horas* têm os officios proprios para o reino de Portugal. Ao benemerito editor catholico M. Frederico Pustet muito agradecemos os bellos exemplares das obras indicadas, que nos enviou. Prestamos um bom serviço ao clero portuguez recommendando-lhe instantemente as edições religiosas e scientificas do sr. Pustet.

Lourdes — *Milagre e sciencia* — Zola — Charcot — Bernheim — *Hysteria, hypnotismo, suggestão* — *Ensaio scientifico-historico, por Theotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro* ¹⁾. — É um livro interessante acerca dos milagres de Lourdes; cheio de informações historicas e scientificas. Agradecemos o exemplar que delicadamente nos foi offerecido.

¹⁾ Um vol. in-8.º de 249 pag. Preço 500 réis.

A CRITICA D'UM SOCIALISTA

IV

« A historia mostra, diz o sr. Dr. A. Costa, que tudo quanto Jesus Christo ensinou era já da philosophia e da moral antiga ¹⁾ ». A historia? Qual? Só se fôr aquella que, na phrase conceituosa de José de Maistre, é uma conspiração permanente contra a verdade. E antes de mostrarmos ao critico, muito perfunctoriamente, que a historia não diz o que lhe attribue, mas que a doutrina de Jesus é nova ou se considere no seu symbolo ou na sua moral, vamos desmentir a sua affirmação anti-historica com o testemunho de homens que, de certo, não lhe serão suspeitos. E seja o primeiro Rousseau: « A magestade das Escripturas, diz, arrebatame, a santidade do Evangelho fala ao meu coração! Vêde os livros dos philosophos com toda a sua pompa; como são pequenos ao pé d'aquelle! É possivel que seja obra dos homens um livro simultaneamente tão sublime e tão simples? Que doçura! que pureza nos seus costumes! Que graça commovente nas suas instrucções! Que elevação nas suas maximas! Que profunda sabedoria nos seus discursos!... Que imperio sobre as paixões!... Socrates, diz-se, inventou a moral; outros, antes d'elle, a tinham praticado... Aristides foi justo, antes que Socrates dissesse o que era a justiça. Leonidas morreu pela patria, antes que Socrates en-

¹⁾ Dissert. pag. 102.

sinasse que era um dever amal-a. Sparta foi sobria, antes que Socrates louvasse a sobriedade; antes que elle tecesse elogios á virtude, a Grecia abundava em homens virtuosos. Onde foi, porém, que Jesus aprendeu essa moral elevada e pura de que só Elle deu lições e exemplos? 4).» O impio de Ferney, alguns intervallos lucidos teve em que falou, se não com tanta eloquencia como o famoso auctor do *Contracto Social*, pelo menos com igual justiça e respeito da originalidade da doutrina de Jesus.

Saint-Évremond, philosopho sensualista e sceptico, depois de reconhecer a inanidade das theorias cartesianas, escreveu: «Passei do estudo da metaphysica ao do exame das religiões, e, remontando a essa antiguidade que me é tão cara, não vi entre os gregos e os romanos senão um culto supersticioso de idolatras, ou uma invenção humana politicamente estabelecida para governar os homens. Não me foi difficil reconhecer a superioridade da religião christã sobre as outras, e, envidando todos os esforços para me submeter á fé dos seus mysterios, deixei gozar á minha razão, com prazer, a mais pura e a mais perfeita moral que nunca existiu».

Não nos diz o sr. Dr., e é pena, qual a escola, ou escolas, de philosophia e moral antigas onde o Salvador aprendeu os dogmas, os preceitos moraes e os conselhos que nos revelou. No Evangelho de S. João (cap. VII, v. 47) os proprios inimigos de Jesus, que ouviram maravilhados a sua doutrina, confessam sinceramente que «nunca homem algum falou como Christo: *Nunquam sic locutus est homo, sicut hic homo*». E diziam a verdade. Quem, antes de Christo, ensinou idéas tão puras, tão sublimes, tão transcendentas ácerca de Deus, sua natureza, vida intima e operações; ácerca do homem, da sua origem e destino, e ácerca do mundo? Veja se na philosophia pagã encontra satisfactoriamente resolvidos, como no Evangelho, os momentosos problemas especulativos que tanto interessam á vida intellectual do homem! Se houve alguma escola antiga que ensinasse uma moral

4) *Emílio*.

tão austera, perfeita e sublime como aquella que Jesus ensinou com a palavra e com o exemplo! Qual foi o moralista antes de Christo que ensinou a caridade tal como o Evangelho a ensina, tão benigna que manda amar os inimigos e fazer bem a quem nos faz mal, orar pelos que nos calumniam e perseguem; tão desinteressada e humilde que se esconde para se furtar aos elogios e applausos do mundo; tão fervorosa e heroica, que afronta a morte, se tanto é necessario, para exercer a sua acção; tão austera e tão pura que condemna os proprios pensamentos e desejos que offendem a justiça e a moralidade?

É certo que no Evangelho apparecem verdades, assim especulativas como práticas, já ensinadas pelos philosophos e moralistas antigos, pois que as conhece a propria razão. O Evangelho não podia deixar de as perfilhar. Assim o fez, ampliando-as com novas luzes. Em Platão e Aritoteles, os mais illustres representantes da philosophia pagã encontramos alguns principios muito verdadeiros ácerca de Deus e da alma humana. Esses principios, porque são verdadeiros, não podiam deixar de apparecer no Evangelho, que é a verdade na sua expressão mais transcendente.

Mas é igualmente certo que Jesus Christo revelou á humanidade doutrinas novas, inauditas, que em vão procuraremos nos livros das civilisações antigas, porque são superiores, muito superiores á intelligencia humana, ainda poderosa, sim, porém limitada. Considerada no seu conjuncto, pode dizer-se, com todo o rigor scientifico, que a doutrina de Jesus foi uma nova criação no mundo intellectual e moral. Verdade é esta que o sr. Dr. contemplaria, como tantos genios e pensadores eminentes, em todo o esplendor e formosura da sua evidencia, se tivesse o bom senso de escolher, para se instruir no espirito da religião christã, melhores mestres do que aquelles que infelizmente escolheu.

O critico fiou-se em Proudhon, e, tomando a serio este *theologo*, affirma « que Jesus Christo condemnou os proprietarios ao fogo; que prégou contra a avareza, que consistia então na simples ligação á propriedade particular; que nunca

disse uma só palavra em abono d'aquella propriedade » ; e outros gravissimos erros, onde não sabemos que mais admirar : se a audacia com que se attribuem ao divino fundador do christianismo, se a profunda ignorancia que revelam em quem tão sem criterio os perfilhou e tão imprudentemente os escreveu para o publico. E depois de assim calumniar a pessoa divina de Jesus, depois de negar a sua divindade chamando-lhe « socialista inconsciente », depois de o tornar a insultar affirmando que Jesus prohibiu que « entrassem na sua communidade os que ainda não tivessem vendido a fortuna », — fala-nos dos « suavissimos olhos » de Jesus e da sua « bocca de amor », d'onde sahiram « as palavras mais asperas que jamais se têm proferido contra os ricos ». Estas saudações ao filho de Deus, depois de Lhe cuspirem nas faces insultos e calumnias, não são industrias novas, nem processos que não tenham precedentes antigos e modernos. Quem não se lembra do *ave rex judeorum* depois das bofetadas com que feriram as faces de Jesus ? E, vindo aos tempos actuaes, quem não se recorda das palavras amaveis de Renan, dirigidas Àquelle mesmo cuja divindade negára, cobrindo-o de insultos e calumnias, reduzindo-o até á ignobil condição d'um impostor ?

Para mostrar que Jesus Christo confirmou com a sua auctoridade divina e garantiu o grande principio da propriedade individual, basta um só logar do Evangelho, entre tantos e tantos em que directa ou indirectamente se proclama aquelle principio. É o logar em que Jesus Christo, confirmando a lei dada no Sinai, prohibe expressamente o furto, como peccado que exclue do reino de Deus ⁴⁾.

O Salvador falou energicamente contra os ricos, é certo ; ameaçou-os até com penas eternas. Intendam-se, porém, essas expressões energicas, vehementes, essas ameaças terribes, que, como evidentemente se deduz do Evangelho, se dirigem contra os ricos sem entranhas para com os pobres e desvalidos ; contra os avarentos que punham todos os seus

⁴⁾ S. Lucas, cap. XVIII, 18-20.

ideaes na riquezas, e, para as adquirirem, não hesitavam ante os meios mais iníquos; contra os escravos da paixão do ouro á qual sacrificavam Deus e a alma; n'uma palavra, contra os que abusavam do direito de propriedade e tinham coração de marmore e alma de bronze perante as lagrimas, as dores e miserias dos indigentes. Contra taes monstros é que Jesus Christo clama, contra elles é que ensinou a parábola do rico avarento e de Lazaro mendigo.

Se o sr. Dr. soubesse distinguir entre preceitos e conselhos evangelicos, se consultasse os logares biblicos que cita e procurasse intedel-os como devem ser entendidos, não diria que Jesus Christo prohibiu que entrassem na sua communi-dade os que não tivessem vendido os bens da fortuna. Aos que quizessem entrar no reino dos ceus *mandou* que guardassem os mandamentos. E um d'esses mandamentos é precisamente não lezar o direito de propriedade. Aos que, porém, aspirassem a uma vida mais perfeita, a uma vida de abnegação, sacrificio e desprendimento dos bens terrenos, *aconselhou* que vendessem o que possuíam e dessem o producto aos pobres. E d'este modo não só inaugurou a *vida religiosa* continuada nas Ordens e Institutos religiosos, que ao depois se desdobraram como flores e fructos da semente lançada por Jesus Christo nos conselhos evangelicos, mas tambem confirmou de novo o direito de propriedade. A venda suppõe a transmissão do direito de propriedade do vendedor para o comprador. Diga agora o sr. Dr., quantas vezes quizer, que a avareza era, no tempo de Jesus Christo, a simples ligação á propriedade individual.

Os Padres da Egreja que o sr. Dr. cita *ao acaso* (!) ensinaram, acerca da propriedade individual, exactamente o mesmo que Jesus Christo ensinou. Como Elle, proclamaram o sagrado direito de propriedade; como Elle clamaram, energica e vehementemente, contra os ricos avarentos, crueis e deshumanos, que esmagavam os pobres e os escravos; e, referindo-se aos religiosos que voluntariamente professaram a pobreza evangelica, dizem-lhes que peccam gravemente, que são ladrões dos bens dos pobres, se possuírem propriedade parti-

cular. E como podiam os Padres, citados *ao acaso* pelo sr. Dr., dizer uma só palavra contra a propriedade individual, se elles eram profundamente lidos na doutrina de Christo, e tão alto proclamaram a necessidade de restituir o alheio injustamente havido? Assim, Santo Agostinho escreve: « *Qui contra jus, furtis, rapinis... aliquid abstulerit, reddenda potius quam donanda censemus, Zachœi publicani evangelico exemplo* ¹⁾. Este Zacheu publicano disse a Jesus Christo que distribuia pelos pobres *ametade dos seus bens*, e que se a alguem defraudava *restituia* o quadruplo ²⁾. Ora, Jesus Christo, aquelle mesmo que o sr. Dr. apresenta como inimigo da propriedade individual, não só não censurou o procedimento do publicano, que ficou com *ametade dos seus bens*, senão que louvou assim sua generosidade nas esmolas e promptidão em restituir mais do que o necessario, como nol-o indicam as palavras do Salvador ao feliz publicano: « *hodie salus domui huic facta est* (v. 9) ».

S. Gregorio Magno diz muito explicitamente: « *Quidquid violenter cuilibet ablatum fuerit, ipsi restituatur, cui ablatum* ». E, finalmente, S. Jeronymo. « *Nemo qui rapit, moriens, si habet unde reddat, salvabitur* ». Ora aqui tem o sr. Dr. O ladrão não se salva, se, podendo, não restitue o roubado; ha de restituir-se ao seu dono aquillo que lhe foi violentamente extorquido; aquelle que, violando o direito, lesou a propriedade d'outrem, deve, a exemplo do publicano do Evangelho, reparar a lesão. Assim falam os Padres da Igreja, aquelles mesmos a quem o sr. Dr. attribuiu idéas que ficam a matar no cerebro dos socialistas, mas que o Evangelho e a tradição catholica de todos os seculos reprovam e condemnam.

Aqui, acode-nos o sr. Dr. com aquellas palavras de Christo: « *É mais facil a um camelo entrar pelo fundo d'uma agulha do que a um rico entrar no reino dos ceus* ³⁾ », para

¹⁾ Ep. 54, *ad Macedonium*.

²⁾ Luc. XIX, 8 e 9.

³⁾ O sr. Dr. A. Costa, que não leu um só dos logares biblicos que cita (talvez porque cita *ao acaso*), depois de reproduzir, sabe Deus como, a parábola do rico

concluir d'estas palavras, que não intendeu nem procurou entender, que o Salvador condemnou a propriedade particular. Ora vale a pena esclarecer o sr. Dr. acerca das notaveis palavras de Christo para que nunca mais abuse d'ellas. E, antes de tudo: do texto não se deduz que é absolutamente impossivel ao rico salvar-se. No versiculo 24 do mesmo logar de S. Lucas, o Salvador disse: « *Quam difficile* (note), *qui pecunias habent, in regnum Dei intrabunt* ». Logo não é absolutamente impossivel que o rico se salve. A graça divina pode vencer a dureza do rico e salvar o, como Jesus Christo tão opportunamente ponderou no v. 27: « *O que é impossivel para o homem* (a salvação do rico) *é possivel para Deus.* » Nada d'isto leu no Evangelho o sr. Dr. Que critico! Vamos á interpretação do texto, e dêmos a palavra, primeiramente a um racionalista, bem conhecido no mundo sabio, e ainda vivo.

N'uma interessante comunicação feita pelo racionalista Angelo de Gubernatis ao nono Congresso Internacional de Orientalistas, celebrado em Londres e que vem publicada em francez na obra — *Transactions of the ninth international Congress of orientalisists...* — vol. II, pag. 817, sobre o *Folk-Lore* asiatico, De Gubernatis, depois de citar o famoso texto de S. Lucas, diz o que vae ler-se e que aqui trasladamos fielmente na propria lingua em que está escripto: « ...on peut s'étonner quelque peu de cette figure rhétorique qui serait quelque peu forcée; pourquoi donc un chameau essayerait-il de passer par le trou d'une aiguille? Mais les voyageurs en Terre-Sainte nous ont appris qu'on y appelle *trou d'aiguille* la petite porte pratiquée dans la porte cochère, qui s'ouvre seulement pour y faire entrer les chameaux avec leur fardeau, tandis-que les hommes, en se baissant, passent aisément par

avarento, faz uma chamada e diz em nota: « S. Luc. XII, 22-31 ». Esta citação parece-se tanto com o que o sr. Dr. A. C. diz no texto, como um ovo com um espeto. A parábola do rico avarento encontra-se em S. Luc. XVI, 19-31. As palavras de Christo: « É mais facil a um camelo... » são do mesmo Evangelho de S. Lucas, XVIII, 25, e não de S. Lucas XII, 22-31, como diz. No texto de S. Lucas (XVIII, 25), o critico mette palavras de sua casa. Aquelle « *Em verdade vos digo* » antes das palavras *é mais facil a um camelo...* não se encontram no logar citado de S. Lucas, nem no seu parallelo de S. Matheus XIX, 24. Nem o sr. Dr. A. Costa nem ninguém tem direito de fazer traducções livres da Escriptura.

la petite porte, par le *trou d'aiguille*. La notion du fait réel détruit ici le langage prétendu symbolique, et ce fait réel en ce qui concerne le folk-lore oriental ne peut être constaté que par un Orientaliste ou par un voyageur en Orient.» Apesar de racionalista, De Gubernatis não viu no texto o que o sr. Dr. viu.

Depois d'este testemunho de sabio orientalista venha o d'outro não menos erudito e que muito e por muitas vezes viajou na Palestina e estudou os factos bílicos nos proprios logares onde se deram. E' Mgr. Mislin, na sua monumental obra — *Les Saints Lieux*, vol. II (terceira edição) pag. 449 e 450. Fala o erudito viajante do Oriente das differentes *Portas* que havia na Jerusalem biblica, e, depois de as enumerar, acrescenta: «Segundo Drexelius, uma d'essas pequenas portas tinha o nome de *Buraco d'Agulha*, o que serve para esclarecer estas palavras do salvador: *é mais facil a um camelo...* Era tão baixa esta porta que um camelo carregado só podia passar por ella dobrando os joelhos e tirando-se-lhe parte da carga. Assim, a comparação do Salvador, mostrando aos ricos o que devem fazer antes de chegarem á porta do ceu não lhes tira toda a esperança de a passarem...

«De resto, a narração evangelica diz-nos que os discipulos comprehenderam as palavras do Senhor, no sentido strictissimo, pois que essas palavras lhes causaram espanto a ponto de dizerem: «*Quem poderá ser salvo?*» Ao que Jesus respondeu: «*Para os homens é isso impossivel, para Deus não*», como para significar que, mediante o auxilio divino, o rico avarento pode vencer a grande difficuldade que as riquezas oppõem á salvação.»

Fillion, um outro orientalista erudito e interprete eminente das Escripturas, na sua obra de incalculavel merecimento — *La Sainte Bible... avec commentaires théologiques, moraux, philologiques, historiques etc., rédigés d'après les meilleurs travaux anciens et contemporains, (Évangile selon S. Matthieu, 1)*, não acceita a interpretação de Drexelius,

¹⁾ Ha já publicados 17 volumes d'esta obra monumental, não inferior á de Cornely, ultimamente publicada na Allemanha.

e, em certo modo, de Gubernatis, porque nem está sufficientemente demonstrada, nem é necessaria para refutar o falso sentido que o sr. Dr. e outros dão ás palavras de Christo. Depois de expor a interpretação de Drexelius e outras, diz Fillion: «Hoje, nenhum interprete sensato recorre a taes tentativas para explicar a palavra do divino Mestre.» «Não ha duvidar, diz o cardial Wiseman, que a expressão do Salvador fosse uma especie de proverbio para indicar uma difficuldade consideravel (Cf. Buxtorf, Lexic. Talm. pag. 1722). Com effeito, á parte uma mudança no nome do animal de que se fallou, encontra se a mesma sentença usada na Asia central e oriental. N'estes paizes o maior dos animaes de carga é o elephante, e é elle que fornece naturalmente o assumpto da comparação. Lê-se no *Bavia Metria*, um dos tractados do Talmud, que uma pessoa responde a outra que lhe conta novidades pouco criveis: = Vindes talvez da cidade de Pumbeditha, onde se faz passar um elephante pelo fundo d'uma agulha? = N'um outro livro (Berachoth) está escripto: = Não poderão mostrar nem uma palma d'ouro, nem um elephante passando pelo fundo d'uma agulha = O dr. Franck átribue um proverbio analogo aos indianos... O camello era para o asiatico occidental o que o elephante era para os paizes mais orientaes... Assim, os arabes têm o mesmo proverbio. No Coran lê-se: = Os que chamam falsos aos nossos signaes e os rejeitam, verão as portas do Ceo fechar-se contra elles e só entrarão no paraíso depois que um camello passe pelo fundo d'uma agulha = Sura VII, 38. Em todas as linguas existem hyperboles do mesmo genero que exprimem sob uma forma pittoresca e paradoxal uma impossibilidade moral... É muito conhecida a de Jeremias XIII, 23: *Si mutare potest aethiops pellem suam, aut pardus varietates suas, et vos poteritis benefacere quum didiceritis male*. Intendidas á letra, estas locuções representam cousas impossiveis; mas o contexto (S. Luc., XVIII, 25) prova que se trata sómente d'uma impossibilidade relativa: *apud homines hoc impossibile est; apud Deum autem omnia possibilia sunt* (v. 26).» Não pode o rico avarento salvar-se pelas suas proprias forças, mas o

que para elle é impossivel para Deus é possivel. Eis o sentido do texto ¹⁾. »

Com a sciencia e erudição biblica que caracteriza o sr. Dr. A. Costa, diz-nos s. ex.^a, falando da forma sob que Jesus Christo apresentou as suas idéas :

« A parabola, por exemplo, quem antes d'elle a usou? No judaismo não se encontra. E, se é verdade que os livros budhicos encerram parabolos bem semelhantes ás do evangelho, não é de querer (*sic*) que Jesus fosse por ellas influenciado. O espirito de mansidão e a profundeza de sentimento que animam tanto o christianismo nascente como o budhismo, bastam para explicar estas analogias » (pag. 103). E cita Renan.

A verdade, porém, é que a parabola era frequentissima na litteratura hebraica. S. Jeronymo, orientalista eminente, como hoje se diria, e que na gruta de Bethlem meditou longos annos as Escripturas, cujas linguas originaes conhecia a fundo, affirma que a parabola era commum entre os syrios, e, sobre tudo, entre os povos da Palestina ²⁾. Os prophetas usaram da parabola ora para tornarem mais sensiveis aos reis e aos povos as ameaças do Senhor, ora para os consolarem com as promessas messianicas. Nathan reprehende David, sob a parabola d'um homem rico que roubou e matou a unica ovelhinha d'um pobre ³⁾. Joathan, filho de Gedeão, propõe aos de Sicheu a parabola do cardo do Libano, que as arvores quizeram acclamar rei ⁴⁾. Os prophetas reprehendem muitas vezes as infidelidades de Jerusalem sob a parabola d'uma esposa adúltera, e descrevem as violencias dos principes inimigos do povo de Deus, sob differentes parabolos ⁵⁾. As parabolos do Evangelho são incomparavelmente mais bellas do que as tão usadas entre os povos da

¹⁾ Pela nossa parte perfilhamos a interpretação de Fillion, porque para vingar a verdade evangellica não é necessario recorrer a hypotheses mais ou menos verosímeis.

²⁾ *In Matth.* xviii.

³⁾ 2 Reg. xii, 2 e 3.

⁴⁾ Indic. ix, 7 e 8.

⁵⁾ *Dictionnaire historique... de la Bible* par D. Calmet, vol. iv, art. *Parabole*.

Syria e da Palestina; e se Jesus Christo usou d'ellas na sua prégacao é que assim estava prophetisado em Isaias ¹⁾, e porque o ensino parabolico, tão vulgar no Oriente, era o mais proprio para inculcar as grandes verdades especulativas e praticas do Evangelho a intelligencias rudes e humildes. A identidade entre o espirito do christianismo nascente e o do budhismo, respondemos com as bellas palavras de Rousseau, já citadas no começo d'este artigo: « Onde foi que Jesus aprendeu essa moral elevada e pura de que SÓ ELLE deu lições e exemplo? »

V

Um *quidam* chamado Cauchy, que, segundo resa a fama, logrou a gloria de ser um dos mais insignes mathematicos e physicos do seu tempo, que ainda não vae longe, escreveu: « Sou christão, isto é, creio na divindade de Jesus Christo com Tico Bray, Copernico, Descartes, Newton, Fermat, Leibnitz, Pascal, Grimaldi, Euler, Boscovich e Gerdil; com todos os grandes astrônomos, com todos os grandes physicos, com todos os grandes geometras dos seculos passados. Sou tambem catholico com a maior parte d'elles, e, se alguém me perguntasse a razão, dar-lh'a-ia gostosamente. Ver-se-ia que as minhas convicções não são fructo de preocupações filhas do nascimento, senão d'um exame profundo. Ver-se-ia como se gravaram no meu espirito e no meu coração, para sempre, verdades mais incontestaveis, a meu modo de ver, do que o quadrado da hypotenusa e o theorema de Maclaurin. Sou catholico sincero como Corneille, Racine, La-Bruyère, Bossuet, Bourdaloue e Fenelon, como o foram e são ainda muitos homens distinctissimos de nossos dias, que honraram a sciencia, a philosophia e a litteratura, illustrando as nossas Academias muito mais do que outros. Participo das convicções profundas que manifestaram nas suas obras, nos seus discursos e na sua vida tantos sabios de primeira ordem: os Ruffini, os Haüy, os Laënnec, os Ampère, os Pelletier, os

¹⁾ Is. vi, 9. Diz-se no 3.º Livro dos Reis, iv, 42, que Salomão compoz tres mil parabolas.

Freycinet, os Cariolis. Se não menciono os vivos com receio, de offender a sua modestia, não posso deixar de dizer que sempre me foi grato encontrar toda a nobreza e toda a generosidade da fé christã nos meus illustres amigos, no creador da *crystallographia*, no inventor da chimica e do *telescopio* e no auctor immortal da *electricidade dinamica* ¹⁾ ».

Isto escrevia o tal *quidam*. Mas o sr. Dr. A. Costa, apoiando-se em certos logares do Evangelho, traduzidos e intendidos a seu modo, e na auctoridade de Renan, Lange, Malon e Hartmann, quer á fina força que o christianismo de Cauchy e de tantos pensadores eminentes de todos os tempos seja anti-social: a) « porque elimina toda a ideia de progresso e de civilisação (*o progresso e a civilisação collectivista, com certeza*); b) porque «recommenda ao homem a frouxidão quer politica sob a forma de obediencia á lei e de respeito aos poderes publicos, quer pessoal, sob os nomes de perdão das injurias, humildade para com os outros, etc. » (*e enfia quatro citações biblicas, tres das quaes erradas*); c) « porque manda desprezar o trabalho (*aqui cita Renan*); d) « porque representa um retrocesso no campo moral e do aperfeiçoamento (*aqui, cita Lange, Malon e Hartmann*).

Ora, ouçamos o sr. Dr., que se insurge contra o *auctoritarismo* da Igreja e afirma sem provas, mas com um entôno que deixa a um canto o *ipsedixitismo* do mestre, o seguinte: « Em verdade: O character anti-social do christianismo resulta, primordialmente, da eliminacão de toda a ideia de progresso e civilisação: a terra nada mais é do que uma habitação passageira, um logar de exilio, um valle de lagrimas. Com os olhos na vida futura, deve desdenhar-se a vida presente e repelir todas as commodidades que a civilisação offerece. »

«Lastima, que não seja verdade tanta belleza!»

Mas se o christianismo eliminou toda a idéa de progressos e civilisação, como foi que uma doutrina assim logrou

¹⁾ Citado por Camara, na sua obra — *Religion y ciencia, contestacion a Drapper*, pag. 581.

conquistar o universo e regenerar-o; attrahir a si as mais bellas intelligencias de quasi vinte seculos; produzir obras primas nas sciencias, nas lettras e bellas artes? Como foi que uma doutrina retrograda inspirou ideaes de sublimidade incomparavel a tantos sabios e philosophos, a tantos artistas, oradores, poetas e legisladores, cujos nomes fulgem, como astros de primeira grandeza, nos formosissimos horisontes da civilisação, rasgados e illuminados pelo verbo divino de Jesus? Como foi que essa doutrina retrograda creou escolas para o povo, academias e universidades para os que aspiravam a uma sciencia mais alta, abriu asylos d'instrucção e beneficencia para os ignorantes e desvalidos, e ainda hoje preside, como rainha do pensamento humano, ao desdobramento esplendido da civilisação em todo o mundo? Como foi que essa doutrina eliminadora de toda a idéa de progresso creou as primeiras bibliothecas da Europa, enriquecendo-as de verdadeiras preciosidades litterarias, inspiradas pela fé christã e guardando n'ellas os thesouros de saber das civilisações antigas? Quem, senão o christianismo, civilisou barbaros e selvagens, e levantou do abatimento em que jaziam as gentes sepultadas nas sombras da morte? O novo mundo descoberto pelo genio christão de Christovão Colombo deve o que é á doutrina *anti-social e retrograda* de Jesus Christo; a China, o Japão devem á influencia do christianismo, prégado n'aquelles remotissimos paizes pelos missionarios do Evangelho, os seus mais bellos estabelecimentos scientificos. Na Oceania surgem cidades florescentissimas á voz poderosa do Evangelho; no continente negro, regado com o sangue generoso de tantos heroes christãos, abundam já os estabelecimentos de instrucção e beneficencia levantados pelo genio transformador do christianismo. Pergunte á Europa quem lhe ensinou a desbravar terrenos incultos transformando-os em fertilissimos campos; quem lhe deu o dominio dos mares; quem a adornou de formosissimos monumentos architectonicos, de soberbas cathedraes, onde a curva graciosa substitue vantajosamente a linha horisontal que predominava na basilica pagã; quem dotou os seus esplendidos museus de primorosas pin-

turas e estatuas, as suas bibliothecas das perolas litterarias que possuem, as suas academias dos monumentos de saber de que se gloriam. . . e a resposta será sempre: o christianismo. Retrograda a religião que inspirou as epopeias de Tasso e Dante, de Camões e Milton? Retrograda a crença dos grandes inventores antigos e modernos no immenso campo da sciencia? Retrograda a fé creadora de Miguel Angelo e Rafael, de Murillo e Leonardo Vinci, de Newton e La Place, de Moigno e Secchi, de Dumas e Chevreul para só falar de alguns mortos? Retrograda a fé que propõe ao homem a perfeição e apresenta-lhe como ideal e modelo para a conseguir, o proprio Deus, ideal divino de perfeição absoluta? Evidentemente o sr. Dr. A. Costa escreveu para a lua.

Diz, com effeito, o christianismo, e dil-o tambem a razão e a triste experiencia de todos os dias, que a terra nada mais é que uma habitação passageira, um exilio, um valle de lagrimas; mas que se conclue d'aqui? Uma cousa só: que o homem, peregrino sobre a terra, deve subordinar o seu destino temporal ao destino supremo para que foi creado. Não podemos suppor que o critico leve o seu exaggero e fanatismo a ponto de querer que o homem cuide exclusivamente de procurar os interesses e commodidades temporaes, como se houvera de viver eternamente aqui e não fôra dotado d'uma alma que nem é materia nem, consequentemente, morre com o corpo. Ou o sr. Dr. Affonso Costa admite a immortalidade da alma, ou não. Na primeira hypothese, manda a coherencia que admitta a doutrina de Christo ácerca da subordinação do fim temporal do homem ao seu fim supremo, e nada tem que extranhar o texto evangelico; na segunda hypothese, temos só a lamentar que se equipare a natureza e destino da alma humana, com todas as suas nobilissimas faculdades e qualidades, com todas as suas tendencias e aspirações insaciaveis, á natureza e destino da materia bruta e da alma de qualquer animal.

Quando foi que Jesus Christo mandou desdenhar a vida presente e repellir todas as commodidades que a civilisação offerece? Manda isso, e prohibiu o homicidio, o suicidio e o

duello? E com o imperio da sua palavra omnipotente deu saude a enfermos, vista a cegos, fala a mudos, vigor a paralyticos, vida a mortos? E operou um milagre assombroso para saciar a fome a milhares de pessoas que o seguiam? E ordenou aos ricos que soccorressem os pobres e necessitados? E proclamou a sublime virtude da caridade que manda o que o sr. Dr. Affonso Costa aprendeu nas *obras de misericordia*?

Como não podemos dar largo desenvolvimento a estes artigos, vamos mostrar com factos como é que o christianismo manda desdenhar a vida presente. Na idade media formam-se alguns institutos christãos cujo fim era a redempção de escravos e captivos. Estes institutos logram dar a liberdade a *sessenta milhões de servos da gleba*. Só a ordem dos Trinitarios resgatou, á sua custa, *novecentos mil*; a das Mercês, *quinhentos mil*. Total: *um milhão e quatrocentos mil*. Não se esqueça de que entre os captivos resgatados pelo heroismo dos apóstolos christãos, só o ultimo dos quaes, vale incomparavelmente mais do que um exercito de collectivistas, apparece o immortal auctor do *D. Quixote*. Quem inspirou estes heroismos que salvaram a vida a milhões de infelizes? Aquella mesma religião que manda desdenhar a vida presente. Ainda ha pouco morrea victima da sua caridade heroica o benemerito padre Damião, que dedicou toda a sua existencia á cura de leprosos. Foi ainda a mesma religião, que lhe inspirou a sua caridade sublime. Se Jesus Christo manda aos pastores d'almas e aos que professam a vida religiosa que sacrifiquem a propria existencia, é para salvarem aquelles a cuja salvação se dedicaram. Mas este precéito sublime é uma das maiores glorias do christianismo. Deante d'elle o sr. Dr. A. Costa devia curvar a cabeça, já que o inflamma o zelo pela desditosa condição dos pobres.

Das commodidades e bens da civilisação moderna tem o christianismo auferido meios preciosissimos para a dilataçào do Evangelho em todo o mundo conhecido. O telegrapho e todas as applicações da electricidade, os caminhos de ferro, a navegaçào a vapor etc. teem servido admiravelmente para

que a cruz de Christo seja arvorada onde quer que existam homens, e para que a palavra augusta do seu Vigario leve a civilisação e a ordem social até aos ultimos confins do universo. E' por isso que a Igreja tem bençãos para todos os inventos maravilhosos destinados pela providencia divina ao triumpho, á vida opulentissima do christianismo na immensa superficie do globo. E não esqueça o sr. Dr. Affonso Costa, que os mais illustres descobrimentos no campo das sciencias, que servem a religião christã, se devem a homens que a professaram e professam. E depois de imputar ao christianismo o que elle nunca ensinou, no sentido que o critico intenta, conclue o sr. Dr.: « Fez-se tudo quanto seja possivel para salvar uma alma, embora nada se tenha produzido em beneficio da humanidade? A lei divina está satisfeita: a morte, com todas as delicias d'alem tumulo pode vir.» Deixando a analyse do perfido erro que este periodo encerra, fique o sr. Dr. sabendo que os que se occupam no mister da salvaçao das almas, que foi o mister de Jesus Christo, prestam, por esse mesmo facto, grandes serviços á humanidade. São uns heroes, uns benemeritos. E além dos exemplos já citados, que immensos serviços não prestaram á humanidade S. Francisco Xavier, S. Pedro Claver, S. Vicente de Paulo, e um sem numero de benemeritos, que se dedicaram á salvaçao das almas? Que incalculaveis serviços não presta á humanidade, e tambem ás sciencias, ao commercio, á industria, esse brilhante exercito de missionarios catholicos espalhados por todo o mundo? Só da alma cuidaram aquelles solitarios monges do Oriente, e todavia exerceram uma grande influencia no desenvolvimento da civilisação. Se o sr. Dr. quizer ter um bello quarto d'hora de leitura util, leia o que a tal respeito escreveu o genio poderoso do mallogrado Balmes, na sua monumental obra — *El Protestantismo comparado con el catolicismo, en sus relaciones con la civilización europea*, tom. II, cap. XL. Isto de suppor que os que se dedicam ao sublime mister da salvaçao das almas são uns parias, uns seres inuteis, cousa é que só lembra ao cerebro esquentado d'algum socialista cheio d'odios e preconceitos contra o christianismo.

Continúa o critico: « Secundariamente é anti-social a doutrina de Jesus:

« — Porque recommenda ao homem a frouxidão quer politica, sob a forma de obediencia á lei e de respeito aos poderes publicos, quer pessoal, sob os nomes de paciencia, perdão das injurias, humildade para com os outros, etc. »

Simplemente incrível! De maneira que a doutrina de Jesus seria social, se ordenasse a desobediencia á lei, o insulto aos poderes publicos, o desespero, a vingança, a soberba, etc. Isto não se refuta. Deixa-se ahí em toda a sua hediondez, em toda a sua ferocidade, em todo o seu fanatismo, que chega ás raias da loucura. Notamos porém que o sr. Dr. A. Costa censura o christianismo por mandar respeitar os « poderes publicas ». Dos « particulares » não fala. Parece que o critico pertence ao numero d'aquelles que querem Deus em casa e o diabo na rua. Succede, porém, que o diabo, farto de fazer diabruras na rua, entra nas taes casas para não desmentir aquelle: « Assim paga o diabo a quem o serve. » E depois da sua theoria de direito publico, que nem para cafres serve, continúa: « Porque manda desprezar o trabalho, unica origem do valor, unica razão de ser do direito á vida... » E cita, para confirmação d'este dislate cruel, aquellas formosissimas palavras de Jesus Christo, que se lêem no cap. VI de S. Math., desde o versiculo 25 a 34.

A primeira cousa a notar nas palavras do critico é que se o trabalho é « a unica razão de ser do direito á vida », não tem direito á vida nem os infantes, nem os paralyticos, nem os enfermos, nem os velhos! Bello socialismo collectivista! Verdade é que, a pag. 94, entre os expedientes que o socialismo collectivista propõe para a perfeita realisacão do seu ideal, figura este: « d) ... direito á existencia para os incapazes de trabalhar... ». Deixêmos, porém, estas harmonias ou liberalidades do collectivismo reformista, que não reconhece (mas promette dar) o direito á existencia áquelles que não podem trabalhar, e vamos á analyse rapida do periodo transcripto.

O sr. Affonso Costa é o primeiro a confessar (pag. 103) que Jesus Christo não abrogou a lei de Moysés. É verdade:

e não só não a abrogou, senão que fez mais, aperfeiçoou-a e declarou que a sua observancia é meio indispensavel para a salvação ¹⁾. Ora, um dos preceitos d'esta lei, confirmada por Jesus Christo, reza assim: « *Memento ut diem sabbati sanctifices. Sex diebus operaberis, et facies omnia opera tua. Septimo autem die sabbatum Domini Dei tui est* ²⁾. Como é, pois, que o christianismo condemna o trabalho? O que foi a vida occulta de Jesus na humilde officina de Nazareth, senão uma vida de trabalho? Não disse Jesus Christo aos esmagados pelo trabalho e pela dôr que procurassem na sua doutrina alento e coragem para não cahirem desfallecidos? ³⁾. O que é o exemplo sublime de Christo e as suas palavras consoladoras senão um incitamento ao trabalho? Em presença d'este exemplo e d'estas palavras, os espinhos do trabalho convertem-se em flores de suave perfume. Os apóstolos, fieis imitadores da palavra e exemplos de Christo viviam do trabalho manual. S. Paulo diz: « *ipsi scitis: quoniam ad ea quæ mihi opus erant, et his qui mecum sunt, ministraverunt manus istæ* ⁴⁾. Na Epist. 1.^a aos de Corinto repete: « *laboramus, operantes manibus nostris* ⁵⁾, e na 2.^a a Timotheo: « *laborantem agricolam oportet primum de fructibus percipere...* ⁶⁾. As primitivas ordens religiosas viviam do trabalho dos seus monges e cenobitas; do trabalho nasceram e pelo trabalho se engrandeceram outras ordens religiosas e especialmente a de S. Bento, a quem se deve, em grande parte, a transformação agricola da Europa.

Mas as palavras de Christo (S. Matth. vi, 25-34), que o sr. Dr. transcreve, copiando as, não do Evangelho, mas de Renan, provam, por ventura que o Salvador manda «desprezar o trabalho»? Evidentemente, não. No verso 24 do logar citado, Jesus Cristo, a fim de destruir a avareza, ensina

¹⁾ S. Matth. xix, 17.

²⁾ Exod. xx, 8-10.

³⁾ Matth. xi, 28.

⁴⁾ Act. xx, 34.

⁵⁾ Cap. iv, 12.

⁶⁾ Cap. ii, 6.

que ninguem pode *servir* a Deus e ás riquezas ¹⁾, e observa muito judiciosamente S. Jeronymo ²⁾, que o verbo *servire* exprime a idéa da escravidão ao ouro e aos bens temporaes. Depois, logo no verso 25, acrescenta o Salvador: «*Ideo dico vobis...*» Por isso vos digo, isto é, para que não vos deixeis *dominar* das riquezas servindo a ellas como escravos (*servire*), para que desterreis do vosso espirito a anciedade de as accumular, vêde o que acontece com as aves do Ceu e os lyrios do campo, que o vosso Pae celeste sustenta e adorna com tanta sollicitude e esmero. Para os que não teem os olhos vendados pelo preconceito contra o Evangelho, é claro que Jesus Christo intentou, nas formosissimas palavras acima citadas, duas cousas: 1.^a tornar o rico senhor e não escravo das riquezas; 2.^a inspirar ao homem sentimentos de confiança na providencia de Deus, para desterrar do seu coração a ancia, a angustia de accumular riquezas. Commentando este logar, Santo Agostinho resumê em poucas palavras o seu sentido genuino: *Labor exercendus est, sollicitudo tollenda*.

A providencia sustenta as aves do ceu, mas dispensou-lhes o trabalho de procurarem no grande banquete da criação o sustento que tão liberalmente lhes deu? E os lyrios do campo, que a mesma Providencia vestiu de tão lindas côres, não teem trabalho physiologico que, sob a acção d'aquella Providencia, os faz desabrochar em bellezas e fragancias? O homem deve trabalhar, mas nunca como se não existisse uma Providencia, que, sendo tão sollicita para com os irracionaes e insensiveis, muito mais o será para com o homem, intelligente, livre e destinado a um fim immortal. Eis o sentido das palavras que tanto scandalisaram o sr. Dr. A. Costa.

Agora vem muito a proposito analysar uma supposta

¹⁾ *Mammonæ*, diz o texto. Em chaldaico *mamóna*; em syriaco *momoóno*, que ora designava as riquezas, ora o deus que as distribuia, como o Plutus dos gregos e romanos. Ainda não está nitidamente determinada a etymologia da palavra *mammonæ*. No logar citado de S. Matheus significa, sem duvida alguma, riquezas.

²⁾ Eis a palavra do illustre traductor, interprete e commentador da Biblia: «*Non dixit Dominus = qui habet divitias =, sed = qui servit divitiis =; qui enim divitiarum servus est, divitias custodit ut servus; qui autem servitutis excussit jugum, distribuit ea ut dominus*». Hyeron. in h. l.

contradição que o critico, não sabemos com que telescopios ou microscopios, logrou encontrar na Encyclica de Leão XIII. A pag. 136 da Dissertação expõe o critico (a seu modo, como costuma) os meios propostos por Leão XIII para resolver a questão social. O 3.º é: «A paciencia e a resignação no trabalho, essa (*sic*) expiação imposta á nossa natureza defeituosa». E em nota diz: «Leão XIII está na doutrina que já apontamos. Mas nem sempre assim fala. Ha logares na Encyclica em que considera digno o trabalho, contradizendo-se assim flagrantemente.» Mas a verdade é que a contradição está apenas no cerebro do sr. Dr. ou nos maus olhos com que leu a Encyclica. Pelo visto, não comprehende o sr. Dr. que uma mesma acção possa ser pena e titulo de gloria para quem a pratica.

Ora, ensaiemos, antes de tudo, alguns exemplos. E seja o primeiro. Os soffrimentos e a morte de Christo não foram uma pena a que voluntariamente se sujeitou, porque se fez reu voluntario dos crimes da humanidade? Foram. E não mereceram para Jesus Christo a gloria e a grandeza incomparavel de Redemptor do genero humano? Não deram novo realce á sua immensa caridade para com o homem? Certamente.

Vá outro exemplo. Não foram verdadeiras expiações de peccados proprios ou alheios as penitencias e austeridades a que se entregaram muitos heroes christãos? E não foram tambem outros tantos florões no seu diadema de santidade?

Ainda outro. A pena imposta ao militar que transgrediu a ordenança não é uma expiação? Mas se o soldado se sujeita nobremente á pena e a cumpre com a dignidade e resignação necessaria, não adquire por esse facto um direito á admiração de todos e não será digno de louvor o seu procedimento?

E' uma expiação o trabalho, e, se outros argumentos não houvera para o demonstrar, bastava que considerassemos as fadigas que elle traz consigo, as bagas de suor com que banha a frente do operario. Mas se esse trabalho é honesto e sustentado com dignidade, firmeza e resignação; se o ope-

rario opprimido pelo trabalho, se lembra de Jesus na officina de Nazareth, ou no Calvario cingido d'um diadema de espinhos, e recupera animo e alento, e recomeça as suas fadigas com sublime coragem, este facto não será por ventura um titulo de nobreza para o pobre trabalhador? Como é, pois, que Leão XIII se contradiz chamando ao trabalho *expição* e *titulo de gloria*?

Que é pena, depois da culpa original, dil-o expressamente a fé, de que Leão XIII é depositario e interprete. Que é, considerado á luz da philosophia christã, honroso para o homem, dil-o a palavra e o exemplo de Christo. Ora aqui está a que se reduz a flagrante contradicção do Pontifice! A dar a verdadeira noção philosophica e christã do trabalho, de que temos um brilhante exemplo no pae que impondo ao filho uma pena em castigo d'uma desobediencia, vae abraçar em fervido transporte de amor paternal o filho, se o contempla submisso á auctoridade paterna e cumprindo dignamente a pena imposta.

A *expição* n'este caso foi um titulo de gloria para o filho. Applique o exemplo ao trabalho a que o homem foi condemnado, e guarde a *flagrante contradicção* em que o seu cerebro fez incorrer o immortal Pontifice dos operarios.

(Continúa).

DR. SILVA RAMOS.



UMA PAGINA DE HISTORIA CONTEMPORANEA

Mgr. de T'Serclaës, prelado domestico de Sua Santidade, acaba de publicar uma obra magnifica intitlada — *Le Pape Léon XIII, sa vie, son action religieuse et sociale*. Embora o livro tenha sido largamente apreciado por muitas revistas e jornaes, desejamos tambem nós dizer alguma cousa do monumento que Mgr. de T'Serclaës acaba de levantar a Leão XIII. Não temos a intenção de o analysar, nem tambem é nosso proposito fazer-lhe todos os elogios que merece. A obra compõe-se de dois volumes in-8.º de 600 paginas cada um; é precedida de uma soberba introdução de Mgr. Bannard, reitor das faculdades catholicas de Lille; enriquecida de gravuras e fac-similes que tornam a sua leitura attrahente; concebida com methodo; escripta n'um estylo vivo e animado; e os historiadores futuros do *seculo de Leão XIII* terão evidentemente de se referir a ella mais que uma vez, como á fonte mais pura e mais auctorizada, para conhecerem a fundo as phases do glorioso pontificado, intimamente ligado á transformação da sociedade e aos seus destinos futuros.

D'este campo immenso, que não podiamos percorrer em poucas paginas, queremos simplesmente destacar um quadro; mas não é este de certo um dos menos importantes, antes tem uma viva actualidade: é aquelle em que o eminente prelado trata da questão politico-religiosa em França, nas suas relações com Roma e com as instrucções pontificias.

A questão é candente, mesmo em Portugal, onde se levantou logo depois das encyclicas de Leão XIII aos francezes, sendo tratada largamente nos jornaes, pela forma que todos conhecem. Colloquemo'-nos fóra do terreno das irritações, e façamos apenas uma pagina de historia, imparcial e serena, resumindo quanto possivel e fielmente a parte do livro em que Mgr. de T'Serclaës se occupa do assumpto.

I

Se era uma questão difficil de resolver, observa com muita razão Mgr. T'Serclaës, o conflicto politico-religioso em França, Leão XIII não

receiu tratá-la e pronunciar-se categoricamente acerca d'ella, apesar das opiniões contrarias de um grande numero de francezes. Seguiu o caminho que lhe parecia mais util á religião e á França.

Os catholicos que não separam a religião da monarchia, e os liberaes que collocam em segundo lugar a religião e no primeiro o systema governativo da sua preferencia, agitaram-se logo, uns porque Leão XIII lhes dizia que a sua attitude politica prejudicava os interesses da religião, outros porque Leão XIII declarou terminantemente que a religião não estava irrevogavelmente ligada aos seus planos politicos. Restava uma terceira classe de monarchicos descontentes, que occupavam o meio termo entre os dois outros partidos. Leão XIII dizia-lhes egualmente que a religião não era serva de ninguem, nem podia estar enfeudada a nenhum partido, porque os dominava a todos.

A situação era difficil. Como chamar todos os catholicos a collocarem-se no terreno constitucional, sem pensamento reservado, para mais efficazmente defenderem a religião contra uma legislação anti-religiosa? Porque, convém repetil-o, é esse o pensamento supremo do Pontífice.

Antes que elle faltasse, tinham-se feito varias tentativas generosas no mesmo sentido.

O conde de Mun, — que depois teve a honra, aliás bem cara, de ser perseguido por causa da sua obediência filial, — já por occasião das eleições de 1885, convidava todos os cidadãos a unirem-se em volta da bandeira da cruz, e queria formar um partido catholico, que se limitasse a reivindicar a liberdade, e se organisasse no terreno social e religioso, sem prejuizo do futuro. O seu projecto, recebido favoravelmente desde o principio, não encontrou opposição aberta na imprensa conservadora e catholica. No estrangeiro, a impressão foi egualmente favoravel, e o *Osservatore Romano* reconhecia que o resultado das eleições de 1885 era devido em grande parte á reconstituição do partido catholico. Na vespera dos escrutinios de desempate, o conde de Mun offereceu ainda o partido catholico como uma especie de corpo auxiliar á organização politica conservadora, sem dizer se esse partido, uma vez regularmente constituído, entraria ou não no quadro d'essa organização.

Esta duvida impressionou os chefes conservadores. Depois, uma carta do conde de Mun ao conde de Bézizal, em que se apresentava o partido catholico como devendo ter um programma de governo e formar um centro poderoso, com chefes, batalhões e soldados, produziu grandes discussões no seio do partido conservador e monarchico, e até no mundo religioso.

A imprensa catholica e conservadora dividiu-se. Os jornaes puramente catholicos, como o *Univers* e a *Croix*, não hesitaram em pronunciar-se pelo grande orador. Outras folhas, catholicas tambem, mas com tendencias monarchicas, pronunciam-se vivamente contra elle. Naturalmente os partidos hostis á Igreja ainda lhe foram mais adversos, de modo que o

conde de Mun, collocado entre dois fogos, viu levantados ao mesmo tempo contra si os monarchicos e os radicaes. As opiniões dos bispos dividiram-se, como succedeu na imprensa. Finalmente, o conde de Mun era atacado, por um lado, como excessivamente realista, por outro, como não o sendo bastante. Uns faziam d'elle o cavallo de Troya, que queria penetrar na praça para a entregar á monarchia; outros accusavam-n'o de fazer recuar indefinidamente o advento de uma nova vida de cousas, pela acceitação, ao menos tacita, dos factos consummados, e de quebrar as fileiras dos conservadores. Outros censuravam-n'o porque, diziam, compromettia a religião lançando-a na arena dos partidos, e arvorava-se em pontifex leigo. Em presença de taes difficuldades, que eram apenas o principio das suas gloriosas provações, o conde de Mun dirigiu á imprensa a seguinte declaração: « A fim de não levantar uma divisão entre os catholicos, renuncio ao projecto de organisação que annunciei n'uma carta dirigida ao conde de Bézal. »

Esta subita resolução provou a toda a gente que o conde de Mun, como filho obediente, depozera as armas perante a auctoridade da Santa Sé. Todavia estava dado o primeiro passo para a intervenção de Leão XIII, que em breve devia manifestar-se de uma forma clara e brilhante.

De resto, o plano de Mun era muito differente do plano do Santo Padre. O conde de Mun, embora catholico antes de tudo, tinha no seu passado affeições e preferencias realistas. O Papa, muito superior a todos os partidos para se subordinar a qualquer d'elles, e alem d'isso depositario da doutrina secular da Egreja, não sentia mais hostilidades contra a fórma republicana do que contra qualquer outra forma de governo. Alem d'isso, no plano do conde de Mun estavam envolvidas reformas sociaes. Leão XIII não tocava n'essas questões. Finalmente, a formula do Papa era muito mais ampla que a do *leader* dos catholicos francezes. Seja como fôr, a opposição já feita no plano reduzido do conde de Mun, de certo fez presentir a Leão XIII a opposição que em breve devia levantar-se contra uma concepção mais vasta e mais energica das necessidades dos novos tempos e dos remedios a applicar aos males que os catholicos soffrem, sob a Republica, da maioria do poder.

Com effeito, a diplomacia pontificia não encontrava nenhum ponto de apoio no interior. Como a politica das direitas parlamentares não era sufficientemente resoluta nem bem definida, tornava-se impossivel uma acção do Papa e dos partidos conservadores. A união das direitas parlamentares só podia ser um conjuncto mon:truso. Era falsa a posição dos conservadores, e por isso tambem a da religião. Porque, se o paiz estava cansado da politica radical dos republicanos, tambem se mostrava inquieto com a politica incerta dos conservadores. Esta situação aggravou-se ainda, em consequencia da aventura boulangista. Por isso os radicaes faziam bom jogo. As relações entre o ministerio e o episcopado tornaram-se mais tensas. Adoptara-se a lei militar. Ao approximarem-se as eleições de

1889, os bispos recordaram aos seus diocesanos a necessidade de fazerem bom uso do direito de voto. D'ahi novos accessos de furor nas regiões governamentaes.

II

Leão XIII, depois de madura reflexão, decidiu-se a fallar.

A primeira manifestação da sua vontade foi o famoso brinde de Alger, pronunciado pelo cardeal Lavigerie em circumstancias que ninguem ainda esqueceu, e em que se proclamava a adhesão, sem pensamento reservado, á fôrma republicana. Originou-se então uma viva polemica, cujas phases são recordadas por Mgr. T'Serclaës com tanta imparcialidade como exactidão. Entre os monarchicos levantou-se um accesso de indignação. A imprensa republicana fez chôro, mas afinou por outra corda. Apesar das palavras do cardeal, que deixavam intender sufficientemente que elle fallára por ordem do Papa, o episcopado hesitava. Uma carta do cardeal Rampolla veio esclarecer a situação. O que Leão desejava, reclamava e queria, era que a acção catholica se collocasse no terreno legal, e que, pondo de parte os interesses dynasticos, deixando a cada um as suas preferencias e as suas esperanças, todos se occupassem apenas dos interesses catholicos, acceitando lealmente o regimen constitucional, para se dissipar um equivoco odioso e dar mais efficacia á resistencia contra uma legislação oppressiva das consciencias catholicas. O movimento foi accentuado por novas adhesões episcopaes. Todavia, alguns tentaram ainda interpretar a seu modo as palavras do Santo Padre, até ao momento em que chegou a resposta do cardeal Richard aos catholicos que o tinham consultado ácerca do dever social.

Concebida com uma grande prudencia, a carta do cardeal não fallava em acceitação, mas insinuava esse pensamento de uma fôrma sufficientemente clara.

A esta resposta adheriu um grande numero de bispos. Entretanto o equivoco subsistia. Por isso alguns bispos, embora não considerassem prohibida a adhesão á Republica, hesitavam em pronunciar-se. Mgr. Fava esperou para manifestar o seu modo de ver; mas quando se pronunciou fê-lo de uma fôrma tão cathorica como Mgr. Isoard, em favor da acceitação da forma republicana.

Nada mostrou melhor, diz Mgr. de T'Serclaës, quanto eram justos os planos do Papa, como o furor dos republicanos. Principalmente os jornaes radicaes vomitaram fogo e chammás. Foram bem differentes os effeitos produzidos nos republicanos menos hostis. Os moderados receberam bem os neo-republicanos; mas os franc-maçons agitaram-se, e, na reunião maçônica de 1891, juraram embaraçar por todos os meios o caminho aos catholicos republicanizados, cuja evolução elles consideravam como o maior perigo que tinha ameaçado a Republica da seita. Que confirmação mais brilhante da sabedoria das decisões de Leão XIII que esta prova dada pelos adversarios?

Muitos conservadores não o comprehendiam assim, ou esforçaram-se por não o comprehender. A condemnação de Mgr. Gouthe-Soulard depois das peregrinações a Roma, produziu um conflicto que ao mesmo tempo foi explorado pelos radicaes e pelos monarchicos. Leão XIII conservou-se inabalavel. Os proprios bispos, censurando a attitudo do governo, não atacaram a forma republicana, de maneira que, a final, o incidente de que foi nobre victima o veneravel arcebispo d'Aix converteu-se n'um triumpho para o que então se chamava « a politica do cardeal Lavigerie ». Todavia esse exito não era isento de perigos. A política do Papa estava ameaçada e podia ser comprometida pelo duplo assalto das lojas maçonicas e dos grupos monarchicos. Compreendeu-se isto mesmo em Roma. Por isso o *Moniteur de Rome* exhortava os catholicos a considerarem o incidente d'Aix como um simples parenthesis, e a continuarem a evolução politica interna iniciada pelo brinde de Alger. Ao mesmo tempo foi votada no Senado e na Camara uma ordem do dia censurando as recentes manifestações do clero.

Que se passava entretanto no campo catholico? Reinava ahi uma desharmonia completa. Muitos conservadores continuavam a declarar-se monarchicos antes de tudo. Outros, sob o nome de *União da França christã*, diziam-se neutraes em politica, quando a politica pontificia reclamava o leal reconhecimento da forma de governo existente, o que é mais do que neutralidade. A neutralidade da *União* era apenas uma etiqueta, e resolvia-se praticamente n'um verdadeiro monarchismo.

Entre os catholicos recrutava-se igualmente o grupo recente da direita constitucional, dirigido por Piou. A sua attitudo era correcta sob o ponto de vista do reconhecimento das instituições republicanas, mas accusavam-n'o de levar muito longe a conciliação. No polo opposto da opinião conservadora encontrava-se o grupo imperialista dirigido por Cassagnac. Estes collocaram-se abertamente fóra da politica do cardeal Lavigerie.

Tal é, em resumo, o quadro, traçado magistralmente pelo auctor, da situação do partido conservador catholico n'aquella epoca. Comprehendem-se as desintelligencias que depois se seguiram. Mgr. Ferrata, n'uma entrevista concedida a um redactor do *Gaulois*, estabeleceu assim a questão á sua verdadeira luz: Qual é o fim unico do Papa? Assegurar o triumpho da Igreja. Para conseguir esse fim é necessario seguir-o nos meios que preconisa.

Todavia subsistia a incerteza e a perturbação das consciencias. Apareceu então a declaração dos cinco cardeaes, aconselhando que se dessem treguas ás dissensões politicas, e que, collocando-se todos resolutamente no terreno constitucional, se propozessem antes de tudo defender a sua fé ameaçada (janeiro de 1892). A esta declaração adheriram 76 bispos, mas ella não teve, sob o ponto de vista politico, toda a influencia prática que se podia esperar. Tornava-se necessaria uma encyclica, que finalmente appareceu.

(Conclue).

OS MILAGRES DE LOURDES

E AS OBJECÇÕES DOS MEDICOS

Conferencia lida na Academia dos Arcades, em Roma,
em 20 de fevereiro de 1895, pelo Doutor José Lapponi,
medico particular de Sua Santidade Leão XIII

(Continuação de pag. 241)

III

Todos os conhecedores concordam em dizer que as allucinações são tão vivas que as suas victimas ás tomam pela realidade sem a menor duvida; alem d'isso recahem sempre sobre um só e mesmo objecto, e desde que uma vez se apoderem de um individuo, tyrannisam-n'o quasi toda a vida. Desde que uma vez alguem foi victima de qualquer allucinação continúa a sê-lo mais ou menos até á morte.

Accrescentemos que as allucinações não se manifestam desde o principio em toda a sua força, mas gradualmente, pouco a pouco. Quando affectam a vista, o allucinado começa por ver sombras; só muito tempo depois é que a sombra se converte n'uma imagem sensivel, clara e precisa. Quando affectam o ouvido, o allucinado começa por sentir zumbidos, depois murmúrios, em seguida palavras pronunciadas em voz baixa, e só algum tempo depois é que as palavras se fazem ouvir fortes e bem accentuadas.

Pode tambem dizer-se que as allucinações teem por objecto exclusivo cousas já conhecidas. Um cego de nasci-

mento nunca soffre allucinações relativas á vista; um surdo de nascimento não as soffre tambem relativas aos sons. O doutor Christian diz ¹⁾: « Tenho interrogado muitos allucinaados que viam Deus, a Virgem e os santos, e notei sempre que as suas visões tinham a forma das imagens contidas nos seus livros de orações ou nas egrejas que frequentavam ».

Isto não é tudo. As allucinações que se referem sempre ao mesmo objecto permanecem sempre e invariavelmente as mesmas. Todas as visões serão como a primeira. Depois, as allucinações doentias são acompanhadas de vertigens e outros desarranjos cerebraes.

Quanto ás allucinações dos hystericos, o doutor Chancot, mestre de todos na especie, ensina-nos que, *quando ellas são espontaneas*, consistem geralmente na vista de animaes *negros* (gatos, lobos, etc.), que correm sempre na mesma direcção, de um lado para outro ou da rectaguarda para a frente. Os animaes que vêem raras vezes são vermelhos; e parece que nunca viram nenhum que fosse branco, verde ou azul ²⁾.

Mas nos hystericos, as allucinações podem ser tambem provocadas pela suggestão, ou pelo individuo que as soffre, ou por outros. Pelo que respeita ás allucinações provocadas, o doutor Luys ³⁾ adverte-nos de que ellas só attingem um individuo no estado cataleptico, e por isso mesmo isolado do mundo externo, ou que algumas vezes foi submettido a práticas hystericas. Em todo o caso, as allucinações nunca teem por objecto uma cousa desconhecida; as da vista raras vezes se referem a um objecto branco; é verdade que a physionomia da victima offerece um reflexo do sentimento interior, mas sem espontaneidade, sem liberdade de mudança; emquanto dura a allucinação, o paciente descreve com precisão os objectos percebidos; mas, depois de passada a allucinação ou a catalepsia, perde toda a lembrança das suas visões ou das suas palavras.

¹⁾ J. Christian, *Hallucinations*, na *Encyclopédie des sciences médicales de Dechambre*.

²⁾ *Oeuvres*, vol. ix, pag. 292.

³⁾ Luys J. *Les émotions chez les sujets en état d'hypnotisme*. Paris 1887.

Emfim todos os pathologistas reconhecem que as allucinações, obtidas uma só vez por artifício, podem evocar-se de novo indefinidamente pelo mesmo meio, á vontade da victima ou de outras pessoas; e isto com tanto mais facilidade quanto maior numero de vezes forem provocadas.

Mas nada d'isto se encontra nas visões de Bernardette.

Teve apenas dezoito visões no curto espaço de seis mezes, e nada mais.

Desde o principio, o rosto da Senhora mostrou-se a Bernardette claro, nítido, em relevo; e da primeira vez que ella lhe fallou, as suas palavras foram pronunciadas em voz alta e distincta.

M. de Balancie, que muitas vezes tentou surprehender a ingenuidade da donzella, quando esta lhe narra as suas visões, disse-lhe um dia: « Tu estás enganada: não viste nem ouviste a Senhora, mas apenas *julgaste* vê-la e ouvi-la. » Mas Bernardette respondeu logo: « Não, não, senhor, eu vi-a e ouvi-a na realidade. Ella movia a cabeça e os braços. Fallava-me como eu agora estou a fallar para v. ex.^a »

O objecto das suas visões era desconhecido tanto a ella como a seus concidadãos: não podia tê-lo visto nem no seu livro de orações, porque não tinha nenhum, — nem sabia ler —, nem na igreja da sua terra natal.

Alem d'isso a donzella devia ignorar que existia um dogma sobre a Immaculada Conceição. Por isso, quando a Senhora lhe revelou o seu nome, a pastorinha, receiando esquecê-lo e querendo referil-o com precisão ao bom paroch de Lourdes, repetia-o pelo caminho dizendo a cada passo: Immaculada Conceição, Immaculada Conceição.

Quando M. de Resseguier lhe mostrou algumas das mais bellas meninas de Pau, perguntando-lhe se a Senhora da visão era tão bonita, Bernardette respondeu-lhe: « Oh senhor, entre estas e a Senhora da visão não ha comparação possivel. » E quando o esculptor Jabisch lhe apresentou a estatua da virgem, cinzelada e retocada segundo as indicações da vidente, Bernardette não poude deixar de exclamar:

« Isto é muito bonito, mas não é ella; oh! não, a differença é como da terra para o céu. »

É verdade que as visões de Bernardette tiveram um unico objecto; mas não foram sempre e invariavelmente as mesmas. Cada vez apresentaram alguma cousa de novo, como a exhortação á oração, o desejo de que se construísse um templo nos rochedos de Massabielle, os segredos confiados, a ordem de que bebesse agua, etc., etc.

Alem d'isso as visões nunca lhe causaram o menor desarranjo physico; pelo contrario deixaram sempre no seu coração o desejo de que se repetissem.

Bernardette não viu animaes negros, horrendos; era uma figura humana que se offerecia á sua vista, de uma extraordinaria belleza, cercada de luz, vestida de branco, cingida com um cinto azul, com um rico rosario nas mãos.

E, durante o extasis, não se via nenhum signal de catalepsia; pelo contrario, conservava o mais completo conhecimento do que se passava.

Antes d'isso nunca fôra submettida a experiencias de suggestão, que demais a mais mal se conheciam n'essa epocha.

Nenhuma suggestão provocou a primeira visão; a figura que lhe appareceu nunca lhe fôra conhecida; e a primeira visão não teve influencia alguma nas seguintes, porque a Senhora mostrou-se sempre do modo e no tempo que lhe aprouve.

Durante as aparições, a physionomia da menina, embora radiante de singular esplendor, não conservava a mesma expressão até final; mas havia harmonia perfeita entre o seu aspecto e as cousas que ella depois referia ter visto ou ouvido.

Emquanto a visão durava, Bernardette parecia pronunciar palavras, mas inarticuladas. E, desaparecida a visão, conservava fielmente a memoria d'ella. Nunca houve a menor contradicção na sua narrativa.

Houve algumas interrupções na visão, de fevereiro a julho, e d'ahi por deante faltaram sempre, apesar do ardente desejo e como que uma necessidade interna que sentia d'ellas.

Todavia tinha todas as condições necessarias para as procurar por meio da suggestão.

Finalmente, quando entre março e abril de 1858, a instigações de M. Giacometti, commissario de policia em Lour-

des, se tentou provocar n'ella visões por meio de práticas suggestivas, ella submetteu-se com toda a simplicidade e soffreu-as com paciencia. Mas o resultado foi que, sem attingirem o fim desejado, a pobre creança soffreu depois uma violenta dor de cabeça.

Portanto, as visões de Bernardette não apresentaram nenhum dos caracteres especiaes das allucinações pathologicas. É claro, pois, que não pôdem contar-se como allucinações.

V

Um observador attento encontraria muitos outros factos tendentes a demonstrar que as visões de Bernardette não foram allucinações, mas a realidade.

Não insistirei na singular transfiguração e no maravilhoso esplendor que apresentava o rosto da vidente, sempre que a visão se realisava: as pessoas que presenceavam o facto ficavam deslumbradas. Os primeiros espectadores d'aquellas scenas costumavam dizer: « Assim como um homem que habita n'um estreito valle aprecia o nascer do sol pelo cimo dos montes visinhos que se douram, embõra o sol nunca o visite a elle; assim nós podemos com certeza apreciar a verdade das visões pelo divino esplendor que illumina, durante o extasis, o rosto da creança. »

Em vez de me demorar com o valor d'esta simples mas justa consideração, deter-me-hei apenas com o facto seguinte, prova irrefragavel: durante os quinze minutos que durou uma visão, collocaram-lhe os dedos na chamma de uma vela accessa, sem que ella sentisse dôr, sem mesmo se queimar a carne, como poude verificar um medico, testemunha ocular, e todavia cheio de velhos preconceitos que o dispunham muito mal para crer.

Um estado morbido podia impedir a menina de sentir a dôr da queimadura, mas nada no mundo podia tirar á chamma a propriedade natural que possui de queimar.

Um outro facto que testemunha ainda mais a realidade das visões, é o jacto das aguas sob os dedos de Bernardette, n'um terreno arido, entre rochedos muito duros, n'um logar onde nunca ninguem vira sequer vestigios de humidade.

A Senhora da visão ordena á pastorinha que beba; mas bebe-se um liquido, e não o havia allí. A creança dispõe-se logo a descer a um ribeiro visinho; mas a senhora faz-lhe signal de que não se affaste. Então, impellida por um estímullo interior, mexe com toda a confiança a pouca terra que podem cavar os dedos de uma creança, e eis que a agua surge!

Que melhor prova da realidade da sua presença podia dar, ao mundo dos scepticos, a Senhora vista por Bernardette?

Disseram que fôra o acaso — essa cega divindade dos loucos — que levava a menina á descoberta da fonte, como uma cabra á descoberta do arbusto do café, como os pastores ao encontro de aguas mineraes, como o camponez, sob o esforço da sua enchada, á descoberta das ruina de Pompeia.

Mas no caso de Bernardette não tem logar a comparação. O arbusto do café e as aguas mineraes existiam já, á superficie do solo, antes da descoberta em questão: portanto, manifestavam-se á vista.

Quanto ás ruinas de Pompeia, não só existiam antes da sua descoberta, mas poderam ser vistas pelo cavador sem as procurar.

Pelo contrario, no caso presente, a fonte de que nos occupamos, embora preexistente, estava occulta nas entranhas do rochedo, ninguem a conhecia, nem aquella mesma que a procurou, pois dirigia-se ao rio Gave para cumprir a ordem que recebêra. Recebendo nova ordem de beber, mas na propria gruta, a pastorinha, que não via agua, persuadida todavia de que ella allí existia, procurou-a, e as suas mãos abriram logo á fonte a porta dos abysmos. E que porta? Um punhado de terra!

Se a fonte realmente existisse á superficie do solo, um punhado de terra seria dique sufficiente para embaraçar a força das aguas interiores? E o simples deslocamento d'essa terra sêcca teria facilitado essa irrupção, a ponto de crear, em pouco tempo, uma fonte fecunda e inesgotavel?

(Continúa).

Os fructos da obra

I

Não ficarão sem o nosso protesto os acontecimentos de que foram theatro as ruas da capital no dia 3o de julho ultimo. A vadiagem de Lisboa, açulada por cobardes que se esconderam atraz da cortina, perseguiu, insultou e espancou sacerdotes indefesos e inofensivos, realisando um projecto que ha muito se tramára na sombra, e cujos lineamentos transpareciam ha mezes em diversos jornaes avançados. Foi uma cobardia premeditada, e não resta duvida alguma a tal respeito.

Esses acontecimentos foram tanto mais lamentaveis e revoltantes, quanto é certo que a policia não accudiu prompta e energicamente como devia. Durante muito tempo se prolongaram os tumultos em differentes pontos da cidade, repetiram-se os desacatos, redobraram os insultos, recrudesceram as violencias, ao mesmo tempo em diversos pontos da cidade, e muitas vezes não apparecia sequer um agente a proteger cidadãos pacíficos e criminosamente aggreddidos. A guarda municipal, instituida com o fim de garantir a vida e a liberdade dos cidadãos, secundando os esforços da policia civil, conservou-se tranquillamente nos quartéis. A canalha decretou a suspensão da lei das garantias em Lisboa, e foi obedecida! A auctoridade só muito tarde se lembrou de reprimir os tumultos.

Esses acontecimentos são muito graves, tanto pelos crimes que representam como pelos symptomas que traduzem. Para o clero representam ao mesmo tempo uma lição e um triumpho; para as auctoridades constituem uma vergonha; para o povo de Lisboa um opprobrio sem nome.

II

A capital portugueza, uma das mais importantes e afamadas cidades da Europa, converteu-se durante dois ou tres dias n'uma terra de selvagens! Vergonha para o nome portuguez!

No mundo civilisado não conhecemos exemplo de brutalidades semelhantes, que hoje apenas se repetem na China e nos sertões da Africa, aonde o missionario, com a resignação d'um martyr, vae prégar a fé evangelica. A opinião publica da Europa e da America está reclamando com insistencia a intervenção energica das potencias para as selvagerias que se repetem no extremo oriente. Se amanhã forem perseguidos e espancados nas ruas de Lisboa sacerdotes francezes, allemães e americanos, a mesma opinião publica poderá reclamar um castigo para os selvagens do extremo occidente, intendendo que a Europa termina nas fronteiras de Valença e Villar Formoso.

Tristissima vergonha! Affronta sem nome para o povo portuguez!

Não se diga que os acontecimentos de Lisboa foram obra da populaça inconsciente: os vadios foram apenas instrumento dos cobardes que se esconderam na sombra. Trata-se de uma conspiração premeditada em todas as suas circumstancias, e as linhas d'essa conspiração encontram-se em alguns dos jornaes de Lisboa, que o publico já conhece muito bem como promotores de taes façanhas. Infelizmente parece que esses, os verdadeiros auctores da selvageria ficarão impunes e esquecidos. Esses, que não tiveram duas palavras de energica censura para os tristes acontecimentos da capital, continuarão livremente a semear entre a populaça estúpida o veneno da desordem e da insubordinação.

É bem triste que esses homens, que se dizem pregoeiros da civilisação, abusassem da rudeza do povo incitando-o ao tumulto e ao crime.

III

Que mal fizeram os sacerdotes perseguidos nas ruas de Lisboa? Cidadãos pacíficos, inoffensivos, indefesos, foram vexados e atacados sem que para isso houvesse ao menos um pretexto digno de consideração. Foram victimas do odio implacavel das sociedades secretas e dos clubs revolucionarios, que, pretendendo por vezes attribuir-se determinadas glorias, podem agora adornar-se com mais esta gloria de selvagens.

Para o clero não foram desprovidos de fructos aquelles dolorosos acontecimentos: pelo contrario, elles constituem uma lição e um triumpho.

O clero ficou conhecendo os homens com quem terá de haver-se no futuro. Os violadores da fé e da immuniidade sacerdotal revelaram-se eloquentemente e pozeram o clero de sobreaviso, porque lhe fizeram conhecer o que d'elles tem a esperar. Não ha lição mais dura, mas tambem a não ha mais proveitosa, que a lição dada pelos factos.

Os sectarios de Lisboa queriam ver prohibidas pela auctoridade todas as manifestações religiosas que alli se realisaram ultimamente. As auctoridades intenderam que, desde que têm sido permittidas manifestações revolucionarias das sociedades secretas condemnadas na lei, era indecoroso perseguir a religião catholica, que é a religião do Estado, prohibindo as manifestações do culto. *Inde ira.* Os sectarios protestaram vingar-se. Elles que todos os dias recordam com indignação os tempos do cacete, lançaram mão do cacete e da pedra para perseguirem em gente inoffensiva.

Esta lição é ao mesmo tempo um triumpho e uma gloria para o clero: é signal de que alguma cousa se têm feito pela restauração do espirito religioso. Se o clero se conservasse na indolencia e na apathia a respeito do movimento religioso, de certo não era perseguido em taes circumstancias: a perse-

guição viria depois, quando o espirito sectario tivesse dominado tudo e a todos. O clero portuguez viu coroada a sua obra pela perseguição, e, como os martyres de todos os tempos, alcançou a gloria de ser insultado, perseguido e espancado pela boa e santa causa de Jesus Christo.

Julgam os sectarios que o clero cederá assim uma pollegada no terreno das suas legitimas reivindicações? Illudem-se completamente: a Egreja tomou sempre mais força e vigor com o sangue dos seus martyres. Disse-o Tertulliano ha dezeseite seculos: o sangue dos martyres é semente de christãos.

IV

Não é só para o clero que os acontecimentos de 3o de julho foram uma lição: todos aqui teem muito que aprender.

Aquelles que ainda se illudiam ácerca dos fructos da propaganda anti-religiosa, feita constantemente nos jornaes jacobinos, ora disfarçadamente, ora com todo o apparatus do escandalo, acóbertada sob o pretexto especioso e ridiculo de ataque á *reacção* e ao *fanatismo*, — os ingenuos que ainda se illudiam a tal respeito, sabem agora o fim a que visam todos os esforços da jacobinagem desenfreada. Hoje não permitem os factos que haja hesitações e duvidas: o plano foi posto a descoberto pelos proprios que o urdiram na sombra. Não se trata de combater uma *reacção*, que não existe no sentido em que a inculcam; o que se procura é destruir toda a influencia do clero, toda a vitalidade da Egreja. Tal é a verdade nua e crua: aprendam os ingenuos.

Por seu lado, o governo fica sabendo que não é debalde que se tolera a propaganda anti-religiosa em publicações de toda a especie: os fructos d'essa propaganda appareceram em 3o de julho, e já se haviam revelado por occasião do centenário de Santo Antonio. Se não se permittisse que os anarchistas manobrassem livremente na capital, e até que, durante dois annos, publicassem um jornal, *A Propaganda anarchista*, onde constantemente se proclamava a destruição da

ordem social, não se teriam dado os tumultos com que foram perturbadas as festas do centenario. Se não se permittisse que os jornaes jacobinos dessem publicidade a toda a especie de infamias e calumnias contra a religião e contra o clero, não se veriam as vergonhosas façanhas de 3o de julho.

É necessario que o governo se compenetre da gravidade do mal. Se deixa engrossar a onda do tumulto e da desordem, ella dominará tudo, quando já fôr tarde para contê-la, é nada escapará deante da sua furia impetuosa. Veja-se como o governo da Republica franceza, com uma energia inquebrantavel, reprimem os tumultos e castigam inexoravelmente os fautores da anarchia social. Quando se trata de manter a ordem publica e defender a liberdade dos cidadãos, o governo francez não hesita em adoptar as resoluções mais energicas e decisivas. A tradicional *brandura dos nossos costumes*, phrase banal que apenas traduz a nossa decadencia moral, dá logar a factos como aquelles que ainda ha pouco presenceámos.

Esses acontecimentos, repetimos, constituem uma lição para todos: oxalá que ella aproveite.



UMA PAGINA DE HISTORIA CONTEMPORANEA

(Conclusão de pag. 346)

III

A encyclica aos francezes ficará sendo um dos maiores acontecimentos d'este seculo. Seria temerario querer actualmente medir todas as suas consequencias. O que é certo é que ella teve um echo immenso em todo o mundo. Publicada a 16 de fevereiro de 1892, é dirigida a todos os francezes honestos e sensatos. A primeira base da paz social, diz ella em substancia, é a religião. A historia prova-o especialmente a respeito da França. Achando-se a religião ameaçada importa defendel-a. Não se trata de dar assim á Igreja uma dominação politica sobre o Estado, mas simplesmente de indicar aos catholicos a attitude que devem tomar em presença da Republica actual. Toda a forma de governo é boa em si mesma, com tanto que tenda para o bem commum. Convém distinguir os poderes constituidos da legislação. Em França, a legislação é má; portanto é necessario entrar na Republica para a melhorar.

Uma audiencia concedida ao sr. Judet, redactor do *Petit Journal*, e destinada a ser publicada, veio precisar de novo o pensamento do Santo Padre. Depois, para produzir uma luz ainda mais completa, appareceu a carta de Leão XIII aos cardeaes ¹⁾ sobre os effeitos que a encyclica produzira em sentidos diversos e que o Papa previra. O Santo Padre não podia deixar perecer a França: eis porque elle fallou. O interesse supremo do bem commum exige a adhesão plena e inteira ao governo estabelecido.

Estas palavras não foram comprehendidas por certos politicos. Todavia o documento pontificio não podia ser mais claro. O Papa devia dissipar todas as duvidas na sua carta a Mgr. Fava, por occasião do congresso de Grenoble; n'ella repete e accentua o que já anteriormente dissera, prescre-

¹⁾ De 3 de maio de 1892.

vendo a acceitação da forma republicana em nome da doutrina geral da Igreja, que ensina que todo o poder, qualquer que seja, vem de Deus.

Em breve appareceram notaveis commentarios episcopaes que pozeram a doutrina do Santo Padre ao alcance de todos. Um dos mais luminosos foi a carta pastoral dos arcebispos e bispos da provincia de Avignon. Essa attitude inquietava os homens do poder. M. Ricard, ministro dos cultos, reivindicava a independencia do poder civil, e quiz impedir que os bispos fizessem produzir á encyclica do Papa os seus effeitos salutaes. Alguns prelados foram denunciados ao conselho de Estado como auctores de abusos. A outros foram suprimidos os vencimentos. Todavia, apesar d'estas chicanas e d'estes abusos de poder, os bispos continuaram, insistindo especialmente no resultado a que tendem as instrucções pontificias: salvar a religião, quebrando nas mãos dos sectarios as armas de que até hoje se serviram contra ella. As reflexões de Mgr. Perraud a este respeito impozeram-se a toda a França. Depois, por occasião das festas de Joanna d'Arc, dezeseite bispos, convidados por Mgr. Thomas, protestaram a sua submissão aos ensinamentos do Santo Padre. Mas, no meio d'estas manifestações, os sectarios tiveram um raio de esperanza. O governo irritou-se quando alguns bispos accrescentaram supplementos ao catechismo dos deveres do cidadão. Parecia, pois, que ia de novo acender-se uma lueta mais terrivel que nunca, entre a religião e o poder republicano, apesar dos esforços do Papa em favor da concordia. A Santa Sé interveio, e aconselhou aos bispos que retirassem os seus supplementos, ao que elles obedeceram.

Se a encyclica, como era de esperar, se impunha ao mundo religioso, no mundo parlamentar produzira o effeito de um explosivo. Os radicaes fizeram cahir o ministerio, e atacaram depois o proprio presidente Carnot, accusando-o de seguir uma politica pontificia e de estar de accordo com a Santa Sé. Os moderados, pelo contrario, prégaram a pacificação. No meio d'estas diversas tendencias, que faria o novo gabinete? Exercicios de equilibrio, com propensão a inclinar-se mais do que era justo para o lado radical. O futuro nos dirá se um novo partido constitucional poderá contrabalançar os inimigos da religião e da patria.

Embora desde o brinde de Alger os espiritos estivessem preparados para a encyclica, esta não deixou de produzir uma especie de piedosa revolta em um certo numero de catholicos. Todavia o ensino do Papa encontrou desde o principio a adhesão dos homens rectos e verdadeiramente catholicos. Uma carta de M. du Bourc mostrou aos realistas como, sem nada sacrificarem das suas convicções e das suas esperanças, podiam obedecer ao Papa e trabalhar na salvação da França, abstando-se, nas circumstancias actuaes, de toda a acção directa em favor da monarchia. Outros realistas declararam-se abertamente republicanos. A imprensa censuradora adheriu em grande parte ás declarações pontificias. Finalmente, reuniram-se algumas assembléas, em que a mocidade tomou parte activa, e nas quaes a politica pontificia foi sustentada e aclamada com energia. Tal foi o con-

gresso de Grenoble, celebrado em maio de 1892, onde Mgr. d'Hulst indicou a norma que os catholicos têm a seguir de futuro, e onde outros oradores pronnciaram discursos que lhes valeram cartas de incitamento do cardeal Rampolla. Tal foi tambem o congresso de Lille, onde o conde de Mun formulou declarações muito claras, egualmente approvadas pela côrte de Roma, — o que deve largamente compensal-o dos baixos e perfidos ataques de que o leal soldado de Christo não deixou de ser victima desde então. Tal foi, finalmente, a reunião de Saint-Chamond, onde o padre Garnier e M. Ch. Neyrand proclamaram a mesma doutrina em uma conferencia aos eleitores, a qual foi tambem approvada pelo Santo Padre.

Todavia os catholicos-monarchicos não se desarmaram e continuaram a agitar-se. Alguns fingiram tomar as suas proprias idéas pelas do Santo Padre. Veio desilludil-os uma carta de Mgr. Ferrata, e a commissão directora da *União da França christã* demittiu-se. O barão Tristan Lambert julgou achar um meio de não se afastar nem da direcção do Papa, nem das proprias idéas, na attitude politica a conservar, reclamando a revisão da Constituição em proveito da monarchia. Não era esta a doutrina de Leão XIII.

Ao lado d'estes catholicos, que subordinavam a religião a uma determinada forma de governo, appareceram *regalistas* e gallicanos, que fingiam crer que a encyclica não contrariava de forma alguma a politica monarchica, que devia conservar-se franceza e fóra de toda a influencia estrangeira. As suas doutrinas encontram-se formuladas na declaração de M. Emile Ollivier, que distinguia o catholico do cidadão, devendo o primeiro obedecer ao Papa em materia de fé, o segundo á sua consciencia em materia politica. Esta declaração foi muito commentada. Em uma polemica com o *Moniteur de Rome*, M. E. Ollivier atacou, de uma forma talvez ainda mais viva, a direcção dada em Roma aos catholicos da França, e accusou aquelle jornal de converter um simples conselho do Santo Padre n'um decreto imperativo, interpretando falsamente a attitude do Papa.

A attitude de Leão XIII devia necessariamente desorientar os estados maiores da politica, transportando a lucta para um terreno em que não estavam acostumados a traval-a. Em uma carta que foi muito discentida, o marquez de Breteuil renunciou ao seu mandato parlamentar. Na verdade, tratava-se de abandonar o terreno e deixar o logar a novos chefes n'uma situação nova. Todavia não era justo que se retirassem definitivamente. M. d'Haussonville, em um discurso eloquente e habil, accusou os adherentes de abandonarem os monarchicos e de os considerarem refractarios. Depois tentou demonstrar que eram falsas as qualificações de *definitiva* e *incontestada* que se davam á Republica. Pelo contrario, o barão de Mackau, fallando aos seus eleitores de Carrouges, recommendou calorosamente a politica da adhesão, não porque tivesse alguma cousa a esperar do partido actualmente dominante na Republica, mas porque a salvação só pode vir da união de todos os homens honestos, que, quaesquer que sejam os seus sentimentos, collocam acima das suas preferencias a vontade nacional

e querem liberdade para todos. Inspirava-se assim na linguagem de Leão XIII. A evolução politica de M. de Mackau foi o signal da desagregação do partido monarchico considerado como partido politico activo. Foi então que se desenfreou a raiva maçónica. O fim do Papa ia ser atingido, e esse fim era a defeza da religião; como não haviam de impressionar-se com isto? Mas como formar o partido constitucional politico? Com todas as pessoas honestas, quem quer que sejam, com tanto que defendam as liberdades necessarias. Porque, em summa, querer tudo logo de principio, é expôr-se a não conseguir cousa nenhuma. Não é de repente que pode mudar-se a face das cousas, mas de vagar, e, como dizia José de Maistre, «com pouco barulho». Um ultimo documento sahindo da penna de Leão XIII veio córoar a primeira phase da sua acção politico-religiosa em França. Foi a carta dirigida ao bispo de Orléans em 31 de outubro de 1892. Confirma n'ella os seus primeiros ensinamentos, censura os monarchicos refractarios, anima os homens generosos que não receiaram seguir a sua norma, apesar dos interesses de toda a especie que podiam embaraçar a sua obediencia.

Tal é, muito imperfeita e descolorida, com certeza, a analyse d'esta parte da obra de Mgr. de T'Serclaës, que, se de um modo especial interessa os leitores francezes, tambem não deixa de ser muito importante para os leitores de Portugal. Esta parte poderia chamar-se — «A verdadeira historia da encyclica» — porque tem todas as qualidades que distinguem as grandes obras historicas: é nitida, clara, muito documentada; fornece a todos os espiritos imparciaes e abertos á luz os meios de julgar friamente e sem preconceito uma politica e um movimento que, dos dois lados oppostos do horisonte, as paixões estranhas aos superiores interesses da religião se comprazeram em desnaturar, desconhecer e combater.

O historiador parou no principio de 1893: mais de dois annos se passaram desde então, e podemos ver, por manifestações ainda muito recentes, que o Santo Padre não se desviou um apice da linha que traçou no caminho aberto aos catholicos francezes e aos catholicos de outros paizes em eguaes circumstancias.



Santo Antonio de Lisboa

EM FRANÇA

I

Portuguezes e paduanos reivindicam a pessoa do maior thaumaturgo e de um dos mais illustres oradores que o seculo XIII produziu. Os primeiros viram-lhe o nascimento, os segundos presenciaram-lhe a morte. Mas uma parte da sua curta e prodigiosa carreira passou-se em França; não tem este paiz tambem o direito de o reclamar como seu? O actual renascimento do seu culto começou em Toulon; o pão de Santo Antonio é uma obra essencialmente franceza, como a maior parte d'aquellas em que a caridade representa um papel: o illustre prégador da fé tem, portanto, mais de um titulo a ser considerado como tambem pertencente á França, e os francezes teem mais de uma razão para se collocarem sob a sua egide.

Entretanto, ha relativamente poucos escriptores francezes que lhe tenham consagrado um livro ou simplesmente uma noticia circunstanciada. Na Italia, em Portugal e na Hespanha, as suas virtudes e os seus milagres foram celebrados por um grande numero de hagiographos; em França, nada ou quasi nada até estes ultimos tempos. Mgr. Ricard, fazendo reviver entre os francezes a illustre memoria do santo, quasi fez uma revelação. O padre Leopoldo de Chérancé, publi-

cando recentemente um volumesinho muito erudito sob a apparencia de uma historia popular de Santo Antonio, acabou de despertar os ecos de uma tradição quasi extincta. E todavia foi no solo francez, foi nas regiões que mais tarde formaram a França ou que já faziam parte d'ella no seu tempo, onde o celebre bemfeitor do povo realisou talvez mais maravilhas e operou mais conversões. Era no momento que a heresia albigense fazia mais estragos no Languedoc. A prégação de S. Domingos e dos seus companheiros obstara aos progressos do mal, mas não o extirpara. S. Francisco d'Assis, seu emulo, quiz associar a ordem dos Frades Menores a esse laborioso apostolado: ninguem achou mais bem preparado para o exercer do que fr. Antonio, que reunia a um zelo ardente o conhecimento profundo da Sagrada Escriptura, em que os albigenes pretendiam apoiar-se. Em fins de setembro de 1224 enviou-o ao convento de Montpellier com uma dupla missão: a renovação dos estudos theologicos, a cruzada espirital contra os manicheus. N'aquella catholica cidade, onde a heresia nunca penetrára, gosava da maior veneração o nome de S. Francisco, que lá estivera dez annos antes, na sua volta da Hespanha. O discipulo herdou-lhe o prestigio, e attrahiu em volta do seu pulpito uma innumeravel multidão. Foi na igreja de Montpellier que a omnipotencia divina operou em seu favor um dos mais admiraveis prodigios que jamais se viram, aquelle que é conhecido pelo nome de milagre da bilocação.

« Celebrava-se uma das grandes solemnidades do anno, provavelmente a da paschoa. Lembrou-se, no principio do seu discurso, de que fôra designado para cantar no côro durante a missa solemne que á mesma hora se celebrava na capella do seu convento, e esquecêra-se de se fazer substituir. Afflicto com este esquecimento, que representava uma infracção á obediencia, inclina-se no pulpito, cobre a cabeça com o seu capuz, e conserva-se por muito tempo immovel e silencioso, com espanto de todos os assistentes. Ao mesmo tempo apparece no meio de seus irmãos, canta o *Alleluia* e desempenha o serviço de que fôra encarregado. Ao cabo de

uma hora recupera os sentidos, levanta-se no pulpito de Nossa Senhora e continúa, com uma eloquencia incomparavel, o sermão que começára. »

Era a segunda maravilha deslumbrante, que ao joven franciscano fôra dado realisar : a primeira fôra a resurreição de um morto operada a caminho de França, em Verceil. Estava inaugurada a sua carreira de thaumaturgo.

Voltando ao seu convento, quiz trabalhar no seu commentario aos psalmos, mas desaparecêra-lhe o manuscrito: furtára lh'o um noviço que fugira com elle. Uma ardente oração do santo restituira-lhe a posse do precioso volume. D'ahi, sem duvida, a crença popular, justificada por muitos exemplos, de que elle recebêra o privilegio especial de fazer reaparecer os objectos perdidos. Essa crença é quasi tão antiga como o santo, pois encontram-se vestigios d'ella n'um responso composto, pouco tempo depois, por S. Boaventura:

*Cedunt mare, vincula ;
Membra, resque perditas
Petunt et accipiunt
Juvenes et cani.*

Antigas ladainhas em uso na ordem de S. Francisco incluem tambem esta invocação :

« Santo Antonio, que deparas as cousas perdidas, ora por nós. »

Foi tambem ao pé do convento de Montpellier que o bemaventurado, cuja eloquencia era tão poderosa sobre os homens, mostrou, segundo a tradição, que a palavra divina não tinha menos imperio sobre os animaes : o coaxar de um povo de rãs n'um tanque visinho perturbava o recolhimento dos religiosos ; ordenou o santo aos ruidosos batrachios que se calassem, e foi obedecido immediatamente. D'este prodigio encontram-se analogos na vida de alguns santos.

De Montpellier, fr. Antonio foi transferido para Tolosa. Ahi achou-se em contacto mais directo com os herejes, e converteu um grande numero d'elles. Valeu-lhe um enorme